

IEDA MARIA FERREIRA NOGUEIRA SILVA

**A RECEPÇÃO DE FRANZ KAFKA EM
PERIÓDICOS CARIOCAS E PAULISTAS:
1941-1983**

**ASSIS
2006**

IEDA MARIA FERREIRA NOGUEIRA SILVA

**RECEPÇÃO DE FRANZ KAFKA EM
PERIÓDICOS CARIOCAS E PAULISTAS:
1941-1983**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de doutora em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientadora: Dra. Marlene Holzhausen

**ASSIS
2006**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Silva, Ieda Maria Ferreira Nogueira
S586r A recepção de Franz Kafka em periódicos cariocas e paulistas:
1941 – 1983 / Ieda Maria Ferreira Nogueira Silva. Assis, 2006
216 f.

**Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de
Assis-**

Universidade Estadual Paulista.

1. Kafka, Franz, 1883 – 1924. 2. Literatura alemã – História
e crítica. 3. Periódicos brasileiros. I. Título.

CDD 830.9

056.9

À minha família, que em muitos momentos
abriu mão do meu convívio.

Ao Amarildo, que me acompanhou em todos
os momentos.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só pôde ser realizado graças à contribuição de muitas pessoas. Manifestamos, agora, o nosso carinho e nossa gratidão a todas estas pessoas.

Aos colegas e professores, que de maneira direta ou indireta, auxiliaram nesta caminhada: Profa. Dra. Diléa Zanotto Manfio, Prof. Dr. Fernando Cazarini e Maira Angélica Pandolfi.

À orientadora Profa. Dra. Marlene Holzhausen, que além da orientação segura e competente, foi uma amiga para todas as horas.

Aos funcionários do “Arquivo do Estado de São Paulo” e da “Biblioteca Nacional” do Rio de Janeiro, que sempre que possível estiveram me ajudando.

K

Uma letra procura
o calor do alfabeto.
Uma letra perdida
No palor da estalagem
Constante matemática
na tela de variáveis,
uma letra se esforça
por subir à palavra
que não se molda nunca
ou se omite à leitura
na câmara sombria
carvão cavado em dia.

•

O ponto segue a letra
em seu itinerário
Cachorro, escravo, mínimo
secretário de busca,
fadado a consumir-se
ante constelações
de símbolos multívocos,
ele próprio enganado
a seu amo, no engano
de pleitear a chave
do que é vôo, na ave

K.

Mas o alfabeto existe,
fora de qualquer letra,
em si, por si, na graça
de existir, na miséria
de não ser decifrado,
mesmo que seja amado.
O súbito vocábulo
queima de sul a norte
o espaço neutro, e nele
a letra não figura
A letra inapelada
que exprime tudo e é nada.

(Carlos Drummond de Andrade)

SILVA, I. M. F. N. *A recepção de Franz Kafka em periódicos cariocas e paulistas: 1941-1983*. 2006. 216 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2006.

RESUMO

“A recepção de Franz Kafka em periódicos cariocas e paulistas: 1941-1983” visa estudar a recepção de Franz Kafka no Brasil, tendo por base os artigos publicados em *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, de São Paulo e *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, entre 1941 e 1983. Com este estudo podemos notar que muito já se falou de Kafka e muitas foram as interpretações de seus textos: teológicas, biográficas, religiosas, temáticas (absurdo). Nos artigos encontrados o maior número se encontra em São Paulo, principalmente pela mudança do centro cultural do Rio de Janeiro para São Paulo, quando o Rio de Janeiro deixa de ser capital do país.

Palavras chaves: recepção; periódicos; Franz Kafka, Brasil.

SILVA, I. M. F. N. *The reception do Franz Kafka in periodics of Rio de Janeiro and São Paulo: 1941-1983*. 2006, 216 f. PhD Thesis – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2006.

ABSTRACT

“The reception of Franz Kafka in periodics of Rio de Janeiro and São Paulo: 1941-1983” aim at to study the reception of Franz Kafka in Brazil, having for base the articles published in the *O Estado de S. Paulo* and *Folha de S. Paulo*, of São Paulo and *Correio da Manhã* and *Jornal do Brasil*, in Rio de Janeiro, between 1941 and 1983. With this study we can notice that much already was said of Kafka and many had been the interpretations of its texts: theological, biographical, religious, thematic (nonsense). Inside of joined articles the biggest number if finds in São Paulo, mainly for the change of the cultural center of Rio de Janeiro for São Paulo, when Rio de Janeiro leaves of being capital of the country.

Keywords: Reception; Periodic; Franz Kafka; Brazil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Matérias sobre Kafka no <i>Correio da Manhã</i> e no <i>Jornal do Brasil</i>	163
Figura 2 – Matérias sobre Kafka n’ <i>O Estado de S. Paulo</i> e na <i>Folha de S. Paulo</i> ..	167
Figura 3 – Matérias sobre Kafka no Rio de Janeiro e em São Paulo	171
Figura 4 – Críticos do Rio de Janeiro	172
Figura 5 – Críticos de São Paulo	173
Figura 6 – Obras citadas no Rio de Janeiro	174
Figura 7 – Obras citadas em São Paulo	174

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 KAFKA: VIDA E OBRA	23
2 A RECEPÇÃO	42
3 FRANZ KAFKA NO RIO DE JANEIRO	60
3.1 <i>Correio da Manhã</i>	60
3.2 <i>Jornal do Brasil</i>	84
4 FRANZ KAFKA EM SÃO PAULO	106
4.1 <i>O Estado de S. Paulo</i>	106
4.2 <i>Folha de S. Paulo</i>	142
5 FRANZ KAFKA ENTRE O RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS	176
REFERÊNCIAS	180
ANEXOS	189

INTRODUÇÃO

O presente estudo sobre a recepção crítica de Franz Kafka (1883-1924) consiste na compilação de artigos dedicados ao escritor, que foram publicados nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, no período de 1941 a 1983. O tema “A recepção de Franz Kafka em periódicos cariocas e paulistas – 1941-1983” tem por objetivo reunir as críticas referentes a Kafka, publicadas em periódicos dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, para se mostrar a importância deste escritor no Brasil. A importância de Franz Kafka no Brasil se nos revela, por exemplo, quando consultamos alguns dicionários que trazem o adjetivo *kafkiano* como sinônimo daquilo que é absurdo ou assustador. Sobre esta conceitualização de *kafkiano*, Eduardo Brito nos mostra como surgiu a associação entre o adjetivo e o caráter labiríntico:

Segundo o estudioso Michael Muller, a expressão *kafkaesk*, como sinônimo de algo labiríntico, ameaçador e assustador tomou corpo na cultura erudita alemã a partir da década de 40. A construção de tal alargamento semântico deveu-se fundamentalmente à apropriação da obra kafkiana por parte dos existencialistas franceses que estariam buscando um entendimento mesmo da existência humana, a partir das pontes criadas entre a situação literária e a existência por um fio forjada pelos nazistas. Desde então, surge na crítica kafkiana um novo termo que vai permanecer como uma das suas linhas interpretativas mais produtivas: a poética do Absurdo. (BRITO, 2006, p. 91).

O interesse em reunir artigos e comentários publicados em periódicos deveu-se não só à empatia por Franz Kafka, mas também à sua relevância dentro da literatura universal. O texto kafkiano é “atemporal”, ou seja, a sua leitura pode ocorrer em qualquer época, sem que se perca o seu sentido. Em outras palavras, o leitor que se

dedicar à leitura da prosa kafkiana, qualquer que seja o momento, poderá notar um reflexo da sociedade contemporânea nos seus trabalhos.

A grandeza de Kafka é evidente e seu gênio indiscutível. É o escritor menos controvertido deste século e talvez o primeiro, ainda que em nada, ou quase nada, se pareça a este século. A leitura de outros escritores nos leva a pensar na época em que escreveram... Kafka é uma exceção a essa regra tão comum na história da literatura. É um escritor a quem podemos ler atemporalmente. (BORGES, 1983, p. 49).

Procurou-se com este trabalho recuperar parte da memória crítica literária, valendo-se, para tanto, dos estudos realizados e publicados no Brasil sobre a vida e a obra desse autor. Ao se entrecruzar e analisar os dados coletados dos jornais com os citados estudos, a presente pesquisa se afirma como uma fonte de consulta para outros futuros trabalhos, apontando, também, caminhos para um aprofundamento do estudo da recepção crítica desse autor. Muitos foram os trabalhos que tiveram como tema central o escritor tcheco, esta pesquisa, por sua vez, inova na medida em que se preocupa com a recepção do escritor no Brasil, comparando dois estados diferentes: Rio de Janeiro e São Paulo.

A escolha do corpus da pesquisa e do período a ser estudado recaiu sobre o eixo Rio-São Paulo, que sempre se caracterizou como o pólo de divulgação da cultura brasileira. Delimitadas as cidades de publicação do material a ser pesquisado, surgiu a questão da escolha dos jornais. No Rio de Janeiro fora escolhido, inicialmente, o *Correio da Manhã*, por ser este o primeiro jornal a publicar uma matéria sobre o escritor tcheco no Brasil. Por se acreditar na insuficiência de apenas um referente de cada região, incluiu-se o *Jornal do Brasil*, devido a sua grande circulação no estado do Rio, durante o período analisado. Quanto às publicações paulistas, a escolha se deu de

uma forma parecida, ou seja, elegeram-se os dois jornais de maior circulação no estado: *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*.

Uma vez escolhido o material de referência, surgiu a dúvida sobre o período a ser estudado. Firmou-se, por fim, o ano de 1941 como princípio do período a ser analisado, por ser este o ano em que Otto Maria Carpeaux apresenta Franz Kafka ao Brasil, publicando, assim, a primeira matéria sobre o escritor em nosso país. Quanto a esta apresentação de Kafka ao Brasil, há quem diga, que os leitores brasileiros, na verdade, já o conheciam. Eduardo Brito, em sua tese de doutorado, relata um contato que teve com Antonio Candido, no qual o professor afirma que já se conhecia Franz Kafka em nosso país:

Conforme carta de Antonio Candido a nós endereçada em 31 de julho de 2002, há, por volta de 1939, em certo segmento do meio intelectual brasileiro, um sentimento de entusiasmo pela obra de Franz Kafka, entusiasmo esse despertado pelo físico e professor da Universidade de São Paulo, Mário Schemberg que trazia os textos de Kafka em tradução francesa para um grupo de amigos. O grupo era formado por Antonio Candido, Gilda de Moraes Rocha, Paulo Emílio Salles Gomes, entre outros. O primeiro livro lido pelo grupo foi “*La Métamorphose*”, numa coletânea de cerca de dez narrativas curtas, editada por Alexandre Vialatte. (BRITO, 2006, p. 135).

Este primeiro contato com os textos kafkianos não está documentado em nenhum dos periódicos pesquisados, e por serem os periódicos o nosso objeto de pesquisa, optamos por considerar, apenas, o que muitos críticos afirmam: a recepção de Franz Kafka no Brasil teve início com um texto de Otto Maria Carpeaux para o *Correio da Manhã*. A partir da necessidade de uma delimitação do tempo, para que o trabalho não se tornasse algo “perdido no tempo”, ou sem referência temporal, decidiu-se como término para o levantamento do material o ano de 1983. Esta decisão teve como base a importância deste ano para o escritor: trata-se do centenário de nascimento de Kafka.

Considerando as diferenças entre a cultura alemã e a cultura brasileira, é preciso refletir um pouco sobre a forma como se dá a recepção das obras de Kafka nesses dois países, Brasil e Alemanha. Assim, torna-se necessário discorrer um pouco a respeito da biografia de Kafka, levando-se em consideração o local e a época em que o escritor esteve inserido. Vilém Flusser (1961) em seu artigo “Praga, a cidade de Kafka” afirma ser importante conhecer o momento histórico e social em que o escritor é criado para compreender o fenômeno Kafka. É importante discutir, ainda que minimamente, o espaço do autor, ou seja, a sua cidade natal, assim como a relação que ele estabelecia com a religião, visto que dentre as várias interpretações sobre Kafka, estas questões estão presentes.

A primeira questão a ser levantada sobre o escritor seria: Como classificar Franz Kafka? É inexato defini-lo como escritor tcheco, como acontece freqüentemente, isto porque Kafka além de se tornar um cidadão tcheco somente nos últimos anos de sua vida – até 1918 fora cidadão austríaco –, nunca escreveu uma única linha de suas obras na língua do país; o que não o faz, portanto, autor da literatura tcheca. Por outro lado, embora escreva toda a sua obra em língua alemã, tão pouco pode ser definido como escritor alemão, pois não nascera na Alemanha. Considerava-se, ainda, judeu, mas sem professar a fé. Portanto, Kafka foi escritor austríaco (depois tcheco) e judeu de expressão alemã. Para os tchecos, Kafka é um falante do alemão e para os demais, um tcheco inserido em uma comunidade judaica de língua alemã. Optou-se por chamá-lo de escritor universal, já que como alguns críticos afirmam: “Não se pode classificar Kafka. Kafka é inclassificável” (MOUTINHO, 1965, p. 2).

Franz Kafka nasceu em Praga, então capital do Império Austro-Húngaro, em 3 de julho de 1883, e morreu em Kierling, perto de Viena, em 3 de julho de 1924. Filho mais velho do comerciante Hermann Kafka e de sua esposa Julie, teve a maior parte das suas obras publicadas postumamente. Max Brod, amigo de Kafka, publica todos os seus livros, após a sua morte, gerando, assim, muita polêmica. Algumas críticas recaem sobre Brod, entre elas a possibilidade de uma alteração na sequência das obras e o fato de que Kafka havia lhe pedido que queimasse seus manuscritos. Há quem afirme que, em sinal de amizade, Brod deveria haver realizado o desejo do amigo e não publicado as obras.

Para muitos estudiosos de Kafka, sobre os quais falaremos nos próximos capítulos, a relação conturbada do autor com a família, com os poucos amigos que teve e o relacionamento afetivo com mulheres, com as quais nunca chegou a se casar, são de grande importância para a interpretação dos textos kafkianos. Dentro da sua família, a única pessoa, segundo o próprio Kafka, com quem ele realmente se identificava e que, também, o compreendia era sua irmã Ottilia. Já com o pai o relacionamento era totalmente difícil. É passível de discussão a quem se atribuir a responsabilidade por esta distância entre eles. Se Hermann Kafka é rude e grosseiro, Franz Kafka, por sua vez, também se evidencia, para muitos críticos, como uma pessoa fraca e incapaz de mostrar seus verdadeiros interesses ao pai.

Não é somente a obra de Kafka que sofre alterações com o passar do tempo, mas também a própria crítica literária que segue caminhos diversos. Nas últimas décadas, este ramo do conhecimento passou por várias modificações. Percebe-se a presença do impressionismo, do *new-criticism*, do estilismo, do marxismo, da

fenomenologia, do estruturalismo, para na década de 60 dar-se início aos estudos sobre a estética da recepção, base teórica utilizada no presente trabalho.

Antes do surgimento da estética da recepção, a preocupação básica dos críticos literários era com a obra ou com o autor. Com o passar do tempo, após o aparecimento desta linha de estudo, a crítica literária desvia a sua atenção para a presença do leitor. Não basta existir um bom autor e um bom texto se não houver um leitor. É por meio deste leitor que saberemos como se dá a recepção do autor e da obra em questão.

Sob este aspecto, a estética da recepção apresenta-se como uma teoria em que a investigação muda de foco: do texto enquanto estrutura mutável, ele passa para o leitor, o “Terceiro Estado”, conforme Jauss o designa, seguidamente marginalizado, porém não menos importante, já que é condição da vitalidade da literatura enquanto instituição social. (ZILBERMAN, 1989, p. 10).

Com base na estética da recepção, iniciada por Hans Robert Jauss, na década de 60, obtém-se respostas para vários questionamentos sobre a literatura. Este método discute o aspecto diacrônico e sincrônico, bem como a relação entre literatura e sociedade. Por querer inovar o estudo literário, a estética da recepção é muito criticada, e a inserção do leitor neste tipo de pesquisa é o principal motivo das críticas.

Ao se questionar a recepção de um determinado autor ao longo do tempo, ou mesmo dentro de uma época específica, acaba-se por englobar outras escolas críticas. Cada período tem a sua forma de interpretar um texto, assim, para analisar as críticas imputadas a alguém é necessário conhecer quais são as teorias críticas veiculadas na época em que a obra foi escrita. Ou seja, para se poder avaliar como o escritor foi recebido em uma determinada época é preciso conhecer a estética literária que lhe é contemporânea e os tipos de críticas que nortearam esse período.

A obra de Franz Kafka representa um grande desafio para a crítica e para o próprio leitor de seus textos, uma vez que permite uma variedade de interpretações possíveis. Seus textos, inicialmente, são vistos como “exageros” e ele como um escritor sem importância. Somente em 1934, com um estudo de Walter Benjamin (1987a), “Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte”, pode-se considerar o início de uma grande discussão sobre o escritor e sua obra.

Mesmo sendo este o primeiro texto a ser publicado sobre Kafka, na verdade, é com Max Brod que se inicia realmente a recepção e a divulgação dos textos kafkianos. Brod tem como foco para a interpretação da prosa kafkiana a alegoria religiosa. A partir de então, discordando desta forma de ver a literatura de Kafka, outros críticos apresentaram suas leituras sobre esses textos. Alguns acreditavam que os mesmos fossem um reflexo do mundo moderno, da vida atribulada dentro de seu lar, da ausência de um pai atencioso, de um mundo absurdo, estranho, etc. Enfim, muitas outras interpretações são discutidas e esta variedade é tão grande que dificilmente poderá se dizer que se esgotaram todos os comentários sobre Franz Kafka.

Foram vários os escritores que se dedicaram a analisar e a publicar os textos a respeito de Kafka: Walter Benjamin, Gershom Scholem, Bertolt Brecht, Max Brod, Jean Paul Sartre, Georg Lukács, Albert Camus e Theodor Adorno.

No Brasil, o primeiro crítico a falar sobre Kafka é Otto Maria Carpeaux, no ano de 1941, no *Correio da Manhã*. É Carpeaux quem apresenta o escritor tcheco ao Brasil. Paulatinamente, aparecem outros escritores que também se dedicam ao estudo de Kafka, mas é Carpeaux quem possui o maior número de textos publicados especificamente sobre este escritor.

Pelo fato de encontrar-se em periódicos o maior número de críticas sobre Kafka no Brasil, desde a primeira matéria publicada até o centenário de seu nascimento, tornou-se importante pesquisarmos este meio de comunicação. Torna-se fundamental, portanto, conhecer o caminho seguido pelo jornal para se fazer algumas comparações com os textos presentes e a ideologia do material em questão.

É de conhecimento geral que no Brasil há uma grande variedade de material impresso, mas é no eixo Rio-São Paulo que se encontra a maior circulação e divulgação da cultura brasileira. Nestes dois Estados, Rio de Janeiro e São Paulo, mais precisamente nas capitais, destacam-se alguns jornais. O primeiro a publicar algo sobre Kafka, como já vimos, foi o *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, seguido pelo periódico carioca de maior circulação, o *Jornal do Brasil*. Do outro lado do eixo, também muito importantes, principalmente pelo número de leitores que possuem, estão *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*.

De forma geral, a história dos quatro jornais não difere muito. O primeiro a aparecer foi a *Província de São Paulo* (04 de janeiro de 1875), seguido pelo *Jornal do Brasil* (09 de abril de 1891), *Correio da Manhã* (15 de junho de 1901) e, por último, a *Folha de S. Paulo* (19 de fevereiro de 1921). Os quatro jornais sofreram vários ataques e censuras, mas o único que realmente vê decretado o seu fim, em 1974, é o jornal carioca *Correio da Manhã*. Os outros três se mantêm em circulação até hoje. Outro importante acontecimento para a literatura foi a criação de cadernos dirigidos especialmente a este tipo de estudo. Inicialmente, as críticas literárias apareciam nos rodapés dos jornais, mas com o passar do tempo ganharam espaço de destaque nos mesmos, até conquistarem o suplemento exclusivo. Além deste espaço, a crítica passa

por uma melhora considerável no que diz respeito aos seus responsáveis. Aumenta o número de pessoas que se dedicam a este tipo de estudo e os críticos passam a se especializar em seu trabalho. Sobre este assunto torna-se de grande relevância o comentário de Nelson Werneck Sodré:

As colaborações literárias, aliás, começam a ser separadas, na paginação dos jornais: constituem matéria à parte, pois o jornal não pretende mais ser, todo ele, literário. Aparecem seções de crítica em rodapé, e o esboço do que, mais tarde, serão os famigerados¹ suplementos literários. Divisão de matéria, sem dúvida, mas intimamente ligada à tardia divisão do trabalho, que começa a impor as suas inexoráveis normas. (SODRÉ, 1999, p. 296.).

Após descrever o caminho a ser seguido pelo presente trabalho, torna-se necessário discorrer sobre os caminhos percorridos pelo pesquisador. Como é comum em todas as pesquisas, encontraram-se alguns obstáculos no decorrer do estudo. Num primeiro momento, a realização da investigação compreendeu três etapas. O primeiro passo foi o levantamento do material teórico, contando com o apoio de colegas, professores e, especialmente, da orientadora. Alguns colegas que já haviam estudado ou trabalhado com este tipo de pesquisa forneceram indicações bibliográficas. O mesmo ocorreu com antigos professores que, ao saberem do tema da pesquisa, ou a pedido da pesquisadora, fizeram a indicação de textos importantes para o tipo de estudo proposto.

Neste primeiro momento, foram percorridas várias bibliotecas de Assis e São Paulo. Iniciou-se a busca pela própria biblioteca da instituição para a qual este trabalho foi desenvolvido. Na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campus de Assis, foram consultados os livros em que se encontravam textos de e sobre o escritor. Não sendo suficiente o material localizado, partiu-se para a biblioteca central da

¹ Famigerados pode ser entendido neste caso como famosos.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Muitos livros de extrema importância foram encontrados nesta biblioteca, entre eles a biografia de Kafka escrita por Brod, traduzida para o português. Em alemão, também, foi possível entrar em contato com um valioso livro de Walter Benjamin: *Benjamin über Kafka*. A leitura do material até aqui encontrado revelou informações sobre a existência de muitos outros textos, em outras palavras, por meio da bibliografia nos livros lidos, conhecemos outras importantes indicações.

Como os textos kafkianos são escritos em língua alemã, fez-se um levantamento das obras existentes no Instituto Goethe, em São Paulo, local onde se encontra um material de grande importância para o estudo do escritor. Nesta biblioteca, encontram-se, entre outras obras: *O pesadelo da Razão*, de Ernst Pawel, uma longa e importante biografia de Franz Kafka; *Conhecer Kafka e sua obra*, de Luiz Isquierdo; e, finalmente, um livro que discute a recepção de Kafka em Portugal, *Kafka. Perspectivas e leituras do universo kafkiano*, organizado por Gonçalo Vilas-Boas e Zaida Rocha Ferreira.

Mesmo tomando o contato com vários textos importantes, ainda faltavam alguns importantes críticos estrangeiros: Brecht, Scholem, Adorno, Sartre, entre outros. Para se concluir esta etapa da pesquisa, a Biblioteca “Mário de Andrade”, em São Paulo, foi de suma importância. Nesta última, encontram-se materiais muito interessantes e úteis para se conhecer a visão de vários escritores consagrados que se dedicaram a falar sobre Franz Kafka. Alguns textos procurados e não encontrados, em outras bibliotecas, foram localizados na Biblioteca Municipal: *Ensaio*, de Thomas Mann, *Walter Benjamin. História de uma amizade*, de Gershom Scholem, *Por uma arte*

revolucionária, de André Breton e *El compromiso en literatura y arte*, de Bertolt Brecht.

A consulta em sites da Internet também foi de grande valia para este estudo. Alguns sites possuem indicação de textos que foram de grande ajuda tanto para o estudo específico do autor quanto para a leitura de textos teóricos. Ao conectar sites de busca, por exemplo, deparamo-nos com a última edição do livro *História da imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré, o qual possui um capítulo inédito sobre a imprensa brasileira do final do século XX. Também descobrimos o livro *História da Folha de S. Paulo*, de Carlos Guilherme Motta e Maria Helena Capelatto, que discute o surgimento, a evolução, as modificações e os obstáculos que o jornal encontrou no decorrer dos anos.

A segunda etapa da pesquisa deteve-se na consulta aos jornais, a fim de se encontrar matérias sobre Kafka. Inicialmente, acreditava-se que indo diretamente à redação dos periódicos este levantamento seria mais fácil. O que causou espanto foi que se nos ocorreu, justamente, o contrário. Na *Folha de S. Paulo*, primeiro local a ser procurado, deparamo-nos com algumas dificuldades: além dos preços cobrados, por hora de pesquisa, serem muito altos, o tempo limite permitido para se fazer este levantamento é curto, visto que só se pode entrar com hora marcada, pois o espaço é pequeno. Tem-se a possibilidade de se encomendar uma pesquisa via funcionários, mas esta vem incompleta. A título de esclarecimento, os funcionários do jornal localizaram somente 12 matérias sobre Kafka, porém, somente neste periódico, encontraram-se, durante o trabalho de pesquisa, 204 artigos, incluindo-se os artigos específicos sobre o autor e referências. Na redação de *O Estado de S. Paulo* o

problema é ainda maior: não é permitida a entrada de pesquisadores nas dependências do arquivo. A única forma de acesso é por meio de encomenda de pesquisa, método que já se mostrou deficitário para o pesquisador.

Outro local pesquisado foi o “Arquivo do Estado de São Paulo”, órgão do governo do Estado onde se encontra parte do que se necessita. Neste local existe uma pequena quantidade de exemplares do *Jornal do Brasil* e a coleção quase completa da *Folha de S. Paulo* e d’*O Estado de S. Paulo*. No Arquivo, a consulta ao acervo é muito mais prática e eficiente. O local fica aberto de terça a domingo, e os funcionários estão sempre dispostos a nos ajudar. Se há alguma dificuldade neste acervo, diz respeito às cópias das matérias encontradas, as quais podem ser digitalizadas. O problema está no processo de digitalização que, além de ser um processo demorado, torna o material, muitas vezes, quase ilegível.

Na “Biblioteca Mário de Andrade”, encontram-se os números dos jornais paulistas que nos faltavam para a pesquisa. Também neste local, mesmo com hora marcada, o prazo permitido é curto, somente duas horas por dia, em compensação, o pesquisador conta com o apoio dos funcionários para o levantamento do material. Como já visto, não nos foi possível coletar todos os textos necessários.

Várias outras bibliotecas foram contatadas em São Paulo, mas as matérias dos jornais cariocas não foram localizadas. Este levantamento se mostrou ainda mais complexo, isto porque em nenhuma biblioteca da cidade de São Paulo encontramos os jornais cariocas. Em Assis, no CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa) encontram-se os primeiros anos do *Correio da Manhã*. O restante do material está arquivado somente no Rio de Janeiro, na “Biblioteca Nacional”.

A terceira etapa caracterizou-se pela leitura, análise e classificação dos textos encontrados. À primeira vista, o aspecto quantitativo das matérias encontradas nos periódicos é o que mais chama a atenção. Mesmo conhecendo a fama e a importância de Franz Kafka, é surpreendente a quantidade de vezes que se encontram referências ao nome do escritor. Na maior parte das matérias, o que encontramos é a citação do nome de Kafka que aparece em artigos que não têm como assunto principal o escritor tcheco, em contrapartida, nos demais textos, sim, aparecem críticas especialmente direcionadas a ele ou a sua obra. Entre estes artigos, comenta-se bastante sobre a literatura kafkiana, deixando-se um pouco de lado o aspecto biográfico do autor.

O presente trabalho se organiza em cinco capítulos. O primeiro apresenta uma breve biografia do autor para, no seguinte comentar sobre a estética da recepção e algumas críticas feitas sobre Franz Kafka dentro e fora do Brasil. Para uma melhor visão sobre a recepção de Kafka no Rio de Janeiro, o terceiro capítulo separa os dois jornais, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*. “Franz Kafka no Rio de Janeiro” conta, inicialmente, com uma breve história do jornal, e em seguida parte para a análise dos textos encontrados. O mesmo acontece no quarto capítulo que versa sobre os periódicos paulistas, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. O último capítulo, antes da conclusão, destina-se a uma comparação entre as matérias encontradas nos dois Estados, Rio de Janeiro e São Paulo.

Não se pretende com este trabalho, esgotar os possíveis comentários sobre a recepção crítica de Franz Kafka, mas sim levantar algumas questões de grande importância para a compreensão da crítica sobre o escritor. É difícil dizer qual seria o

melhor enfoque dado à sua obra, pois, como já foi dito, são várias as interpretações conferidas a seus textos. O principal objetivo deste estudo consiste em mostrar quais são as visões críticas sobre Kafka, no Brasil, dentro do período de 1941-1983, considerando-se São Paulo como grande detentora de publicações sobre o escritor.

1 KAFKA: VIDA E OBRA

A complexidade do escritor Franz Kafka se evidencia com a sua própria (in)definição. Tomemos, como exemplo, a citação de Durval Muniz de Albuquerque Jr.:

Judeu, tcheco, vivendo em uma Boêmia submetida ao Império Austro-Húngaro, dilacerado por tensões crescentes entre suas várias nações e etnias, falando e escrevendo em alemão, que poucos dominavam à sua volta, convivendo com uma sociedade judaica orgulhosa, rica e isolada do restante da sociedade, incapaz de se abrir para a cultura em que estava imersa, sendo vítima, por isso, de um sentimento e de um ódio que se mostravam cada vez mais intolerantes e agressivos, Kafka parece falar, em suas obras, deste devir que capta ao seu redor. (ALBUQUERQUE JR., 2004, p. 25).

Há quem o defina como “boêmio-alemão-judeu” (MAYER, s/d), “austro-tcheco-alemão-judeu” (ANDERS, 1983), ou utilize somente um desses termos para caracterizá-lo. Na tentativa de se evitar uma definição errônea, por estar o autor inserido em todos estes grupos, acreditamos que a definição mais correta seja a de “escritor universal”, não só porque abrange a idéia de um escritor de ampla repercussão, mas também porque qualifica, de maneira correta, as suas obras que se mantêm atuais até os dias de hoje e que abordam problemas, igualmente, universais.

Dada à complexidade da própria definição do escritor e para melhor compreendê-lo, acredita-se que seja necessário contextualizá-lo, em seu espaço e seu tempo, como defende Vilém Flusser (1961, p. 3): “Torna-se necessário, para a compreensão do inquietante fenômeno Kafka, desta procura de Deus através do diabo, uma compreensão de Praga”. Assim, na esteira do crítico, voltaremos nossa atenção para sua cidade natal.

Praga foi fundada no século IX, tornando-se sede da Boêmia. A cidade começou a crescer no século XIII, mais precisamente em 1232 quando, por determinação de Wenceslau I, rei da Boêmia, implantaram-se comunidades constituídas por colonos de origem alemã. Na Idade Média, alcançou o seu apogeu sob o comando do Imperador Carlos IV, que fixou residência em Hradcany, fundando, em 1348, a primeira Universidade do Império. Em 1442, foi conquistada pelos hussitas, que se apoderaram da Universidade de Praga, levando os professores e estudantes alemães a emigrarem para Leipzig. Um grande incêndio afetou a cidade em 1541. Durante o século XVII, a cidade sofreu várias batalhas e derrotas e só voltou a recuperar o seu esplendor artístico no século posterior.

A cidade de Praga pertencia ao Império austríaco, o qual se dividia em duas partes: Cisleithânia e Transleithânia. De um lado, da Áustria-Hungria, os magiares (húngaros) dominavam a região que era habitada pelos povos de origem tcheca, enquanto que do outro lado, encontrava-se uma minoria germânica dominante. O Imperador Francisco José I instaurou, em 1867, um sistema de monarquia dualista, concedendo à Hungria um estatuto semelhante ao da Áustria. O Tratado de Saint-Germain-en-Laye estabeleceu que a Áustria se transformaria em um Estado com território menor. O Tratado de Trianon, por sua vez, determinou que a Hungria passaria a ser um Estado independente. No entanto, ao longo dos anos, as contradições entre uma Hungria agrária e uma Áustria industrializada se tornavam cada vez mais acentuadas. Esta monarquia dualista durou até a derrota do Império Austro-Húngaro e da Alemanha, na I Guerra Mundial. Em 1918, o Império foi oficialmente dissolvido, quando se proclamou a República Democrática da Hungria. Neste mesmo ano, os

tchecos e os eslavos juntaram-se e formaram a República Independente da Tchecoslováquia. Este país continha uma minoria alemã, o que levou à dissolução da Tchecoslováquia quando da anexação dessa minoria pela Alemanha, mediante o Acordo de Munique, em 1938.

Franz Kafka nasceu na comunidade judaica de Praga, uma minoria de língua alemã, na parte velha da cidade, em 3 de julho de 1883. O escritor era o filho mais velho do comerciante judeu Hermann Kafka (1852-1931) e de Julie, nascida Löwy (1856-1934), que provinha da comunidade judaica do sul da Boêmia. Hermann Kafka nasceu na comunidade de Osek, era filho de um açougueiro judeu e teve uma infância marcada por privações materiais. Ao emigrar para Praga, à custa de economias e de seu casamento com Julie Löwy, estabeleceu-se como comerciante médio, o que isentou seus filhos das privações que ele mesmo passara em sua infância.

Kafka não foi filho único. Teve três irmãs: Elli (1889-1941), Valli (1890-1942) e Ottla (1892-1943). Em *Brief an den Vater (Carta ao pai)*, demonstra preferência pela irmã caçula e descreve com minúcia todas as suas angústias colegiais, os exames e os obstáculos a vencer. Além de suas irmãs, dois irmãos morreram ainda pequenos: Georg que nasceu em setembro de 1885, mas morreu de sarampo na primavera de 1887, e Heinrich, que nasceu em setembro de 1887 e morreu em 1888, vítima de otite.

Depois da infância difícil, a puberdade trouxe a magreza, o crescimento e a luta para manter-se ereto. Kafka odiava o seu corpo e tinha horror à intimidade física, o que relataria em uma de suas cartas dirigida ao pai:

Naquela oportunidade, e apenas naquela ocasião, teria necessitado de encorajamento. Se apenas com a tua presença física me esmagavas... Lembro, por exemplo, quando nos desvestíamos juntos em uma cabina. Eu, fraco, débil, enxuto; tu, forte, grande, amplo. Já na cabina sentia-me lamentável, e não somente diante de ti, mas diante de todo o mundo, pois eras para mim a medida de todas as coisas. Mas quando saíamos da cabina e íamos entre o povo, eu seguro pela tua mão, um esqueleto pequeno, hesitante, descalço sobre as tábuas, com medo da água, incapaz de imitar os teus movimentos ao nadar, que, com boa intenção, mas, na realidade para minha profunda vergonha, repetias constantemente para ensinar-me, então sentia-me profundamente angustiado, e todas as minhas experiências desalentadoras em todos os campos, nesses momentos, coincidiam perfeitamente. Preferia que te desvestisses primeiro e ficar sozinho na cabina, retardando a vergonha de minha apresentação pública até que, por fim, vinhas buscar-me e tiravas-me dali. Agradecia-te o fato de não pareceres notar minha angústia e também estava orgulhoso do corpo de meu pai. Por outro lado, ainda hoje persiste essa diferença entre nós. (1997, p. 81)².

No final da adolescência, muitos dos seus amigos já se arriscavam em prosa e verso na tentativa de se tornarem escritores. Kafka começou a escrever aos 15 anos, mas manteve seus escritos protegidos, longe dos olhos de seus amigos. Infelizmente quase todos os textos dessa época foram queimados pelo próprio escritor em 1907, quando estava com 24 anos, por conta de uma crise em relação a sua escrita. Quanto mais escrevia, menos seguro se sentia em escrever, pois o ato exigia rendição total, sinceridade e honestidade. Escrever significava, ao mesmo tempo, engajar-se e libertar-se, questionar a sua existência, o mundo dos valores, encarar a impossibilidade de escrever, nomear o silêncio. O próprio escritor comenta:

² Damals und damals überall hätte ich die Aufmunterung gebraucht. Ich war ja schon niedergedrückt durch Deine bloße Körperlichkeit. Ich erinnere mich zum Beispiel daran, wie wir uns öfters zusammen in einer Kabine auszogen. Ich mager, schwach, schmal, Du stark, groß, breit. Schon in der Kabine kam ich mir jämmerlich vor, und zwar nicht nur vor Dir, sondern vor der ganzen Welt, denn Du warst für mich das Maß aller Dinge. Traten wir dann aber aus der Kabine vor die Leute hinaus, ich an Deiner Hand, ein kleines Gerippe, unsicher, bloßfüßig auf den Planken, in Angst vor dem Wasser, unfähig Deine Schwimmbewegungen nachzumachen, die Du mir in guter Absicht, aber tatsächlich zu meiner tiefen Beschämung immerfort vormachtest, dann war ich sehr verzweifelt und alle meine schlimmen Erfahrungen auf allen Gebieten stimmten in solchen Augenblicken großartig zusammen. Am wohlsten war mir noch, wenn Du Dich manchmal zuerst auszogst und ich allein in der Kabine bleiben und die Schande des öffentlichen Auftretens so lange hinauszögern konnte, bis Du endlich nachschauen kamst und mich aus der Kabine triebst. Dankbar war ich Dir dafür, dass Du meine Not nicht zu bemerken schienest, auch war ich stolz auf den Körper meines Vaters. Übrigens besteht zwischen uns dieser Unterschied heute noch ähnlich.

A maioria daqueles que começaram a escrever em alemão queriam fugir de seu judaísmo, em geral com o vago consentimento dos pais (o caráter vago era o que o tornava ultrajante). Queriam escapar, mas suas patas traseiras estavam ainda atoladas no judaísmo dos pais, enquanto as patas dianteiras não encontravam terreno seguro. E o desespero daí resultante servia-lhes de inspiração. (KAFKA, 1921, p. 7).

De 1893 a 1901, freqüentou o Instituto Alemão de Altstädter Ring, onde conheceu Oskar Pollak (1883-1915), crítico de arte que o familiarizara com novos aspectos da vida artística. Pollak, interessado pela arte e pela teoria estética, estimulava em Kafka preocupações relacionadas “com estilo, na arte e na linguagem” (PAWEL, 186, p. 88). Nesta fase, Kafka sentia a necessidade de ter amigos, de ter uma companhia espiritual e intelectual, o que encontrou em Pollak.

A intensidade pouco característica e bastante unilateral do vínculo dele com Oskar Pollak expressara uma sede de contato de final de adolescência, uma necessidade de romper o isolamento e correr o risco de expor-se como escritor e como ser humano adulto. (PAWEL, 186, p. 108).

Ao longo dos anos, freqüentou o curso de Engenharia no Instituto Técnico, que talvez possa ter exercido uma influência posterior na sua obra *In der Strafkolonie* (Na colônia penal). Ao final do estudo no Instituto Técnico, entre 1901 e 1906, cursou a Faculdade de Direito e estudou um ano de Filologia Românica. Concluído o curso de Direito, Kafka defendeu o doutorado nesta mesma área e, *a posteriori*, iniciou um estágio de um ano na prática jurídica.

Nos primeiros anos do século XX, Kafka teve uma participação discreta na vida cultural de Praga. A sua atuação nos colóquios literários desta cidade foi mais passiva do que de destacadas intervenções e poucos foram os amigos que compuseram o seu círculo de amizade. Dentre eles destacou-se Max Brod (1884-1968), que Kafka

conhecera em 1902. O ensaísta e romancista de língua alemã, e tcheco de nascimento, ficou internacionalmente conhecido como o editor dos trabalhos de Kafka. Devido à sua insistência, os romances, as novelas e os contos de seu amigo foram enviados às editoras e aos jornais, especialmente após a morte do escritor.

Ainda neste mesmo ano de 1902, ao passar férias em Lüblich e Triesch, com seu tio Siegfried, Kafka reuniu elementos para a sua narrativa *Der Landarzt* (Um médico da aldeia). Em fins de 1903 e começo de 1904, escreveu a primeira versão de *Beschreibung eines Kampfes* (Descrição de uma luta), publicada em 1908, na primeira edição da Revista *Hyperion*. Este é o marco da sua estréia em texto impresso. Em janeiro de 1904, em carta dirigida ao seu amigo Pollak, deixa transparecer a sua posição frente ao fenômeno literário:

Acho que só devemos ler a espécie de livros que nos ferem e trespassam. Se o livro que estamos lendo não nos acorda com uma pancada na cabeça, porque o estamos lendo? Porque nos faz felizes, como você escreve? Bom Deus, seríamos felizes precisamente se não tivéssemos livros e a espécie de livros que nos torna felizes é a espécie de livros que escreveríamos se a isso fôssemos obrigados. Mas nós precisamos de livros que nos afetam como um desastre, que nos magoam profundamente, como a morte de alguém a quem amávamos mais do que a nós mesmos, como ser banido para uma floresta longe de todos. Um livro tem que ser como um machado a quebrar o mar de gelo que há dentro de nós. É nisso que eu creio. (KAFKA, *Cartas aos meus amigos*, s/d, p. 9).

Influenciado por Pollak, lia regularmente a revista *Der Kunstwart*, pela qual entrou em contato com a literatura de Nietzsche e Hoffmannsthal. Além disso, aumentava o seu interesse pela documentação pessoal de Goethe, Grabbe, Hebbel, Byron, Amiel, Stifter, Kleist, Grillparzer, Thomas Mann, Robert Walser e Flaubert. Em *Briefe an Felice* (Cartas à Felice), Kafka demonstra o seu grande interesse por Flaubert:

Quanto a *Educação sentimental*, é um livro que, durante muitos anos, tocou-me tão a fundo quanto o fazem dois ou três seres humanos. A qualquer momento e em qualquer lugar que eu o abra, ele me deixa sobressaltado, com medo e toma-me inteiramente, e cada vez mais eu me sinto como um irmão espiritual desse escritor, ainda que pobre e infeliz. (15 nov. 1912). (KAFKA, 1985, p. 10).

Ao longo de toda a sua vida, Kafka se deixou influenciar fortemente pela literatura, os livros foram seus verdadeiros mestres, seus companheiros mais íntimos e, muitas vezes, seus antagonistas mais perigosos. Ele amava os livros, amava senti-los nas mãos, vê-los nas prateleiras. Suas primeiras leituras foram os contos de fadas, mais tarde, dedicou-se ao suspense. Leu sempre, passando por Conan Doyle, Knut Hamsun³, Sven Hedin⁴, James Fenimore Cooper⁵, Júlio Verne.

No ano de 1907 começou a escrever para a Revista *Hyperion*, fase esta em que produziu textos como o conto “Hochzeitsvorbereitung auf dem Lande” (Preparativos de um casamento no campo), ao mesmo tempo em que trabalhava na Companhia de Seguros Assicurazioni Generali. Neste mesmo ano, mudou-se, enfim, para a Rua S. Nicolau.

Em 1908, esta mesma Revista, dirigida por Franz Blei e Carl Sterheim, publicou pela primeira vez uma seleção de textos de Kafka. Editada anualmente em seis fascículos, os quais só podiam ser vendidos juntos, a Revista *Hyperion* teve uma tiragem de 1050 exemplares. Como parte do seu quadro de colaboradores estavam Rilke, Barrès⁶, Borchardt⁷, Brod, Croce, Gide, Hofmannstahl, Musil, Schickele, Sternheim, entre outros (cf. Anexo I). Em janeiro-fevereiro, no 1º volume da Revista, no fascículo 1, encontra-se *Betrachtung* (Contemplação), uma seleção de oito textos de

³ Knut Hamsun (1859-1952) – escritor norueguês.

⁴ Sven Hedin (1865-1952) – escritor sueco.

⁵ James Fenimore Cooper (1789-1851) – romancista norte-americano.

⁶ Maurice Barrès (1862-1923) – escritor francês.

⁷ Rudolf Borchardt (1877-1945) – poeta severo e arcaizante.

Kafka: “Der Kaufmann” (O comerciante), “Zerstreutes Hinausschauen” (Contemplação vaga na janela), “Der Nachhauseweg” (Volta ao lar), “Die Vorüberlaufenden” (Os Transeuntes), “Kleider” (Vestidos), “Der Fahrgast” (O Passageiro), “Die Abweisung” (A rejeição) “Die Bäume” (As árvores) (cf. Anexo II).

Bohemia, um jornal matutino de Praga, também portando o título *Betrachtungen* (Contemplações), publicou em 27 de março de 1910 os seguintes textos de Kafka: “Am Fenster” (Na janela), “Nachts” (À noite), “Kleider” (Vestidos), “Der Fahrgast” (O passageiro) e “Zum Nachdenken für Herrenreiter” (Para que os cavaleiros meditem). Algumas alterações se notam entre estas duas publicações. Kafka introduziu o texto “Zum Nachdenken für Herrenreiter” (Para que os cavaleiros meditem) e suprimiu “Der Kaufmann” (O comerciante), “Der Nachhauseweg” (Volta ao lar), “Die Abweisung” (A rejeição) e “Die Bäume” (As árvores). Em futuras publicações “Am Fenster” (Na janela) foi substituída por “Zerstreutes Hinausschauen” (Contemplação vaga na janela) e, finalmente, “Nachts” (À noite) por “Die Bäume” (As árvores).

Em 1910, Kafka entrou pela primeira vez em contato com o teatro iídiche, mais especificamente, com a Companhia de Lemberg e, no ano seguinte, freqüentando o Café Savoy, conheceu Jischak Löwy (1887-1942), diretor do referido teatro. Esta amizade levou Kafka a adquirir e a consultar obras sobre a cultura judaica. Depois de assistir à primeira peça iídiche, iniciou um estudo permanente sobre a história e a literatura judaicas, passou a ter aulas de hebraico e a revista sionista *Selbstwehr* tornou-se, então, uma leitura indispensável.

Como freqüentador habitual dos teatros, nos tempos de estudante, Kafka teve a sorte de viver em Praga, cidade que oferecia um cardápio teatral de excelente qualidade. O seu interesse pelo teatro o transformou em um crítico discriminador e incisivo, e em suas viagens ao exterior não perdia a oportunidade de assistir ao maior número de espetáculos. Dentre seus esforços literários na produção teatral, somente um fragmento de uma peça sobreviveu: parte de “Der Bau – Der Gruftwächter” (O guardião do túmulo). No ano de 1967 foi encontrada uma obra teatral inédita cuja autoria se atribuiu a Kafka, o que provocou e ainda provoca muitas dúvidas em vários especialistas. “A peça chama-se ‘O vôo em torno da lâmpada’ e teria sido esboçada por Kafka em 1922 para uma companhia teatral iídiche que então se apresentava em Praga” (PEÇA..., 1967, p. 1). Ao que tudo indica, na seqüência, Kafka pediu ao diretor Ludek Mandaus que a adaptasse à cena, o que somente se realizou, conforme o desejo do autor, em 1967.

Iniciou a escrita dos seus diários em 1910, aos 27 anos, completando o triângulo: cartas, diários, ensaios. As suas cartas e diários, além de possuírem um valor documental, são, acima de tudo, literatura. É neles que, muitas vezes, surgem as primeiras versões de seus contos e romances. Assim, por exemplo, “Die städtische Welt” (O mundo urbano), núcleo do seu conto “Das Urteil” (A sentença), aparecia escrito em seu diário, em fins de 1911. Esses textos documentais representam, segundo Ernst Pawel (1986, p. 259), “abstrações idealizadas”, pois mostram a disparidade entre o ser humano real e um outro, fruto da imaginação criativa do escritor.

Allain Robbe-Grillet, ao discorrer sobre a importância desse tipo de texto, afirma que os diários são exemplos de um novo realismo e nele o que chama a atenção do romancista não é o que “soa verdadeiro”, mas sim o pequeno detalhe que soa falso:

Assim, já no diário de Kafka, quando este anota as coisas vistas durante o dia no decorrer de um passeio qualquer, ele retém apenas fragmentos não apenas sem importância como ainda aqueles que lhe surgiram como que separados de seu significado – portanto separados de sua verossimilhança – desde a pedra abandonada sem que saiba porque no meio de uma rua, até o gesto estranho de um transeunte, gesto inacabado, desajeitado, que não parece responder a nenhuma função ou intenção determinada. Objetos parciais ou separados de seu uso, instantes imobilizados, palavras separadas de seu contexto ou então conversas misturadas, tudo aquilo que soa um pouco falso, tudo aquilo a que falta naturalidade, é exatamente isso que oferece ao ouvido do romancista o som mais adequado possível. (ROBBE-GRILLET, 1969, p. 109).

Nos últimos meses de 1911 e início de 1912, Kafka escreveu alguns contos que fariam parte de seu primeiro livro, *Betrachtungen* (Contemplações), publicado pela Rowohlt e sob a influência de Max Brod, que o auxiliou na seleção dos textos: “Blumfeld, ein älter Junggeselle” (Blumfeld, um solteirão azarado), “Entlarvung eines Bauernfänger” (O desmascaramento de um trapaceiro), “Der plötzliche Spaziergang” (O súbito passeio), “Entschlüsse” (Resoluções) e “Wunsch, Indianer zu werden” (O desejo de ser um Pele-Vermelha), “Kinder auf der Landstraße” (Meninos em um caminho de campo), “Der Ausflug ins Gebirge” (A subida à montanha), “Der Kaufmann” (O comerciante), “Zerstreutes Hinausschauen” (Contemplação vaga na janela), “Der Nachhauseweg” (Volta ao lar), “Die Vorüberlaufenden” (Os transeuntes), “Der Fahrgast” (O passageiro), “Kleider” (Vestidos), “Die Abweisung” (A recusa), “Zum Nachdenken für Herrenreiter” (Para que os cavaleiros meditem), “Das Gassenfenster” (A janela para a rua), “Die Bäume” (As árvores) e “Unglücklichsein” (Infelicidade). Destes 18 textos, nove já haviam sido publicados. Entretanto, Kafka relutou em publicar este livro, e isto fica claro nas palavras dirigidas ao editor Kurt Wolff⁸, no final do encontro para a entrega da última versão, palavras essas

⁸ Kurt Wolff foi sócio de Ernst Rowohlt, que, mais tarde, ao romper com a editora, funda sua própria firma e passa a ser o único editor das obras de Kafka.

que merecem destaque: “Ich werde Ihnen immer viel dankbarer sein für die Rücksendung meiner Manuskripte als für deren Veröffentlichung”⁹ (DIETZ, 1969, p. 73).

O conto “Der Verschollene” (O desaparecido), que mais tarde se transformaria no romance *Amerika* (*América*), foi escrito neste mesmo ano da entrega do manuscrito *Betrachtung* (*Contemplação*) e publicado em dezembro. Assim como *Der Prozeß* (*O processo*) e *Das Schloß* (*O castelo*), *Amerika* (*América*), inacabado e sem título, é publicado postumamente. Kafka recusou-se a mostrar a primeira versão do romance, destruindo-a. Também escreveu “Strafen” (A condenação), com a intenção de publicá-lo juntamente com “Der Heizer” (O foguista) e “Die Verwandlung” (A metamorfose) em um volume chamado *Die Söhne* (Os filhos). Isto não ocorreu, pois o editor Kurt Wolff considerou a publicação inviável. Kafka recebeu os primeiros exemplares encadernados de *Betrachtung* (*Contemplação*), em dezembro de 1912.

Em 13 de agosto de 1912, encontrou-se pela primeira vez com Felice Bauer e, em setembro, começou a se corresponder com ela. Em maio de 1913 (ano de publicação de “Der Heizer” - “O foguista”) conheceu a família de Felice, e em agosto deste mesmo ano, o escritor passou pela primeira crise em seu relacionamento, rompendo seu compromisso em setembro, quando começava a se corresponder com Grete Bloch.

Um jornal de Praga publicou, em abril de 1914, o anúncio do noivado de Felice e Kafka, cuja recepção aconteceria em 1º de julho. O relacionamento, que fora retomado em abril, é mais uma vez desfeito em julho. Sob este clima tenso, Franz

⁹ Eu lhe serei muito mais grato pela devolução dos meus manuscritos do que pela sua publicação. (Tradução nossa).

Kafka escreveu “In der Strafkolonie” (Na colônia penal) e começou a escrever *Der Prozeß* (*O processo*).

No ano de 1915, escreveu “Die Verwandlung” (A metamorfose) e, no campo afetivo, restabeleceu suas relações com Felice, firmando-se, então, um novo compromisso em julho de 1917 que se romperia definitivamente em dezembro. Felice casou-se, um ano mais tarde, com um banqueiro de Berlim, com quem teria um casal de filhos. Em 1936, ao fugir com a família para os Estados Unidos, ela levou consigo as mais de cento e cinquenta cartas que recebera de Kafka, mantendo-as em segredo até mesmo de seus filhos. Essas cartas na época não tinham outro valor a não ser o sentimental, pois Kafka era praticamente um escritor desconhecido. Somente após a II Guerra Mundial, Max Brod alertaria o editor Zalman Schocken, em Nova Iorque, sobre a existência dessas cartas. Felice, por muitos anos, recusara-se a cedê-las, mas em 1955, quando já estava adoentada, aceitou a oferta de cinco mil dólares. Estas cartas e as escritas à Milena Jesenká, com quem o escritor começara a se corresponder em 1920, foram postas à venda em 1970 e renderam um estrondoso lucro a Zalman Schocken.

Ainda em 1915, Kafka recebeu o prêmio Theodor Fontane. Na verdade, o prêmio foi conferido a Carl Sterheim, que o aceitara e transferira a Kafka, juntamente com os 800 marcos que o acompanhavam. Com este gesto Carl Sterheim, que jamais se encontrara com Kafka, conseguiu chamar a atenção para a obra do escritor, o que motivou o editor Kurt Wolff a reeditar *Betrachtung* (Contemplação).



Em outubro de 1915 surgiu a primeira edição de *Die Verwandlung* (A metamorfose): primeiro, sob a forma de um periódico literário mensal de Leipzig, *Weisse Blätter*, organizado por René Schickele e, em novembro, em um volume da série *Dommsday*, de Kurt Wolff. Kafka cuidou de todos os detalhes e sentiu-se aflito com o desenho que estamparia a capa do volume:

Uma vez que Stark é ilustrador, ocorreu-me que poderia querer desenhar o próprio inseto. Isso não, por favor, isso não. Não pretendo invadir uma área que compete a ele, mas apenas fazer-lhe um apelo em função de meu conhecimento, naturalmente mais íntimo, da história. O inseto como tal não pode ser retratado. Não pode sequer ser mostrado à distância. (PAWEL, 1986, p. 331).

A Galeria Goltz de Munique, uma galeria de arte de vanguarda, no final de outubro de 1916 convidou Kafka para fazer uma leitura pública de suas obras. As escolhidas “In der Strafkolonie” (Na colônia penal), “Das Urteil” (A sentença) e “Der Landarzt” (Um médico rural), para sua surpresa, obtiveram a aprovação dos ouvintes. Não se sabe ao certo, se nesse momento Rilke esteve presente, nem se ele o conheceu, mas Kafka afirmaria em uma carta à Felice, que Rilke fez comentários generosos sobre “Der Heizer” (O foguista), “Die Verwandlung” (A metamorfose) e “In der Strafkolonie” (Na colônia penal). O interesse de Rilke pelo escritor se confirmaria em uma carta que o mesmo dirigiu a Kurt Wolff, na qual lhe pediu para que fosse informado sobre qualquer nova obra de Franz Kafka, classificando-se como um de seus leitores mais dedicados (WOLFF. *Briefwechsel*, p. 152).

Entre 1916 e 1917, Kafka produziu a maior parte dos contos publicados em vida: “Die Brücke” (A ponte), “Der Jäger Gracchus” (O caçador Graccus), “Leiter von

Gegenkräften” (O condutor de Draga), “Schakale und Araber” (Chacais e árabes), “Der neue Advokat” (O novo advogado), “Der Landarzt” (Um médico de aldeia), “Auf der Galerie” (Na galeria), “Ein Besuch im Bergwerk” (Uma visita à mina), “Das nächste Dorf” (O povoado mais próximo), “Ein Brudermord” (Um fratricídio), “Der Nachbar” (O vizinho), “Beim Bau der chinesischen Mauer” (A grande muralha da China), “Ein altes Blatt” (Um velho manuscrito), “Der Schlag ans Hoftor” (A batida no portão da propriedade), “Elfsöhne” (Onze filhos), “Der Riesenmaulwurf” (Um animal híbrido), “Bericht für eine Akademie” (O relato de uma academia) e “Die Sorge des Hausvaters” (Preocupação de um pai de família). Estes contos, juntamente com o fragmento teatral “Der Gruftwächter” (O guardião de túmulos), foram submetidos à avaliação de Kurt Wolff para uma possível publicação. A sua efetiva publicação, intitulada *Der Landarzt (Um médico rural)*, só ocorreria em 1919. Kafka estava certo de que este seria o seu último livro. Em seguida, trabalhou regularmente, mas a maior parte de sua produção foi rasgada. As restantes foram intituladas e publicadas postumamente por Max Brod: “Die Stadtwappen” (O brasão da cidade), “Vor dem Gesetz” (Diante da lei), “Der Geier” (O abutre), “Die Prüfung” (A prova), “Nachts” (À noite), “Die Truppenaushebung” (O recrutamento de tropas), “Der Steuermann” (O timoneiro), “Der Kreisel” (O pião), “Der Nachhauseweg” (Volta ao lar).

No ano de 1918, em Schelesen, Kafka conheceu Julie Wohrysek, a filha de um sacristão da sinagoga, assumindo um compromisso em 1919 e chegando, até mesmo, a afirmar que desejaria se casar com ela e ter filhos, contudo, um dos obstáculos encontrados fora a oposição de seu pai. Hermann Kafka não aceitava que seu filho se casasse com a filha de um empregado da sinagoga. Por essa razão, o compromisso se romperia no ano seguinte.

Em 1920, Kafka conheceu Gustav Janouch, filho de seu colega de serviço, que reuniria num livro as suas conversas com o escritor. Suas anotações foram publicadas somente depois da II Guerra Mundial sob o título *Conversas com Kafka*.

No mesmo ano de 1920, correspondeu-se com Milena Jesenká, que traduziu para o tcheco *Der Heizer* (O foguista) e *Betrachtung* (Contemplação). Nascida em Praga, em 1896, era filha de um cirurgião. Casada com um psicopata, que não lhe dava dinheiro suficiente, nem para a sua alimentação, adoeceu e se viu obrigada a trabalhar para o seu próprio sustento. Começou a escrever como *free-lancer* traduções do alemão para o tcheco. Por meio deste trabalho, estabeleceu o primeiro contato com Kafka, quando lhe escreveu a fim de expressar sua admiração pelos seus escritos e pedir autorização para traduzir seus textos. Kafka, por sua vez, ficou satisfeito com a idéia e pediu a Wolff que lhe enviasse os exemplares de seus livros. Suas cartas passam a ser diárias e o envolvimento entre eles aumenta. O escritor admirava-a como pessoa e como escritora.

No dia 14 de agosto, Kafka encontrou-se com Milena em uma estação entre Praga e Viena. Ela, mesmo infeliz, continuava casada, pois seu marido estava doente e não tinha como abandoná-lo naquele momento. Esse encontro marcaria o fim do relacionamento e as cartas reduziram-se até cessarem. Em 1921 dirigiu-lhe pela última vez algumas palavras:

Fora disso, há muito que estavas de acordo comigo sobre a conveniência de que não nos escrevêssemos mais; que justamente eu o tenha proposto apenas foi uma causalidade, do mesmo modo terias podido propô-lo tu. E como estamos de acordo, não é necessário explicar por que é conveniente que não nos escrevamos. (KAFKA, *Cartas à Milena*, s/d, p. 205).

Dora Dymant (1904-1952), uma polonesa, judia ortodoxa, surgiu na vida de Kafka em 1923, e manteve com ele uma relação feliz até a sua morte. Duas vezes noivo de uma mesma mulher, Felice Bauer, não se casaria nem com ela, nem com nenhuma outra mulher: nem Milena Jesenká, Julie Wohrysek e nem mesmo Dora Dymant.

Grande parte de sua produção literária foi escrita nos anos 20. Assim, por exemplo, em 1922, escreveu “Poseidon” (Poseidon), “Nachts” (À noite), “Vor dem Gesetz” (Diante da lei), “Forschungen eines Hundes” (Investigações de um cão), “Eine kleine Frau” (Uma pequena mulher); “Ein Hungerkünstler” (Um artista da fome) e *Das Schloß* (*O castelo*). De volta a Praga, neste mesmo ano, Kafka escreveu “Das Ehepaar” (O casal), “Gib’s auf!” (Desista!) e “Von den Gleichnissen” (Das parábolas), além de revisar “Forschung eines Hundes” (Investigações de um cão). No ano seguinte, Brod colocou Kafka em contato com a editora Die Schmiede, para quem entregou “Ein Hungerkünstler” (Um artista da fome), “Erstes Leid” (O primeiro desgosto), “Eine kleine Frau” (Uma pequena mulher) e “Josefine, die Sängerin oder Das Volk Mäuse” (Josefina a cantora ou o povo dos ratos), publicados alguns meses depois da morte do autor. Os editores adquiriram os direitos autorais das obras subsequentes, mas publicaram somente *Das Schloß* (*O castelo*, 1926) e *Amerika* (*América*, 1927).

Em 1923, a doença, que teve a sua primeira hemoptise em 1917, se agravava. No ano seguinte, a tuberculose atacou-lhe a laringe. Alternando temporadas em sanatórios (Sanatório em Wienerwald – Clínica Universitária de Viena – Sanatório de Kierling) e com o trabalho burocrático, nunca deixou de escrever (“Tudo o que não

é literatura me aborrece” (KAFKA, 1985)). Embora publicasse pouco, já no fim da vida, pediu ao amigo Max Brod que queimasse os seus escritos – no que evidentemente não foi atendido.

Kafka morreu em 3 de junho de 1924, um mês antes de completar 41 anos, no Sanatório de Kierling e foi enterrado em Praga.

Na sua cidade natal encontram-se os seus traços meditativos, em tamanho natural, moldados em bronze negro na parede de um edifício na Rua Maisel, onde nascera. Há, também, uma escultura feita pelo artista tcheco Jaroslav Rona, inspirada especialmente no conto “Beschreibung eines Kampfes” (Descrição de uma luta). O monumento está erguido entre uma Sinagoga Espanhola e a igreja de Holy Spirit, lugar que simboliza a religião e a cultura da cidade.



No dia de sua morte, o jornal *Prager Presse* publicou o comovente tributo de Max Brod ao amigo, além de vários extensos obituários publicados na imprensa de língua alemã. No dia 19 de junho cerca de 50 pessoas se reuniram em uma cerimônia em memória de Kafka, no auditório do Teatro de Câmara Alemão, em Praga. No resto do mundo, a sua morte passou quase despercebida, mesmo entre seus conterrâneos.

Kafka viveu praticamente a vida inteira em Praga, exceção feita ao período final (novembro de 1923 a março de 1924), passado em Berlim, onde ficou longe da presença esmagadora do pai, que nunca reconheceu a legitimidade da sua carreira de escritor. Em uma carta à Felice, em 16 de novembro de 1912, sua mãe afirma que não acreditava na sua carreira: “[...] Nesses momentos de folga ele se ocupa da literatura, eu sei há anos. Mas eu acho que isso é apenas um passatempo [...]” (KAFKA, 1985, p. 8). Todos nós sabemos que a verdade é o oposto, como escreveu Max Brod a Felice em 22 de novembro de 1912: “[...] a mãe de Franz o ama muito, mas ela não faz a menor idéia do que seja seu filho, nem conhece suas necessidades. A literatura um passatempo!” (KAFKA, 1985, p. 9). Para Kafka, escrever foi muito mais do que isso:

Minha maneira de viver está organizada unicamente em função da literatura e, se ela sofre algumas modificações no decorrer do tempo, é simplesmente para responder o melhor possível às exigências do meu trabalho, pois o tempo é curto, as minhas forças são mínimas, o escritório é um lugar terrível, o apartamento é barulhento e é preciso esforçar-se habilidosamente para se desembaraçar nos negócios, já que não se pode deixar o trabalho devido à procura de uma vida honesta e boa. (1º de novembro de 1912). (1985, p. 11).

Quase desconhecido em vida, Kafka é considerado hoje – ao lado de James Joyce¹⁰ e Proust¹¹ – um dos maiores escritores do século. Vinte anos após a sua morte,

¹⁰ James Joyce (1882-1941) – escritor inglês.

¹¹ Marcel Proust (1871-1922) – romancista francês.

conquistou inédito prestígio mundial, e é considerado o escritor que melhor captou as angústias do homem moderno: “Cem anos após seu nascimento, Franz Kafka, é mais do que nunca, nosso contemporâneo. Suas estranhas histórias fazem ver com grande realidade, aspectos absurdos de situações que vivemos diariamente.” (KONDER, 1983, p. 2).

2 A RECEPÇÃO

o único personagem importante é o espectador; é em sua cabeça que se desenvolve toda a história, que é exatamente imaginada por ele.
(ROBBE-GRILLET, 1969, p. 103).

A abordagem da vida e da obra do escritor Franz Kafka permitiu pontuar algumas das dificuldades de acesso às suas obras, sejam aquelas ainda em vida, decorrentes dos próprios titubeios do escritor, sejam as póstumas decorrentes das próprias contingências do período, marcado pela I Guerra Mundial recém-terminada e às vésperas da II Grande Guerra.

Se o capítulo anterior se deteve no escritor, na sua obra e no seu pequeno círculo de amigos e amores, torna-se necessário, agora, ampliar o nosso olhar e verificar a recepção dos seus textos por parte dos críticos e dos leitores da época e, por conseguinte, as leituras e as interpretações pelas quais passou a sua obra no período.

O começo do século XX foi ainda marcado por uma noção tradicional de representação, que considerava a obra e o autor como os fatores mais importantes para a análise de um texto literário. Somente nas concepções estéticas mais modernas, inseriu-se o leitor no processo estético, formando-se a tríade autor-obra-leitor. Esta inserção foi de extrema importância, pois tornou possível a abertura de um espaço para avaliações da leitura individual e da leitura coletiva.

A leitura individual é aquela que permite a cada leitor ter a sua história de leitura, de maneira que a interpretação de uma determinada obra aconteça de acordo

com a sua experiência, com o momento em que ocorre o estudo, levando-se em conta, inclusive, o grau de abstração do indivíduo.

A leitura coletiva, por sua vez, é a interpretação que cada época apresenta de uma determinada obra. Em outras palavras, cada momento histórico tem sua maneira de entender um texto. Hans Georg Gadamer, em *Verdade e método* (1997, p. 443), afirma ser incorreta a expressão “compreender melhor”, pois o “verdadeiro sentido” de um texto é determinado pela situação histórica do intérprete. Isto torna a compreensão um comportamento produtivo e não unicamente reprodutivo. Assim, cada época produz uma análise própria, entende o texto de uma forma única. Ao interpretar um texto, o indivíduo não só produz a compreensão, mas também reproduz o que o autor escreveu.

Na análise e na interpretação de uma obra literária nem sempre o leitor, o processo da leitura ou a experiência estética foram considerados elementos centrais. No século XIX, por exemplo, o crítico ainda era considerado um mediador entre a obra e o público, pois era ele quem iria interpretar a obra de arte e revelar o seu sentido último para o público. O crítico, neste momento, segundo Wolfgang Iser desempenhava um papel de grande importância “porque a literatura, enquanto peça central da religião, da arte dessa época, prometia soluções que não podiam ser oferecidas pelos sistemas religioso, sociopolítico ou científico” (ISER, 1996, p. 28).

Foi somente em 1967, na Universidade de Constança, na Alemanha, que Hans Robert Jauss, em sua conhecida conferência intitulada *Provokation*, teceu duras críticas à história da literatura, ainda presa, segundo ele, a padrões do século XIX, e lançou as bases da estética da recepção. No início, buscava a reabilitação da história da literatura, que “se por um lado encontra sua explicação no panorama político dos anos

60, por outro enraíza-se no ambiente intelectual do mesmo período” (ZILBERMANN, 1989, p. 11). Quanto ao futuro desta teoria, Hans Robert Jauss desejava que o seu nome nunca fosse ligado à teoria da recepção, pois, para ele, uma verdadeira metodologia nunca se tornava algo realmente importante quando havia um autor ligado a ela.

O que Jauss buscava com esta crítica era voltar o foco da leitura para o leitor e a sua recepção da obra, e não centrar exclusivamente sobre o autor e a sua produção: “A guinada da estética da representação rumo à estética da recepção, o recurso à experiência dos leitores como instância dialógica da comunicação literária” (JAUSS, 1994, p. 73).

Com o intuito de reformular a história da literatura e mostrar que o leitor é fundamental dentro do processo interpretativo de uma obra, Hans Robert Jauss apresentou sete teses criadas por ele mesmo: 1ª tese - afirma que toda obra é mutável, pois as leituras diferem a cada época; 2ª e 3ª teses - reformula a noção de horizonte de significação da literatura; 4ª tese - ao voltar-se para a hermenêutica, estuda as relações do texto com a época de seu aparecimento; 5ª tese - estuda o aspecto diacrônico das obras; 6ª tese - destaca o aspecto sincrônico ao mostrar a relação da literatura em uma época específica; e 7ª tese - estuda o relacionamento entre a literatura e a vida.

O estudo de Jauss procura entrelaçar a expectativa e a experiência de modo a alcançar tanto a significação implícita no texto, como a extraída pelo leitor em uma determinada época. É certo que cada leitor reage de uma maneira ao texto, “mas a recepção é um fato social”, como aponta Zilbermann (1989, p. 34). Mesmo que cada pessoa reaja de maneira particular ao ler determinada obra, cada momento, cada época compreenderá esta obra de maneira diferente.

A estética da recepção ganhou muitos adeptos nos Estados Unidos e na Europa. Um de seus grandes defensores foi Wolfgang Iser que afirma que “a história da recepção revela as normas de avaliação dos leitores e se torna desse modo um ponto de referência para uma história social de gosto do leitor” (ISER, 1996, p. 64). Assim, as avaliações destas obras refletem atitudes e normas do público, além de ser na literatura que “se manifesta o código cultural que orienta tais juízos” (ISER, 1996, p. 64).

No entanto, não podemos entender as posições de Jauss e Iser como idéias tão homólogas. Jauss se preocupava com a maneira pela qual a obra iria ou deveria ser recebida, enquanto Iser se concentrava no efeito que esta obra causaria na relação entre texto e leitor. É nesta capacidade do leitor apreender o texto que se encontra o limite deste processo de recepção. Conforme o leitor reage à leitura de determinada obra este processo se dará de forma positiva ou negativa: “A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete” (JAUSS, 1994, p. 25).

A estética da recepção fornece importantes subsídios para se verificar qual a abordagem que os críticos, especialmente os europeus, fizeram da obra kafkiana ao longo do século XX. É este percurso que será rapidamente delineado a seguir.

Logo após 1924, ano da morte de Franz Kafka, a sua obra ainda era vista, por muitos, como pouco representativa. Foi, portanto, o estudo de Walter Benjamin, “Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte” (1987a), publicado em 1934, que permitiu que a intelectualidade alemã voltasse a sua atenção para esta obra instigante.

No referido artigo, seguindo as idéias marxistas, Walter Benjamin destacava as relações existentes entre a literatura e a sociedade, apontando que Kafka, em seus textos, aprofundava as reflexões sobre as angústias do homem contemporâneo e seus personagens, ou seja, mostrava o modelo de alguém que busca sentido no mundo problemático. A obra kafkiana é, segundo ele, a expressão de percepções dos anos 20, as quais ressoavam entre os intelectuais (e outros artistas) nos anos 30, já inseridos neste momento, no contexto político do III Reich, inaugurado em 1933.

Benjamin vislumbrou dois mundos na obra do escritor: o “mundo dos funcionários” e “o mundo do pai”. A relação existente entre ambos é plena de degradação, estupidez e imundície. A figura do pai aparece com as roupas sujas, e a imundice é a condição vital do funcionário. O pai, em suas obras, é a pessoa que pune, que vive às custas do filho, sugando suas forças e também o seu direito de existir:

Não é por acaso que é exatamente na casa dos seus pais que Gregor Samsa, em “A metamorfose”, se transforma em inseto, não é por acaso que o estranho animal, meio gato, meio carneiro, é um legado paterno, não é por acaso que Odradek é a grande preocupação do pai de família Mas ‘os ajudantes’ conseguem escapar a esse círculo. (BENJAMIN, 1987a, p. 142).

Para Benjamin, Kafka, no entanto, pecava ao tentar transformar sua obra em doutrina, escrevendo sob a forma de “parábolas, a consistência e a austeridade sob a ótica da razão” (BENJAMIN, 1987a, p. 155). Além desta crítica direcionada ao próprio escritor tcheco, Walter Benjamin se declarava contrário a duas interpretações feitas à prosa kafkiana: uma interpretativa natural ou psicanalítica, realizada especialmente por Hellmuth Kaiser, e outra sobrenatural ou teológica, praticada por H. J. Schoeps, Berhard Rang e Groethuysen, pois, segundo ele, ambas perdiam de vista o essencial da obra.

Concordando com Willy Haas, Walter Benjamin afirmava ser Kafka o único legítimo descendente dos filósofos Kierkegaard e Pascal. Os três possuem uma dureza implacável com relação ao mesmo tema religioso de base: perante Deus, o homem nunca tem razão. Para Benjamin, a teologia judaica, em Kafka, era vista como um prêmio que seria fornecido após o castigo, como a resolução de um problema que não tem saída.

Isto não quer dizer que Benjamin concordasse com uma leitura teológica das obras de Kafka. Ao contrário, ele se opunha em parte à interpretação teológica defendida por Gershom Scholem, embora afirmasse ser ela em muitos momentos indispensável para a sua análise: “Tus visiones sobre Kafka, más particularmente las fundadas sobre concepciones judías (serían) en esta empresa de la mayor importancia para mi - por no decir que prácticamente indispensables”¹² (SCHOLEM, 1987, p. 202). Scholem recebeu esta carta de Benjamin como resposta à outra que ele havia lhe enviado. No dia 20 de junho de 1931, Scholem enviou uma carta ao amigo, a fim de pedir que Benjamin expusesse seus comentários sobre Franz Kafka. As primeiras colocações de Scholem sobre Kafka, já deixavam clara a sua visão teológica:

Obviamente, sin embargo, también he realizado ya, por mi cuenta, “reflexiones particulares”, acerca de Kafka, pero estas no conciernen, por supuesto, a la posición de Kafka en el conjunto de la historia de la literatura alemana (en la que no ocupa posición alguna, sobre lo cual, por lo demás, no abrigaba él mismo ni la menor duda; como sabes probablemente, era sionista), sino en el de la literatura judía.¹³ (SCHOLEM, 1987, p. 176).

¹² “Suas visões sobre Kafka, mais particularmente as fundadas em concepções judias (seriam) neste trabalho da maior importância para mim – para não dizer praticamente indispensáveis” (Tradução nossa).

¹³ “Obviamente, porém, também já realizei, por minha conta”, reflexões particulares” acerca de Kafka, mas estas não concordam, certamente, com a posição de Kafka no conjunto da história da literatura alemã (já que não ocupa posição alguma, sobre a qual, além disso, não guardava a menor dúvida; como se sabe, provavelmente era sionista) senão na da literatura judaica.” (Tradução nossa).

Para Scholem, o único modo de se ver a obra kafkiana seria aquela em que se retratava em uma obra poética o “juízo de Deus”. O crítico conseguiu ver em Kafka, até mesmo, uma semelhança entre o seu universo lingüístico e a linguagem do “juízo final”, mostrando, inclusive, indignação com a possibilidade de Benjamin, não ter, no centro de suas discussões, aquilo que o escritor chamava de “lei”: “Creo que tu crítica resultará, en este punto, tan esotérica como su objeto: en ningún otro lugar, hasta la fecha, ha brillado la luz de la Revelación de un modo tan inmisericordioso como aquí. Éste es el misterio teológico de la prosa perfecta”¹⁴ (SCHOLEM, 1987, p. 176).

Scholem e Benjamin não foram os únicos que se voltaram para a obra de Kafka. Também Bertolt Brecht deixou transparecer o conhecimento que possuía da obra do autor tcheco em seu ensaio “Un pequeno consejo sobre como confeccionar un documento” (1984c) (Um pequeno conselho para confeccionar um documento), escrito em 1926. Nele o dramaturgo alemão apontava que a literatura sempre se caracterizou como um produto de gueto, de intelectuais e que estes, portanto, teriam de atentar para o uso que fazem das palavras, pois nenhuma é neutra, quer dizer, ela sempre está imbuída de alguma intenção.

Nesta linha de discussão, Brecht afirmava que nas épocas anteriores, o repertório a ser estudado dependia unicamente do seu valor material, e que se esquecia, por completo, do valor documental de uma obra:

Si se aplicaría este mismo procedimiento radical a nuestra época contemporánea, al cabo de cinco minutos resultaría que, exceptuando algo de Wedekind y Kafka, esta literatura no encierra casi nada se auténtico épico. Y hay que decirlo, prescindo aun de valores documentales.¹⁵ (BRECHT, 1984c, p. 47).

¹⁴ “Nesse ponto, acredito que a sua crítica resultará, tão esotérica como seu objeto: em nenhum outro lugar, até esta data, brilhou a luz da revelação de um modo tão sem misericórdia como aqui. Este é o mistério teológico da prosa perfeita.” (Tradução nossa).

¹⁵ “Se aplicasse este mesmo procedimento radical à nossa época contemporânea, ao cabo de cinco minutos resultaria que, excetuando algo de Wedekind e Kafka, essa literatura não carregaria quase nada de autenticidade épica. E há que se dizê-lo, renuncio até dos valores documentais.” (Tradução nossa).

Na sua obra *El compromiso en literatura y arte*, encontramos um breve, mas significativo texto sobre Kafka: “Hablando en debida forma de Franz Kafka” (1984b) (Falando corretamente sobre Kafka), escrito em 1928. Nele Brecht definiu Franz Kafka como um escritor “en medio de un ambiente literario frente al cual la seriedad de cualquier tipo seria sencillamente injusta”¹⁶, além de afirmar que a época em que Kafka viveu não significava nada perante o fenômeno que ele próprio representava. Para Brecht, não devemos considerar Franz Kafka como mais um escritor, mas sim como uma personalidade muito séria, diferente daquelas que viveram nesta época.

Brecht, em “De la literatura checoslovaca moderna” (1984a) declarou a sua admiração por Franz Kafka, cuja obra, segundo ele, requeria do leitor um estudo bastante aprofundado e destacava alguns temas da prosa kafkiana:

[...] y Kafka describió con espléndida fantasía los campos de concentración inminentes, la inseguridad jurídica inminente, la absolutización inminente del aparato estatal, la vida indolente de muchos individuos, guiaba por fuerzas inabordables.¹⁷ (1984a, p. 338-339).

Tudo em Kafka, segundo ele, se parece com um pesadelo e seus textos lembravam “la puerta del infierno dantesco: Hemos llegado ante la puerta del infierno país/ donde todo carece de valor, cuando sufre/ ha desperdiciado el patrimonio de la inteligencia”¹⁸ (BRECHT, 1984a, p. 339) e afirmava ser imprescindível que os escritores alemães lessem essas obras, mesmo que a leitura trouxesse uma sensação desconfortável e necessitasse de chaves para ultrapassar as dificuldades de entendimento.

¹⁶ em meio a um ambiente literário ao qual a seriedade de qualquer tipo seria simplesmente injusta. (Tradução nossa).

¹⁷ “... e Kafka descreveu com esplêndida fantasia os campos de concentração iminentes, a insegurança jurídica porvir, a absolutização ameaçadora do aparato estatal, a vida indolente de muitos indivíduos, guiada por forças inabordáveis.” (Tradução nossa).

¹⁸ ... a porta do inferno dantesco: “Nós chegamos diante da porta! onde tudo carece de valor, quando sofre/ por desperdiçar o patrimônio da inteligência”. (Tradução nossa).

Max Brod, além de grande amigo de Kafka, foi o introdutor de uma corrente analítica que via a sua obra como uma alegoria religiosa e afirmava que para o escritor a arte era um caminho que levaria a Deus:

Pero el arte no es sólo en este sentido para Kafka un camino hacia Dios (también el que huye ve el camino puesto que retrocede ante él), sino también en el sentido positivo expuesto más arriba, es decir, como solución de las fuerzas, como educación para la plenitud de la vida según las disposiciones naturales.¹⁹ (BROD, 1951, p. 116).

Em sua conhecida obra *Kafka*, escrita em 1937, Brod (1951) declarava que, com base em suas intensas relações com o amigo, poderia afirmar que Kafka não era um crítico cultural. A sua única certeza era a distância de Deus, ou seja, aquilo que para ele era a distância da perfeição.

Brod nos revela nesta mesma obra a influência que Kafka exercera sobre outros escritores e poetas representativos da primeira metade do século XX:

Cuando en el año 1937 concluí este libro para su primera edición, recordé en este mismo sitio, en un parágrafo final, la firme repercusión que halló Kafka en muchas lenguas y en el juicio de hombres como Aldous Huxley, André Gide, Hermann Hesse, Thomas Mann, Heinrich Mann, Franz Werfel y otros. Desde entonces se agrega la firme impresión que causó Kafka en Virginia Wolff, Rex Warner, Camus y toda una serie de poetas y ensayistas. El arte de Kafka ha influido estilísticamente en muchos puntos, sin que su profundidad religiosa y su poder transformador resultaran del todo claros a quien hubiese creído estar bajo la influencia de Kafka o escrito sobre él.²⁰ (BROD, 1951, p. 247).

¹⁹ “Mas a arte não é só neste sentido para Kafka um caminho em direção a Deus (também o que foge enxerga este caminho como se este retrocedesse) ainda também no sentido positivo demonstrado acima, diria, como solução das forças, como educação para a plenitude da vida, segundo as disposições naturais.” (Tradução nossa).

²⁰ “Quando no ano de 1937 concluí este livro para sua primeira edição, recordei neste mesmo lugar, num parágrafo final, a repercussão firme que encontrou Kafka em muitas línguas e no juízo de homens como Aldous Huxley, André Gide, Hermann Hesse, Thomas Mann, Heinrich Mann, Franz Werfel e outros. Desde então se agrega a impressão forte que causou Kafka em Virginia Wolff, Rex Warner, Camus e toda uma série de poetas e ensaístas. A arte de Kafka influenciou estilisticamente em muitos pontos, sem que sua profundidade religiosa e seu poder transformador resultassem de todo evidente a quem tivesse acreditado estar abaixo da influência de Kafka os escritos sobre ele.” (Tradução nossa).

Max Brod também chamava a atenção para a recepção da produção literária de Kafka, “mais importante do que seus males individuais” (DOOMDEY, 1968, p. 200).

Segundo Max Brod, é necessário interpretar a obra kafkiana psicológica e sociologicamente, tanto pelos seus conflitos com o pai problemático como pelo fato de ser judeu. Assim, seria possível ver o judaísmo kafkiano como “fuga da autoridade paterna”:

Sólo podrían tener cabida las conclusiones sobre el judaísmo como fuga de la autoridad paterna, puesto que reproducen momentos decisivos de los años juveniles y tienen además una importancia general, tanto para el conocimiento del judaísmo durante aquella época de transición como para la posterior evolución religiosa de Kafka.²¹ (BROD, 1951, p. 37).

As relações na casa paterna de Kafka, para Brod, apresentavam muita semelhança com as existentes na casa de Proust. Ambos, além de terem em comum o estilo, apresentavam em suas obras uma aguda exatidão das descrições, o amor ao detalhe e o sentimento de estarem retidos no círculo familiar.

O amigo defendia a interpretação psicológica sustentada em *Kafka*, pela impossibilidade de Proust, Kafka e Kleist concluírem suas recordações de infância. Com base na presença esmagadora da família na vida destes escritores, Brod sustentava a importância deste tipo de estudo da prosa kafkiana:

El psicoanálisis esquematiza los casos como los de Proust, Kleist y Kafka, que durante toda su vida no pudieron concluir con los recuerdos de su infancia, con la presencia dominante de la familia y la tradición familiar, atribuyéndolos a un apego erótico subconsciente hacia la madre y a un odio subconsciente contra el padre.²² (BROD, 1951, p. 44).

²¹ “Só poderiam ter lugar às conclusões sobre o judaísmo como fuga da autoridade paterna, visto que reproduzem momentos decisivos dos anos de juventude e trazem, além disso, uma importância geral, tanto para o conhecimento do judaísmo durante aquela época de transição como para a posterior evolução religiosa de Kafka.” (Tradução nossa).

²² “A psicanálise esquematiza os casos como os de Proust, Kleist e Kafka, que durante toda a sua vida não puderam concluir as recordações de sua infância, com a presença dominante da família e da tradição familiar, atribuindo-lhes um apego erótico subconsciente pela mãe e um ódio subconsciente pelo pai.” (Tradução nossa).

A obra de Kafka após ganhar grandes admiradores dentro do Círculo de Praga, durante os anos 20, extrapolou as fronteiras tchecas e invadiu outros países, principalmente a França, onde foi primeiramente descoberta por André Breton e o grupo da *Revista Minotauro* e, mais tarde, por Jean Paul Sartre e Camus, chegando até aos países de expressão inglesa. Ao eclodir a II Guerra Mundial, a obra de Kafka foi proibida e os manuscritos confiscados pelo regime nazi-fascista alemão. Somente após o término da Guerra os mesmos foram liberados para os leitores alemães.

Para exemplificar esta recepção fora deste primeiro círculo de admiradores, começaremos com Jean Paul Sartre, que, em *O que é literatura* (1989), entendeu a obra de Kafka como uma reação ao mundo judaico-cristão da Europa central: “Os seus romances são a superação sintética de sua situação de homem, de judeu, de tcheco, de noivo recalcitrante, de tuberculoso etc., como eram também o seu aperto de mão, o seu sorriso e esse olhar que Max Brod admirava tanto” (SARTRE, 1989, p. 216).

Para Sartre, se nos reportássemos ao início da carreira de Kafka, nos depararíamos com temas que nos deixariam assombrados. O assombro, no entanto, configuraria um erro crítico, pois não se pode esquecer que é preciso ler os temas da obra kafkiana em movimento. Para justificar esta afirmação, o filósofo francês citava um exemplo de Bérson: “Mas Bérson já demonstrou que o olho – órgão de extrema complexidade se encarado como uma justaposição de funções – adquire outra simplicidade quando inserido no movimento criador da evolução” (SARTRE, 1989, p. 216). Assim podemos entender que Sartre defendeu o absurdo em Kafka, pois é esta característica permite que reconheçamos a história e nos reconheçamos na história.

O mundo para Kafka é algo absurdo. Seu método consiste em surpreender, utilizando-se do absurdo, daquilo que em alemão se denomina ‘das Umheimliche’. *Das Umheimliche* é algo que provoca medo e horror, ou seja, é o oposto do que é familiar e, ao mesmo tempo, nos “remete ao que é conhecido, velho, e há muito familiar” (FREUD, 1976, p. 87). Gregor Samsa, em *A metamorfose*, por exemplo, é alguém familiar, conhecido. Ao se transformar em um inseto, ele passa a ser estranho dentro de sua própria família. Kafka revela por meio da técnica do estranhamento, o estranhamento da vida cotidiana, tornando-se assim um “realista”, pois, para Temístocles Linhares, como veremos abaixo, o que Kafka faz é descrever a realidade:

O normal da obra de Kafka torna-se estranho e o estranho é apresentado como se fosse normal. Kafka descreve a realidade, a nossa realidade, mas com o olhar de quem estivesse despertando. O crítico, através da leitura de Kafka tem acesso a uma riqueza objetiva que ele, sozinho, talvez não fosse capaz de perceber diretamente. (LINHARES, 1969, p. 4).

Na obra *O que é literatura*, Sartre também nos mostra que os personagens kafkianos são armadilhas construídas pelo autor para que seus leitores nelas caiam e entendam que estas estão presentes na humanidade. Foi assim que Sartre justificou o grande sucesso de Kafka:

Não desejávamos deleitar o nosso público, falando-lhe da sua superioridade sobre o mundo morto; queríamos agarrá-lo pelo pescoço: que cada personagem seja uma armadilha; que nela o leitor caia. E que seja lançado de uma consciência à outra, como de um universo absoluto e irremediável outro universo igualmente absoluto; que o leitor se sinta incerto quanto às inquietudes deles, ultrapassado pelo presente das personagens e vergado sob o peso do seu futuro, investido pelas percepções e sentimentos delas como se fossem altas falésias intransponíveis; que o leitor sinta, enfim, que cada variação de humor das personagens, cada movimento de seus espíritos compreende a humanidade inteira e constitui, sem seu tempo e lugar, no seio da história e a despeito da permanente escamoteação do presente porvir, uma descida irreversível na direção do Mal ou uma escalada na direção do Bem, que nenhum futuro poderá contestar. (SARTRE, 1989, p. 167).

A literatura no século XIX, assim declarava Sartre, era visto como uma heresia e, para que se fosse “absolvido” pelos burgueses do pecado de escrever, era preciso que o escritor desse as garantias de uma vida exemplar. Infelizmente, acrescentava ele, isso não mudou muito a não ser pelo fato de que, por volta de 1947, seria a vez do proletariado considerar o escritor como suspeito e comparar a situação deste, nesse momento, com os personagens kafkianos, “em que os juízes são desconhecidos e os dossiês secretos, em que as únicas sentenças definitivas são a condenação” (SARTE, 1989, p. 189).

Também é importante, nesse momento, analisar a recepção de Franz Kafka por Georg Lukács. Em “Franz Kafka ou Thomas Mann?” (1969) o crítico apresenta Kafka como um escritor de vanguarda, que, em seu trabalho, selecionava os detalhes para tão somente colocar em destaque aqueles que considerava essenciais:

Do ponto de vista puramente formal, a sua maneira de tratar os detalhes é análoga, por consequência, nos seus princípios, à dos realistas. Para descobrir a oposição, é preciso considerar a estrutura interna da própria obra, esta realidade essencial e efetiva que condiciona, em última análise, a escolha e a ordenação dos detalhes. (LUKÁCS, 1969, p. 84).

A estrutura da obra kafkiana, para Lukács, é que faz com que o escritor pareça pertencer ao grupo dos realistas, opondo-se à idéia de Sartre. Para ele foi Franz Kafka quem melhor apreendeu o que o mundo tem de essencial, mesmo sendo algo assombroso. Para que a prosa kafkiana não fosse classificada como algo paradoxal e absurdo, Lukács afirma que Kafka fez com que os pormenores fossem totalmente realistas. Lukács relembra uma frase de Kierkegaard: “Quanto mais um homem é original, mais a sua angústia é profunda” (LUKÁCS, 1969, p. 121). Assim, de maneira original, Kafka expressa esta angústia e é o “mundo infernal do capitalismo” que

fornece material para a prosa kafkiana. Kafka aproveitou o seu tempo e o seu espaço para expressar a angústia da realidade social em que escrevia, angústia esta que exprimiu com uma surpreendente intensidade.

O mundo, na obra de Kafka, foi visto pelo crítico como uma alegoria da angústia e do pânico em face ao mundo capitalista. Em *Estética*, volume II (1966), Georg Lukács destacou a relação entre o mundo externo e o interno que se vivencia na prosa kafkiana e que leva Franz Kafka a mostrar-se superior a outros autores contemporâneos:

La orientación intimista es expresión de la recusación de concretas constelaciones a concretos hechos sociales, incluso cuando esa motivación se mistifica en la consciencia subjetiva como eterna relación humana entre la interioridad y el mundo externo²³. (LUKÁCS, 1966, v. II, p. 343).

As primeiras reflexões de Albert Camus sobre Kafka foram publicadas em 1943, na revista *L'Arbalète*, sob o título “A esperança e o absurdo na obra de Franz Kafka” (2004), nas quais se destaca, principalmente, a tarefa do leitor nesta obra. Para Camus, todo o texto de Franz Kafka obriga o leitor a relê-lo, pois:

Seus desenlaces, ou sua falta de desenlace, sugerem explicações, mas não se revelam com clareza e exigem, para permanecerem bem fundamentadas, que se releiam a história com um novo enfoque. Às vezes há uma possibilidade de dupla interpretação, daí surge a necessidade de duas leituras. É o que o autor pretendia. (CAMUS, 2004, p. 145).

Com base nesta dupla interpretação, Camus ressalta o paradoxo, presente na obra de Kafka, entre o exagero das aventuras do personagem e a naturalidade do relato destas aventuras; esses acontecimentos podem parecer naturais ao leitor, ou, em alguns

²³ “A orientação intimista é expressão da recusa de concretas constelações a concretos fatos sociais, incluindo quando essa motivação se mistifica na consciência subjetiva como eterna relação humana entre a interioridade e o mundo externo.” (Tradução nossa).

casos, é o personagem que deixa transparecer essa naturalidade. E é nesta ambigüidade que se encontra o segredo de Franz Kafka: a significação de sua obra está nas vacilações “entre o natural e o extraordinário, o indivíduo e o universal, o trágico e o cotidiano, o absurdo e o lógico” (CAMUS, 2004, p. 147). Assim, podemos encontrar dois mundos em Kafka: o mundo da vida cotidiana e o da inquietude sobrenatural. Para expressar a tragédia, Kafka utiliza o cotidiano e para falar do absurdo procura o lógico, pois, para o homem, o destino é aquilo que o esmaga.

Muitos críticos tendem a interpretar a obra de Kafka como a de um homem sem esperança nenhuma, mas Camus discordava desta idéia. Para ele, há uma esperança nas prosas kafkianas, que se mostra pela humildade, perseverança e teimosia dos seus heróis. O personagem reconhece o absurdo, aceita e se resigna a ele, o que o faz deixar de ser absurdo. A esperança se encontra na vontade de escapar desta condição.

Camus discorda da visão da obra de Kafka como incompreensível e justifica:

Sua obra é universal (uma obra realmente absurda não é universal) na medida em que nela aparece o rosto comovente do homem fugindo da humanidade, extraindo de suas contradições razões para acreditar e de seus desesperos fecundos razões para esperar, e chamando de vida sua apavorante aprendizagem da morte. É universal porque sua inspiração é religiosa. Como em todas as religiões, o homem ali se libertou do peso de sua própria vida. Mas assim como sei disso, e posso até admirá-lo, sei também que não busca o que é universal, mas o que é verdadeiro. As duas coisas podem não coincidir. (2004, p. 156).

Outro filósofo importante que se dedicou a refletir sobre Kafka foi Theodor Adorno. No artigo “Anotações sobre Kafka” (2001), escrito entre 1942 e 1953 e publicado em 1953, em *Die Rundschau*, Adorno critica os estudos publicados sobre

Kafka, isso porque muitos críticos tentam enquadrar o escritor em correntes estabelecidas (expressionismo ou realismo), sem interpretar as características que, muitas vezes, podem dificultar esse enquadramento. Segundo ele, nenhum texto kafkiano “esclarece o horizonte”, cada frase tem seu significado próprio: “Cada frase diz: ‘interprete-me’, e nenhuma frase tolera a interpretação” (ADORNO, 2001, p. 240).

Um outro equívoco, segundo o filósofo, seria enquadrar Kafka entre os pessimistas e os “existencialistas do desespero” ou considerá-lo um mestre da salvação:

Kafka tensiona o expressionismo até este extremo. O sujeito se objetiva na medida em que rescinde o último acordo. É verdade que isso é aparentemente contraditado por aquilo que é possível ler de teoria em Kafka, e também pelos relatos do respeito bizantino que ele, como pessoa, grotescamente dedicava aos poderes mais bizarros. Mas a ironia destes traços, muitas vezes notada, faz parte do próprio conteúdo doutrinário. Kafka não pregou a humildade, mas um comportamento mais testado contra o mito: a astúcia. Para ele, a única, mais fraca e menor possibilidade de lhe dar razão. (ADORNO, 2001, p. 267).

Adorno ainda afirma que há razões suficientes para duvidar que Kafka possa ter compreendido seus textos, pois nenhum artista é obrigado a entender sua própria obra. A relação entre leitor e texto, em Kafka, é radicalmente perturbadora: ele exige do leitor uma observação atenta. Seus textos não foram feitos para que se mantivesse uma distância com o leitor, mas sim para que o mesmo temesse a vinda do narrador a seu encontro. Muitos acreditavam que isto seria esquizofrenia ou mania de perseguição, mas Adorno acreditava que para refutar esta idéia seria preciso relacionar a obra de Kafka à psicologia. Não havia nada de insano em sua prosa, o que ocorre realmente, é que cada frase é retirada de uma zona de loucura, pois, segundo ele, todo conhecimento tem esta marca.

Adorno comparou Kafka a Sigmund Freud ao alegar que o escritor o tenha seguido absurdamente e classifica-o como “pesquisador inconsciente e parabolista da impenetrabilidade” (ADORNO, 2001, p. 246). Essa semelhança se dá, para Adorno, quando Kafka caracteriza o indivíduo a partir de “impulsos amorfos e difusos” e ignora a alma, aspecto presente em Freud. O que difere nestes autores, conforme Adorno afirma, é que Kafka tem um ceticismo radical em relação ao Ego e é isto que determina a literariedade de Kafka. O contrário acontece com a idéia de futuro, Kafka se mostra ascético diante do futuro, quando monta seu texto a partir de “entulhos” do presente, ou seja, tudo que é recusado pela realidade.

Encontramos também neste artigo, uma justificativa para a vontade de Kafka destruir seus textos. Para Adorno, Kafka tinha medo que a sua obra fosse imitada: “Quem a imitasse, sem ter estado lá, seria culpado de pura falta de vergonha, por tentar apropriar-se da exatidão e da força do distanciamento sem correr maiores riscos. A consequência seria um maneirismo imponente.” (ADORNO, 2001, p. 249).

Erwin Theodor, em “Kafka em interpretação alemã” (1963), destacou a importância de algumas obras críticas alemãs sobre Kafka, entre elas, as de Wilhelm Emrich (*Franz Kafka*, de 1958), de Friedrich Reissner (que publica artigos sobre Kafka em 1952 e 1958), Fritz Martins (1958), Walter Munsch (1961), Fritz Strich (1954) e Benno Von Wiese (1956 e 1962).

Neste artigo Theodor discute a análise de Wilhelm Emrich, que publicou, em 1958, sua monografia científica e, também, em 1960, escreveu um ensaio intitulado “Protest und Verbeissung” (Protesto e Repressão). Em sua monografia ele analisa as composições menores e, em seguida, os três grandes romances de Kafka, investigando as metáforas presentes nos textos. Para o estudioso, foi Emrich quem

abriu novos horizontes ao mostrar que Kafka não tinha somente a imagem de “um niilista, mas sim de um crente em desespero, sempre inclinado a tentar responder de maneira positiva às indagações sobre o sentido da existência humana” (THEODOR, 1963, p. 4).

A recepção da obra de Kafka não ficou restrita ao centro cultural alemão e europeu, mas atravessou as fronteiras continentais e desembarcou no Brasil, ainda durante o período da II Guerra Mundial, quando críticos e pensadores, fugindo do regime nazi-fascista chegaram ao Brasil.

Nesta época, os jornais, na condição de divulgadores e formadores da cultura brasileira, como veremos no próximo capítulo, concentraram em suas páginas inúmeros artigos e estudos sobre a obra de Kafka. Assim, a nossa pesquisa se deterá no levantamento e análise da fortuna crítica publicada desde 1941, ano da introdução oficial de Kafka no Brasil, até 1983, ano de comemoração do centenário de seu nascimento, em dois jornais paulistas e dois cariocas, pois a eles se atrelaram e sucederam paulatinamente as traduções dos contos e romances.

3 FRANZ KAFKA NO RIO DE JANEIRO

3.1 *Correio da Manhã*

No capítulo anterior, destacamos algumas leituras da obra de Franz Kafka realizadas pelos mais representativos críticos e pensadores de língua alemã na primeira metade do século XX como, por exemplo, Walter Benjamin, Max Brod, Gershom Scholem e Bertolt Brecht e que se estenderam para outros países – na França, André Breton, Jean Paul Sartre e Camus – chegando também às Américas.

No Brasil, as primeiras reflexões sobre Kafka, das quais se tem notícia, foram publicadas na imprensa carioca em 1941, no *Correio da Manhã*, reforçando-se a importância dos jornais cariocas e paulistas que, enquanto formadores de opinião, muito contribuíram para a formação da cultura do país, particularmente por volta da metade do século passado. Deste modo, consideramos necessário apresentar uma breve introdução histórica do jornal, para, em seguida, comentar os textos encontrados.

O *Correio da Manhã* foi fundado em 15 de junho de 1901, esteve ligado à Revolução Federalista, conflito que teve início no Rio Grande do Sul pela disputa do governo local e que acabou se estendendo até o Rio de Janeiro. O jornal surgiu como uma frente organizada para se opor à situação e ao conservadorismo da imprensa carioca, objetivava aproximar-se das camadas menos favorecidas da sociedade e se apresentava como defensor da causa da justiça, da lavoura e do comércio, isto é, do direito do povo, de seu bem-estar e de suas liberdades. Talvez tenha sido esta uma das

razões pelas quais Carpeaux aceitou publicar seus artigos no *Correio da Manhã*, visto que este se mostrava ser um jornal revolucionário. Dentre seus colaboradores encontramos ainda Araripe Júnior e José Veríssimo, que mantinham a seção “A semana Literária”, na qual traziam artigos sobre arte em geral.

Na década de 20, marcada culturalmente pela Semana de Arte Moderna, os quatro jornais em estudo (*Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*) já estavam em plena atividade, mas foi no *Correio da Manhã* que Oswald de Andrade publicou seus principais manifestos e uma poesia intitulada “Os dezoito do Forte”, na qual exaltava a experiência vivida por Siqueira Campos, Newton Prado, Mário Carpentier e Otávio Correia, um civil que se uniu ao grupo dos 18 do Forte. O jornal manifestou sua simpatia pelos “heróis de Copacabana” e pelas mudanças propostas pela Semana de Arte Moderna.

O *Correio da Manhã*, por decisão do presidente Bernardes, foi fechado em 31 de agosto de 1924. O pretexto utilizado foi o de que o periódico estaria imprimindo um folheto clandestino, sob o título de “Cinco de julho”, no qual divulgava as propostas rebeldes do levante dos 18 do Forte. O jornal foi reaberto em 20 de maio de 1925, quando conseguiu, na justiça, a manutenção da sua publicação. Muniz Sodré se manteve na direção até a libertação de Edmundo Bittencourt.

Por motivo de doença, em março de 1929, Edmundo Bittencourt passou o *Correio da Manhã* para as mãos do filho, Paulo Bittencourt que, por sua vez, alterou a redação do jornal, escolhendo Costa Rego para redator-chefe, além de contar com grandes nomes de colaboradores: Antonio Callado, Álvaro Lins, Mário Pedrosa, Otto Maria Carpeaux, José César Borba, Franklin de Oliveira, Heráclio Salles, Armando Micelli, José Lino Grünwald, Gilberto Paim, Otto Lara Rezende, entre outros.

O *Correio da Manhã* publicou um “Suplemento Literário” no qual foram tratados vários assuntos, entre eles Letras e Artes. O Suplemento circulava aos domingos, sob a direção de Paulo Francis. Millôr Fernandes, a partir do dia 15 de julho de 1968, começou a colaborar com o jornal, na primeira página do segundo caderno, além de fazer parte da redação de Paulo Francis, no Suplemento Literário.

Em 07 de dezembro de 1968, nos anos mais violentos da Ditadura Militar, o *Correio da Manhã* foi atingido por uma bomba e, no ano seguinte, durante o Ato Institucional n. 5 (AI-5), Niomar Muniz Sodré Bittencourt foi presa, junto com Oswaldo Pereira e Nelson Batista, fato denunciado à Sociedade Interamericana de Imprensa. O prédio foi cercado por agentes do Departamento de Ordem Pública e Social (DOPS) e o jornal foi submetido à censura prévia.

Em seguida veio uma fase de grande crise financeira devido à queda da publicidade e à diminuição dos leitores. Paulo Francis foi preso no dia 15 de dezembro de 1968 e, junto com ele, toda a sua equipe. A partir de então, no fim de 1969, o jornal foi arrendado por Frederico Gomes da Silva e Maurício Alencar, empreiteiros, apesar da família Frias, da “Folha de S. Paulo”, haver demonstrado interesse. Niomar Muniz Sodré Bittencourt afirmou que preferia optar pelos empreiteiros, uma vez que temia que, se o jornal fosse vendido para a família Frias, poderia não conseguir reavê-lo depois, já que se tratava de profissionais da imprensa. No contrato de arrendamento do jornal foi acrescentada uma cláusula que obrigava Niomar Muniz Sodré Bittencourt a abster-se da atividade jornalística, além de não dirigir nenhuma outra empresa do ramo, pois se temia que ela trabalhasse em outro jornal. Assim, o jornal entrou em um processo de destruição e Niomar Muniz Sodré Bittencourt tentou denunciar as irregularidades em cartas ao *O Globo* e ao *Jornal do Brasil*, que não foram publicadas.

No início de 1973 acentuou-se a crise econômica do *Correio da Manhã* e a *Tribuna da Imprensa* chegando, até mesmo, a se noticiar o possível fechamento do “Correio”. Com o intuito de manter a circulação do periódico, os responsáveis pela publicação diminuíram o número de páginas a partir do dia 10 de janeiro. Pouco tempo depois, em 08 de junho de 1974, o jornal deixou de circular. A sua última edição saiu com oito páginas e com uma tiragem de três mil exemplares.

A importância do jornal para o cenário cultural brasileiro e seu diálogo com outras culturas pode ser constatado pelas matérias que publicou, também, sobre autores estrangeiros, já consagrados ou não. Assim, em suas páginas o *Correio da Manhã* apresentou um número significativo de artigos sobre Franz Kafka, desde os anos 40 até o seu fechamento em meados da década de 70. Para facilitar a visualização e a análise destes artigos, optou-se por uma divisão em décadas, o que permite delinear uma visão diacrônica da recepção do escritor tcheco no jornal e, por conseguinte, no Rio de Janeiro.

Na década de 40 encontramos oito artigos que tratavam especificamente sobre Kafka e oito que somente faziam referência ao escritor (conferir Anexo III), como mostra o quadro a seguir:

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR	
•	CARPEAUX, Otto Maria. Franz Kafka e o mundo invisível. <i>Correio da Manhã</i> . Suplemento. 27 abr. 1941, p. 1.
•	CARPEAUX, Otto Maria. Intenção e arte de um romancista. <i>Correio da Manhã</i> . 2ª seção. 23 fev. 1945, p. 1.
•	BRUNO, Haroldo. Elogio de Gregor Samsa. <i>Correio da Manhã</i> . 2ª seção. 14 dez. 1947, p. 2.
•	(?). “O processo”, de Kafka. <i>Correio da Manhã</i> . 19 mar. 1948, p. 11.
•	LINS, Álvaro. Jornal de crítica. <i>Correio da Manhã</i> . 02 abr. 1948, p. 2.
•	(?) Vida literária. <i>Correio da Manhã</i> . 2ª seção. 30 maio 1948, p. 3.
•	PEDROSA, Mário. Albert Camus e a revolta do herói absurdo. <i>Correio da Manhã</i> . 2ª seção. 04 nov. 1948, p. 1 e 3.
•	CASTRO, Paulo de. Um “metteur en scène”, de Kafka. <i>Correio da Manhã</i> . 2ª seção. 11 dez. 1949, p. 3.

Nesta década de 40, como se constata, o autor que mais escreveu sobre Kafka foi Otto Maria Carpeaux, com duas matérias. Haroldo Bruno, Mário Pedrosa, Paulo de Castro somente assinaram um artigo cada, além de outros dois autores não identificados. O que pode ser observado no quadro abaixo:

AUTOR	ARTIGO	DATA
LINS, Álvaro	Jornal de crítica	02.04.1948
CARPEAUX, Otto Maria.	Franz Kafka e o mundo invisível	27.04.1941
	Intenção e arte de um romancista	23.02.1945
BRUNO, Haroldo	Elogio de Gregor Samsa	14.12.1947
(?)	“O processo”, de Kafka	19.03.1948
(?)	Vida literária	30.05.1948
PEDROSA, Mário	Albert Camus e a revolta do herói absurdo	04.11.1948
CASTRO, Paulo de	Um “metteur en scène”, de Kafka	11.12.1949

Em 19 de abril de 1941, Álvaro Lins publicou um artigo no *Correio da Manhã* intitulado “Um novo companheiro”. Nele o crítico comentou a chegada ao

Brasil de um autor que assinava com o pseudônimo de Otto Maria Carpeaux e anunciava a publicação do texto “Kafka e o mundo invisível”.

Foi dessa forma que, em 27 de abril de 1941, Otto Maria Carpeaux publicou no *Correio da Manhã* o artigo “Kafka e o mundo invisível”, no qual apresentava Kafka aos leitores brasileiros.

Carpeaux ressaltou no artigo a vertente religiosa, presente na obra de Kafka, mas deixava claro que esta se refletia apenas de uma maneira sutil, sem que se constituísse em um de seus temas:

Franz Kafka não é um poeta religioso: não trata nunca da religião nas suas obras. Mas é um espírito profundamente religioso e o seu mundo é cheio de seres sobrenaturais donde emana uma impressão inquietante, como o encontro com uma mitologia desconhecida, que tivesse descido sobre a nossa visão quotidiana. (1941, p. 1.

Carpeaux seguia a linha interpretativa desenhada por Max Brod, que, como já vimos, preferia ler os textos kafkianos sob uma ótica religiosa. Além dessa visão religiosa dos textos kafkianos, Carpeaux tinha como tendência fazer uma análise sociológica, mostrando como os textos podem refletir a sociedade em que o autor está inserido.

O nome de Franz Kafka não voltou ao *Correio*, senão após três anos. E ele voltava nas mãos de Otto Maria Carpeaux, que escreveu a “Intenção e arte de um romancista”, para o *Correio da Manhã*, em 23 de fevereiro de 1945.

O artigo em questão não falava especificamente do autor, tema de estudo deste trabalho, mas comparava-o com outros escritores, particularmente, com Greene e Dostoievski. Carpeaux afirmava que Kafka era “o Dostoievski da Europa Ocidental do século XX” e o que diferenciava os dois escritores era o fato de Dostoievski ser cristão

e Kafka ser um judeu descrente: “A visão cristã do mundo em Dostoievski corresponde em Kafka a uma mitologia infernal, reflexo dum mundo degenerado e condenado”.

Carpeaux comentou a grande variedade de interpretações da obra de Kafka, citando várias delas e afirmou, por fim, que Kafka era o tipo de escritor no qual poderíamos encontrar reflexos de nós. Sob a ótica existencialista, o autor justificava seu ponto de vista lembrando-nos que o mundo degenerado que aparece em Kafka é o mesmo mundo em que estamos inseridos.

Contrariando uma tendência de muitos estudos sobre Franz Kafka, muitos dos quais fora do Brasil, Haroldo Bruno escreveu “Elogio de Gregor Samsa” para o *Correio da Manhã*, em 14 de dezembro de 1947, no qual, ao tratar sobre “A metamorfose”, defendia uma crítica com bases estritamente literárias. Para Bruno, não poderíamos misturar a vida de Kafka com a sua obra, a única interpretação que teria uma verdadeira base seria aquela que buscasse somente os elementos estéticos do texto:

[...] se ver na obra invariavelmente um reflexo em baixo relevo, tanto quanto possível disfarçado, das qualidades ou defeitos de quem a fez, sem se reparar que deste modo fica diminuído o poder inventivo do artista e mutilada a essência criadora da arte, que é precisamente o dom de se projetar alguém fora do círculo de si mesmo, realizando um tipo de criação que fugindo ao plano do abstrato e do pessoal, sugira antes a idéia de liberdade. (1947, p. 2).

Em 19 de março de 1948, o artigo “‘O processo’, de Kafka”, de autoria desconhecida, ressaltou a importância da adaptação do romance kafkiano feita por André Gide e Jean Louis Barrault, apresentada por um grupo de teatro em Paris. A peça foi considerada um dos grandes acontecimentos daqueles últimos tempos, e o

autor do artigo se mostrava espantado pelo fato de que quase nada se falava sobre Kafka no Brasil, uma vez que já se havia apontado a sua qualidade literária.

Álvaro Lins, em “Jornal de crítica”, de 02 de abril de 1948, encontrou semelhanças entre Murilo Rubião e Franz Kafka. Mesmo com a afirmação do próprio Rubião, que dizia não ter sido influenciado pelo autor tcheco, Álvaro Lins chegou a declarar que ele, Rubião, era o nosso Kafka. Reconheceu que embora houvesse várias características diferentes nas obras dos dois escritores, uma característica somente já seria suficiente para aproximá-los:

[...] o tratamento como que objetivo e exato do imaginário, a criação de um mundo que, embora com as mesmas coisas e pessoas do nosso mundo, difere deste quanto às situações de movimento, tempo e causalidade, a apresentação deste outro mundo de forma a colocar o leitor em estado de vertigem ao ponto de levá-lo a sentir que aquela criação supra-real é que tem verossimilhança e mesmo verdade, enquanto o nosso ambiente visível e sensível fica sendo aos seus olhos, transfigurado pela ficção, uma realidade inverossímil e mesmo falsa. (LINS, 1948, p. 2).

Álvaro Lins, mostrou-nos com esta citação que ambos escritores tinham uma grande qualidade: criavam um mundo imaginário, absurdo, fazendo com que o leitor passasse a acreditar que este mundo fictício realmente existia e o identificasse com a realidade na qual ele mesmo vivia. O absurdo dentro destas obras passava, então, a ser algo lógico.

Muito comum, em todos os jornais estudados, foi a publicação de notícias sobre Franz Kafka. Várias foram as matérias dos jornais que noticiaram a publicação ou a colocação de uma obra kafkiana em algum *ranking*. Assim, em 30 de maio de 1948, em uma coluna do *Correio*, intitulada “Vida literária”, *O processo*, de Franz Kafka, aparecia em sétimo lugar.

Deixando de lado as notícias – digamos, “curiosas” – e retomando a crítica literária, deparamo-nos com “Albert Camus e a revolta do herói”, de Mário Pedrosa, publicado em 14 de novembro de 1948.

Mário Pedrosa estabeleceu uma comparação entre Albert Camus e Franz Kafka. Para ele, tanto Camus como Kafka podiam ser considerados descendentes de Dostoiévski, por revelarem com lucidez e objetividade o absurdo do mundo moderno. Neste artigo percebe-se uma grande ligação com um artigo já comentado anteriormente: “Jornal de Crítica”, de Álvaro Lins. Ambos os críticos elogiaram a naturalidade com que Kafka revelava um fato absurdo, como, por exemplo, o fato de, em “A metamorfose”, uma pessoa se transformar repentinamente em um inseto.

Encerrando a década de 40, o *Correio* trazia “Um ‘metteur en scène’ de Kafka”, de Paulo de Castro, no dia 11 de dezembro de 1949. O principal objetivo do texto era falar sobre a adaptação de *O processo* para o teatro. Além desta peça, ele nos mostra outra adaptação da prosa kafkiana: “A colônia penitenciária”, considerada uma grande decepção para Barrault.

A década de 40 marcou o início da recepção de Franz Kafka no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro e, portanto, o momento em que os leitores brasileiros tiveram as primeiras informações sobre a prosa kafkiana. A maior quantidade de artigos publicados sobre o escritor no período, concentrou-se no *Correio da Manhã*, possivelmente dada a presença de Otto Maria Carpeaux no jornal. As críticas, que ainda eram em pouca quantidade, apresentavam um viés sociológico, discutiu-se, ainda, a temática dos textos poéticos.

Na década de 50, aumentou o número de matérias sobre Franz Kafka no *Correio da Manhã*. Os artigos que tratavam do escritor sobem de nove para 30, além de 34 que faziam algum tipo de referência a Franz Kafka (conferir Anexo III):

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR
• (?) Inquérito. <i>Correio da Manhã</i>. 3º caderno. 08 jan. 1950, p. 1. • SCHMIDT, A. F. Doutor Kafka. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 01 mar. 1953, p. 2. • (?) La nouvelle N. R. F. n. 4. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 09 maio 1953, p. 6. • CARPEAUX, O. M. Kafka em Viena. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 09 jul. 1953, p. 2. • (?) O Processo de Kafka como ópera: estréia mundial no Festival de Salzburgo. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 03 out. 1953, p. 7. • OLINTO, A. Franz Kafka e a filosofia idealista. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 14 nov. 1953, p. 6. • (?) Atmosfera de Kafka. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 21 nov. 1953, p. 7. • PEREIRA, L. M. Inéditos de Kafka. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 28 nov. 1953, p. 7. • VAFER, E. “O processo”, de Kafka. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 03 abr. 1954, p. 7. • (?) Uma coisa e outra. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 27 abr. 1954, p. 10. • (?) Buzzati, e a sombra de Kafka. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 17 jul. 1954, p. 7. • (?) “O castelo” de Kafka no teatro. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 28 ago. 1954, p. 7. • (?) Balanço – agosto. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 01-02 jan. 1955, p. 12. • JAJA, V. O que Kafka me contou. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 15 jan. 1955, p. 9. • (?) Vinte livros. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 10 jul. 1955, p. 14. • (?) Os 20 maiores. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 14 jul. 1955, p. 14. • (?) Na arca de Noé. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 15 jul. 1955, p. 12. • (?) Na arca de Noé (4). <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 15 jul. 1955, p. 12. • (?) Na arca de Noé (8). <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 15 jul. 1955, p. 12. • (?) Na arca de Noé (9). <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 15 jul. 1955, p. 12. • (?) Na arca de Noé (14). <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 07 ago. 1955, p. 14. • (?) Kafka e os anúncios. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 07 ago. 1955, p. 14. • (?) Na arca de Noé (16). <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 07 ago. 1955, p. 14. • (?) Na arca de Noé (19). <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 18 ago. 1955, p. 12.

- (?) Na arca de Noé. *Correio da Manhã*. 1º caderno. 24 ago. 1955, p. 10.
- (?) Periscópio. *Correio da Manhã*. 1º caderno. 20 nov. 1955, p. 18.
- CARPEAUX, O. M. Amigo de Kafka. *Correio da Manhã*. 1º caderno. 29 dez. 1956, p. 9.
- (?) Kafka em português. *Correio da Manhã*. 1º caderno. 08 mar. 1957, p. 12.
- (?) Livros de maior tiragem. *Correio da Manhã*. 1º caderno. 17 dez. 1957, p. 16.
- BORGES, B. A esperança e o absurdo na obra de F. Kafka. *Jornal do Brasil*. 18 maio 1958, p. 5.

No entanto, nota-se que poucos foram os críticos que apresentaram artigos específicos sobre o escritor: Afonso Frederico Schmidt (1), Otto Maria Carpeaux (2), Antônio Olinto (1), Lúcia Miguel Pereira (1), Elísio Vafer (1) e Van Jafa (1), perfazendo um total de sete artigos. Estes escreveram uma única matéria sobre o escritor – com exceção de Carpeaux que escreveu dois artigos – enquanto grande parte dos textos publicados – 22, dos quais oito em uma única seção – não possui qualquer indicação de autor. Estes últimos foram separados em dois blocos, pois se acredita que os 08 textos publicados na seção “Na Arca de Noé” sejam de um mesmo autor e os outros 14 de autores diferentes:

AUTOR	ARTIGO	DATA
(?)	Inquérito	08.01.1950
(?)	La nouvelle N.R.F. n. 4	09.05.1953
(?)	O Processo de Kafka como ópera: estréia mundial no Festival de Salzburgo	03.10.1953
(?)	Atmosfera de Kafka	21.11.1953
(?)	Uma coisa e outra coisa	27.04.1954
(?)	Buzzati, e a sombra de Kafka	17.06.1954
(?)	“‘O castelo’ de Kafka no teatro”	28.08.1954
(?)	Balanço – agosto	01.01.1955
(?)	Vinte livros	10.07.1955
(?)	Os vinte maiores	14.07.1955

(?)	Kafka e os anúncios	07.08.1955
(?)	Periscópio	20.11.1955
(?)	Kafka em português	08.03.1957
(?)	Livros de maior tiragem	17.12.1957
(?)	Na arca de Noé (4)	15.01.1955
	Na arca de Noé (8)	15.01.1955
	Na arca de Noé (9)	15.01.1955
	Na arca de Noé	15.07.1955
	Na arca de Noé (14)	07.08.1955
	Na arca de Noé (16)	07.08.1955
	Na arca de Noé (19)	18.08.1955
	Na arca de Noé	24.08.1955
SCHMIDT, A. F.	Doutor Kafka	01.03.1953
CARPEAUX, O. M.	Kafka em Viena	09.07.1953
	Amigo de Kafka	29.12.1956
OLINTO, A.	Franz Kafka e a filosofia idealista	14.11.1953
PEREIRA, L. M.	Inéditos de Kafka	28.11.1953
VAFER, E.	“‘O processo’, de Kafka”	03.04.1954
JAFÁ, V.	O que Kafka me contou	15.01.1955

O primeiro artigo publicado, “Inquérito”, sem identificação do autor, de 08 de janeiro de 1950, apresenta uma classificação na qual *O processo*, de Franz Kafka, está em sétimo lugar dentre os dez melhores livros da literatura moderna.

O primeiro artigo assinado foi o de Afonso Frederico Schmidt, intitulado “Doutor Kafka” e publicado em 01 de março de 1953, no qual discutia a semelhança entre a vida e a obra de Franz Kafka. Em poucas linhas, falou sobre a escuridão presente tanto na vida como na prosa kafkiana. Para o autor do artigo, por estar consciente de sua morte, Kafka se prendeu ao absurdo, ao mistério, à falta de lógica e de explicação. Esta relação que Schmidt fez entre a vida e a obra do autor tcheco era muito comum dentro das linhas interpretativas encontradas sobre Kafka. A sua inovação está naquilo que afirmava sobre a consciência de Kafka a respeito de sua morte e a ligação com o absurdo. Normalmente, o absurdo, o mistério e até mesmo “a falta de lógica”, que

alguns críticos encontraram em Kafka, eram relacionados aos problemas da sociedade moderna ou à dificuldade de relacionamento entre Kafka e sua família.

Os textos kafkianos ganharam nova edição. O artigo “La Nouvelle N. R. F. n. 4”, de 09 de maio de 1953, noticiava a publicação de *Carta ao pai*, de Franz Kafka em *La Nouvelle Revue Française*. O presente artigo não fazia nenhuma crítica à obra do escritor, somente anunciava a publicação.

Carpeaux reapareceu falando sobre Franz Kafka em 10 de julho de 1953, comemorando o 70º aniversário do escritor. Em “Kafka em Viena” ele realçou a ligação de Kafka com Viena e se mostrou impressionado com o fato de o bibliotecário da “Biblioteca Nacional de Viena”, E. T. A. Hoffmann, não conhecer Kafka. Este mesmo fato também foi discutido em outro artigo do mesmo autor: “Meus encontros com Kafka”, que será apresentado no próximo capítulo. Nesta matéria, Carpeaux, ao contrário do que ocorreu anteriormente, não fazia críticas à prosa kafkiana, somente narrava o ocorrido com o bibliotecário e prestava uma homenagem ao escritor.

Posteriormente, relacionando Kafka à música, aparecia a notícia “O Processo de Kafka como ópera: estréia mundial no Festival de Salzburgo”, de 03 de outubro de 1953, que anunciava a estréia do Festival de Salzburgo, no qual seria apresentada a ópera “Einem”, baseada em *O processo*.

Segundo Antônio Olinto, em “Franz Kafka e a filosofia idealista”, de 14 de novembro de 1953, era preciso destacar a importância do reflexo da vida de Franz Kafka em sua obra. Seguindo a linha de alguns críticos já discutidos no capítulo anterior, Olinto dizia que toda e qualquer autoridade surgia como ameaçadora nas obras de Kafka e isto era fruto do relacionamento difícil de Kafka com a sua família.

Na sequência cronológica dos textos aparecia “Atmosfera de Kafka”, de 21 de novembro de 1953. O artigo, sem autor, falava sobre *La Gaffeur*, de Jan Malaquias, aproximando-o da prosa kafkiana. Em um texto com somente quatro linhas, o autor não justificava a aproximação que fazia entre os autores, simplesmente, dizia que eram semelhantes.

Lúcia Miguel Pereira escreveu “Inéditos de Kafka”, em 28 de novembro de 1953, texto que também apareceu n’*O Estado de S. Paulo* (18 de julho de 1954) e será comentado no próximo capítulo. O artigo falava sobre a insegurança de Franz Kafka perante a qualidade de sua obra e classificava Kafka como o “intérprete genial do lado noturno da vida”. Aqui também encontramos uma crítica marxista, principalmente pela relação que se estabeleceu entre suas obras e os problemas da sociedade moderna. Para ela, Kafka somente retratava o lado obscuro da vida, os seus problemas sociais.

Uma possível interpretação para a prosa kafkiana foi enxergá-la como profética, como fez Elisio Vafer em “‘O processo’, de Kafka”, artigo de 03 abril de 1954. Vafer considerava Kafka um profeta, pois todos os seus textos pareciam refletir a situação social atual. O tema kafkiano é atemporal, pois, segundo o autor, a qualquer momento em que lemos sua obra ela parece se referir à atualidade.

A seção “Escritores e livros”, de 27 de abril de 1954, comunicou uma edição alemã de *O castelo* de Franz Kafka, em “Uma coisa e outra coisa”. O autor, sem identificação, anunciava que na Alemanha havia saído uma edição popular da prosa kafkiana. O curioso desta edição era que a mesma permitia entremear anúncios propagandísticos ao texto.

“Buzatti e a sombra de Kafka”, em 17 de julho de 1954, foi um dos vários artigos que fez uma aproximação entre o escritor tcheco e Dino Buzzati. Na maioria dos textos, que apareciam com mais frequência em São Paulo, e que veremos no próximo capítulo, os dois são comparados pelo fato de utilizarem uma linguagem clara e representarem o absurdo do mundo moderno.

Além das peças baseadas em *O processo*, o artigo “‘O castelo’ de Kafka no teatro”, informava de que outra prosa kafkiana seria adaptada para o teatro: *O castelo*. Desta vez, o anúncio era o de uma peça que seria apresentada pelo “Schiller Theater”. Esta mesma adaptação de *O castelo* para o teatro também fora destaque em “Balanço – agosto”, de 02 de janeiro de 1955.

O escritor Gustav Janouch havia narrado os seus encontros com Franz Kafka em sua obra *Conversas com Kafka*. O artigo “O que Kafka me contou”, de Van Jafa, publicado em 15 de janeiro de 1955, tratava desta publicação. Neste artigo, Jafa teceu comentários sobre o texto de Janouch, recorrendo sobre o encontro entre os dois escritores.

A partir de agora encontraremos uma sequência de textos, dos quais não se sabe quem são os autores, e que, simplesmente, inseriram os textos de Kafka em algum *ranking*. O primeiro deles foi “Vinte livros”, de 10 de julho de 1955. De acordo com uma seleção de textos feita por críticos literários italianos, *O processo*, de Franz Kafka foi eleito um dos melhores romances da metade do século XX. Seguindo esta mesma linha, em 14 de julho de 1955, Octavio de Faria, em “Os 20 maiores livros”, destacou *O processo* como o terceiro colocado da lista apresentada.

Uma série de artigos intitulados “Na arca de Noé” foi publicada no jornal carioca, de autoria desconhecida. No dia 15 de julho saíram alguns textos com opiniões sobre algumas obras de Franz Kafka. No primeiro deles, Adalgiza Néri colocou *O processo* em 19º lugar, entre os vinte melhores livros, ao passo que Alceu Amoroso Lima classificou o romance em 12º lugar; seguido de Otto Maria Carpeaux, que o posicionou em 11º. Nesta avaliação, Mauritônio Meira não escolheu a mesma obra kafkiana que os críticos anteriores, porém, na mesma edição do jornal, colocou *O castelo* na 16ª posição.

No mês seguinte, a 07 de agosto, a última matéria com o título de “Na arca de Noé” voltava a nos mostrar em qual posição se encontrava *O processo*. Desta vez quem tecia a sua opinião era Mauro Motta, que via a prosa de Kafka como a 5ª melhor obra. No mesmo dia, Antonio Moniz Viana afirmou que o livro de Kafka estava, na verdade, em 3º lugar, seguido de Saldanha Coelho, que o colocava na 5ª posição. Alguns dias depois, a 18 de agosto, a conclusão final deixava clara a importância da prosa kafkiana, dizendo, entre outras coisas, que sua obra não poderia faltar na lista dos 20 melhores livros do século.

Como vimos em um artigo anterior, “Uma coisa e outra coisa”, *O castelo* ganhou edição popular. “Kafka e os anúncios”, de 07 de agosto de 1955, também noticiara esta publicação. O autor do texto se mostrou espantado com os anúncios entremeados às páginas do romance.

Van Jafa, que também escreveu um artigo para este jornal, como vimos anteriormente, foi assunto de “Periscópio”, de 20 de novembro de 1955. O artigo

noticiava um livro de Van Jafa, *Prosa vadia*, o qual trazia comentários sobre vários escritores, entre eles, Franz Kafka.

Otto Maria Carpeaux, a 29 de dezembro de 1956, escreveu “Amigo de Kafka” e se referiu a Robert Walser, que de modo semelhante a Kafka, colocava os seus narradores à margem dos acontecimentos. Para Carpeaux, ambos os escritores não permitiam que os seus narradores tivessem o conhecimento dos fatos antes que estes acontecessem, eles pareciam estar somente observando os acontecimentos, sem poder interferir em momento algum. O autor do artigo comparou “Jacob von Gunten”, de Walser, com “Diante da lei”, de Kafka: os dois textos têm características semelhantes, apresentando apenas um final diferente. O primeiro, segundo o crítico, termina com uma lição de coragem, enquanto o segundo é trágico.

Depois de tantos anos, finalmente o público brasileiro teve acesso à primeira obra traduzida de Franz Kafka. O artigo “Kafka em português” anunciava a primeira edição de *O processo* em português. O livro foi editado pela “Civilização Brasileira” e foi traduzido por Eduardo de Lima Castro.

No último artigo desta data, em “Livros de maior tiragem”, de 17 de dezembro de 1957, o autor (desconhecido) fez uma afirmação inédita até aquele momento. Segundo ele, Kafka era um autor cuja obra apresentava um grande volume de vendas, mas o seu público, na verdade, concentrava-se na elite.

A década de 50 apresentou um grande aumento de matérias sobre Franz Kafka, mas a maioria delas ou trazia somente índices de vendas e a classificação de sua obra dentre os maiores escritores do século, ou se prendia às adaptações feitas a partir de sua obra para o teatro – evidentemente, no exterior. As poucas análises

críticas que apareceram neste período buscavam, em geral, estabelecer semelhanças entre a prosa de Kafka e seu relacionamento com a família.

Na seqüência, a década de 60 também apresentou algumas matérias sobre o autor. Nesse momento, o número de matérias sobre o escritor começava a diminuir, aparecendo somente 17 artigos que iriam realmente tratar do escritor e 55 que faziam referências a ele.

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR
• (?) Um precursor de Kafka. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 23 abr. 1960, p. 9. • (?) Ainda uma vez, Kafka. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 03 set. 1960, p. 9. • LEITE, M. G. Procura de Franz Kafka entre a neblina fechada de uma cidade. <i>Correio da Manhã</i>. 3º caderno. 27 abr. 1963, p. 4. • MAURICIO, J. O mundo de Kafka e Cuevas da Falcon Press. <i>Correio da Manhã</i>. 3º caderno. 11 maio 1963, p. 4. • CARPEAUX, O. M. O gótico no universo. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 28 set. 1963, p. 3. • RIBEIRO, L. G. Kafka revive em Praga. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 19 out. 1963, p. 2. (crítica literária) • (?) Sobre Kafka. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 19 out. 1963, p. 3. • CONY, C. H. Do cidadão K e de Joseph K. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 18 jan. 1964, p. 1.
• LEITE, M. G. O Processo – I: entre Praga e Kenosha. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 01 fev. 1964, p. 2. • CARPEAUX, O. M. O processo perdido. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 07 mar. 1964, p. 3. • (?) De Homero a Kafka. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 21 nov. 1964, p. 3. • CARPEAUX, O. M. Precursor de Kafka. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 20 mar. 1965, p. 3. • FAGUNDES, M. C. O enigma Kafkiano. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 22 out. 1966, p. 2. • DAVID, C. Interpretação de Kafka de Ruy Alves Jorge. <i>Correio da Manhã</i>. 4º caderno. 14 jan. 1968, p. 1. • PELEGRINO, H. A honra de ser inseto. <i>Correio da Manhã</i>. 4º caderno. 02 jun. 1968, p. 4. • (?) Grandes livros “indigestos”: um inquérito popular. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 06

jan. 1968, p. 1. (notícia)

- (?) Da fossa Kafkiana & outros bichos. *Correio da Manhã*. 2º caderno. 29 jun. 1969, p. 3. (crítica literária)

Assim como na década anterior, nesta também encontramos poucos autores que apresentassem mais de um artigo sobre Kafka e estes vieram assinados por Eugênio Gomes (2), Eduardo Frieiro (1), Maurício Gomes Leite (1), Jayme Maurício (1), Otto Maria Carpeaux (3), Leo Gilson Ribeiro (1), Carlos Heitor Cony (1), M. C. Fagundes (1), Carlos David (1), Hélio Pelegrino (1), além dos não-identificados (7).

AUTOR	ARTIGO	DATA
(?)	Um precursor de Kafka	23.04.1960
(?)	Edições recentes	09.07.1960
(?)	Ainda uma vez, Kafka	03.09.1960
(?)	Sobre Kafka	19.10.1963
(?)	De Homero a Kafka	21.11.1964
(?)	Grandes livros “indigestos”: um inquérito popular	06.01.1968
(?)	Da fossa Kafkiana & outros bichos	29.06.1969
GOMES, E.	Margem de um conto popular: novela A Metamorfose.	17.06.1960
	O Processo – I: entre Praga e Kenosha	01.02.1964
FRIEIRO, E.	Livros decisivos	19.01.1963
LEITE, M. G.	Procura de Franz Kafka entre a neblina fechada de uma cidade	27.04.1963
MAURICIO, J.	O mundo de Kafka e Cuevas da Falcon Press	11.05.1963
CARPEAUX, O. M.	O gótico no universo	28.09.1963
	O processo perdido	07.03.1964
	Precursor de Kafka	20.03.1965
RIBEIRO, L. G.	Kafka revive em Praga	19.10.1963
CONY, C. H.	Do cidadão K e de Joseph K	18.01.1964
FAGUNDES, M. C.	O enigma Kafkiano	22.10.1966
DAVID, C.	Interpretação de Kafka de Ruy Alves Jorge	14.01.1968
PELEGRINO, H.	A honra de ser inseto	02.06.1968

No início da década, o primeiro texto encontrado foi “Um precursor de Kafka”, de 23 de abril de 1960, sem autoria. O artigo não fazia comentários diretos sobre a obra de Kafka e, assim como o texto “Amigo de Kafka”, de Carpeaux, da década anterior, falava da obra “Jacob von Gunten”, de Robert Walser. Para ambos, Walser era um precursor de Kafka.

O segundo texto, “Ainda uma vez, Kafka”, também sem autor determinado, de 03 de setembro de 1960, era breve e somente procurava classificar Franz Kafka. Para o autor a melhor classificação a ser dada ao escritor tcheco seria a de escritor universal.

Outra forma também comum de associações feitas a Franz Kafka era a relação entre o autor e a cidade de Praga. No caso de “Procura de Franz Kafka entre a neblina fechada de uma cidade”, de Maurício Gomes Leite, de 27 de abril de 1963, foi justamente este o aspecto tratado. O texto ao falar sobre a cidade de Praga, especialmente a Cidade Velha, e classificá-la como uma região deserta, esquecida, aproximava este ambiente dos encontrados na prosa de Kafka. Esta aproximação foi feita a partir da perspectiva da influência do contexto social, político, cultural na produção da obra literária.

“O mundo de Kafka e Cuevas da Falcon Press”, de Jaime Maurício, publicado a 11 de maio de 1963, noticiou a edição de *The world of Kafka & Cuevas*, da *Falcon Press*. A obra em discussão falava sobre o ambiente presente nos dois artistas: Franz Kafka e Jorge Luiz Cuevas.

Otto Maria Carpeaux reapareceu no *Correio da Manhã* em 28 de setembro de 1963, com “O gótico no universo”. Este texto foi publicado primeiramente neste

jornal, mas se repetiria em outros periódicos. Como veremos no próximo capítulo, ele também seria publicado em *O Estado de S. Paulo*, na mesma data.

Nesse artigo, o crítico nos mostrou que sobre Franz Kafka já havia 3959 livros e artigos, até a data da matéria, e que a maioria destas interpretações era de cunho psicológico ou sociológico.

Léo Gilson Ribeiro retomou a idéia de Maurício Gomes Leite em “Kafka revive em Praga”, de 19 de outubro de 1963. Ambos discutiam a relação entre o ambiente da cidade de Praga e o mundo representado na prosa kafkiana.

Também a 19 de outubro de 1963, encontramos o texto “Sobre Kafka”, sem referência de autoria. O breve artigo falava sobre a publicação do livro de Heins Politzer, *Franz Kafka: Parable and paradox*, editado na Inglaterra pela “Oxford University Press”. O autor do livro interpretava *O processo* como simbologia do terror estatal totalitário.

Carlos Heitor Cony em “Do cidadão K e de Joseph K”, deteve-se na crítica às produções de Orson Welles, e em sua matéria buscou estabelecer semelhanças e diferenças entre o personagem do filme e o do livro.

Eugênio Gomes escreveu seu segundo texto para o jornal, em 01 de fevereiro de 1964. “O Processo – I: entre Praga e Kenosha”, retomou a crítica à adaptação de *O processo*, feita por Orson Welles. Muitos críticos apontaram que a adaptação de uma obra como a de Franz Kafka não era fácil de ser feita, visto que sua prosa é carregada de simbologia, não podendo ser representada de outra forma senão pela palavra. A encenação, segundo eles, acabava minimizando os problemas apresentados no texto literário.

Mais um texto de Carpeaux foi publicado, simultaneamente, em São Paulo e no Rio de Janeiro: “O processo perdido”, de 07 de março de 1964. Carpeaux, seguindo a linha das suas matérias anteriores, também discutiu a adaptação de Orson Welles. A diferença entre as duas obras, segundo ele, era tão grande que se notava desde a própria linguagem: Kafka tinha uma linguagem simples, ao passo que Welles, uma barroca.

“De Homero a Kafka”, de 21 de novembro de 1964, tratou do livro de Marthe Robert: *L'Ancien et la Nouveau: de Don Quichote a Franz Kafka*. Robert elegia *O processo* como a obra-mestra de Franz Kafka. As várias interpretações sobre a obra de Kafka foram muito válidas para o autor do texto: “Porque se o homem (moderno) ‘procura’ alguma coisa, é ele próprio (na sua inquietação e na sua incerteza sobre em que acreditar) que, involuntariamente, se transforma no principal obstáculo do êxito da busca”. Assim, podemos compreender que esta busca de novas interpretações, de novas formas de entender a obra de Kafka, refletia uma busca inerente ao ser humano.

O último texto de Carpeaux a aparecer no jornal carioca foi “Precursor de Kafka”. Como os anteriores, este artigo também foi publicado tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo. Ele apareceu primeiro n’*O Estado de S. Paulo*, em 13 de março de 1965, seguido do *Correio da Manhã*, em 20 de março do mesmo ano. O autor retomou um tema já tratado: a comparação entre Robert Walser e Franz Kafka.

M. C. Fagundes, em “O enigma Kafkiano”, de 22 de outubro de 1966, dizia que dentre as grandes qualidades de Franz Kafka estava a sua capacidade de fazer suspense. Uma das formas de se conseguir resolver este enigma kafkiano, segundo

Fagundes, estava na análise de Leandro Konder: ligar a vida e a obra do autor. O biografismo também era uma das maneiras de se procurar compreender os textos kafkianos e tanto Fagundes como Konder deixavam claro que relacionar texto e biografia do autor era importante, mas havia de se ter cuidado para não exagerar na aproximação.

Um ano se passou sem nenhuma matéria publicada sobre o escritor. “Grandes livros ‘indigestos’: um inquérito popular”, de 06 de janeiro de 1968, questionou o caráter hermético de Franz Kafka. O autor (desconhecido) ressaltava que por muitos anos Kafka foi classificado como um ficcionista difícil, “a ponto de ser erigido, pelos surrealistas da primeira fase do Modernismo, o ‘profeta’ da literatura visionária e onírica”. Somente após a Segunda Guerra Mundial, é que os livros de Franz Kafka foram publicados em edições populares, *pocket books*, e logo se tornaram *best sellers*.

Carlos David, em 14 de janeiro 1968, tratou da “Interpretação de Kafka de Ruy Alves Jorge”, anunciando que um ensaio sobre Kafka para prender a atenção do leitor não precisava fazer uma análise exaustiva, bastava “um lustrozinho de exegese e informação e em qualquer confim da terra encontrará leitores”. Assim, o crítico critica justamente esta característica na obra de Ruy Alves Jorge, que, segundo ele, poderia atingir melhor seu público se houvesse sintetizado seu texto.

Para Hélio Pelegrino, em “A honra de ser inseto”, de 02 de junho de 1968, Franz Kafka, em suas obras, refletiu os problemas sociais do mundo contemporâneo. Gregor Samsa, em “A metamorfose”, se tornara um ser alienado que procurava acabar com as forças dominantes esmagadoras: “Desta forma Gregor Samsa é um alienado

que se desaliena através da coragem de proclamar-se alienado, pagando o preço de sua alienação”. O enfoque dado neste artigo foi o da crítica existencialista, na qual o ser humano questiona a sua vida e a razão por estar vivo.

Encerrando as matérias publicadas em *O Correio da Manhã*, encontramos “Da fossa Kafkiana & outros bichos”, uma crônica sem identificação de autor.

De modo geral, as críticas encontradas até o momento não foram totalmente dirigidas a Franz Kafka, mas, na maioria delas, o escritor foi colocado como “pano de fundo” para se falar sobre outro texto ou outro artista. Quando encontramos críticas específicas sobre Kafka, nada de muito substancial se acrescentou às mesmas. O principal enfoque da década de 60, dado à obra kafkiana, foi o estudo das influências familiares e sociais na obra do escritor.

Exceto as matérias aqui elencadas, nada mais se encontrou sobre Franz Kafka nas páginas do jornal. Este fato se deixa facilmente explicar, se lembrarmos da crise pela qual passou o jornal a partir de 1968. Com a crise, o mesmo perdeu rapidamente o seu prestígio e, ao tentar defender interesses estritamente políticos, a cultura foi relegada a um segundo plano.

3.2 *Jornal do Brasil*

O segundo jornal do Rio de Janeiro a ser objeto de nossa pesquisa é o *Jornal do Brasil*, que surgiu, alguns anos depois da criação do periódico *A Província*, com a primeira Constituição Republicana, em fevereiro de 1891, em abril do mesmo

ano, publicado inicialmente com oito páginas. De tendência liberal e inclinação conservadora, sem vínculo partidário, o periódico assumiu a condição de jornal livre e independente. Foi o primeiro a ter duas edições diárias e atingiu uma tiragem de 50.000 exemplares, tornando-se o jornal de maior tiragem da América do Sul.

Em 1893, Rui Barbosa passou a dirigi-lo e mudou o seu estilo: os fatos políticos predominariam sobre as notícias policiais. Acusado de incitar a Revolta Armada, o jornal foi assaltado e ocupado por militares em 1º de outubro de 1893, reaparecendo após um ano e 45 dias.

Com base em uma entrevista de Cacá Diegues, surgiu em 1978 a expressão “patrulhas ideológicas”, que simbolizava as dificuldades existentes na vida intelectual da época. Para os escritores desta fase foi importante discutir quais as possibilidades de atuação do intelectual e o problema do engajamento em todas as suas nuances. Este acontecimento encerrou o período de repressão e também a coesão da esquerda. O principal responsável pelo início da mudança foi Glauber Rocha. Em um apartamento do Rio de Janeiro, o *Jornal do Brasil* promoveu um debate entre alguns esquerdistas: Darcy Ribeiro, Ferreira Gullar, Glauber Rocha e Mário Pedrosa. Como o debate causou muitas divergências, optaram por não publicá-lo. Nos anos seguintes, este movimento foi visto como um fenômeno multicultural que ajudaria a criação de novas identidades sociais. Desmistificava-se, assim, a visão de um Brasil integrado, idéia imposta pelos militares, e a arte passava a fazer parte do cotidiano.

Assim como o *Correio da Manhã*, o *Jornal do Brasil* também publicou matérias sobre Franz Kafka, no período delimitado pela pesquisa, mas na década de 40 nenhum artigo foi encontrado sobre o escritor.

Na década seguinte, mais precisamente a partir de 1957, o nome Franz Kafka começou a pontilhar as páginas do jornal. Na década de 50 encontramos, quatro artigos que tinham como foco principal o escritor tcheco, e mais um que trazia fragmentos de textos de Franz Kafka (conforme Anexo III).

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR	
•	MUNF, E. Carta de Zurique, Kafka mutilado. <i>Jornal do Brasil</i> . 19 maio 1957, p. 4.
•	RIBEIRO, L. G. O mundo demoníaco de Kafka. <i>Jornal do Brasil</i> . 25 jul. 1957, p. 6-7.
•	BORGES, B. A esperança e o absurdo na obra de F. Kafka. <i>Jornal do Brasil</i> . 18 maio 1958, p. 5.
•	BLANCHOT, M. Kafka e a literatura. Trad. M. Laws. <i>Jornal do Brasil</i> . 01 ago. 1959, p. 4-5.

Neste período foram quatro os autores responsáveis pelos artigos sobre Franz Kafka, conforme o quadro a seguir: Eric Munf, Leo Gilson Ribeiro, Barreto Borges e Maurice Blanchot. Cada um deles foi responsável somente por uma matéria sobre o escritor. Para uma melhor visualização:

AUTOR	ARTIGO	DATA
MUNF, E.	Carta de Zurique, Kafka mutilado	19.05.1957
RIBEIRO, L. G.	O mundo demoníaco de Kafka	25.07.1957
BORGES, B.	A esperança e o absurdo na obra de F. Kafka	18.05.1958
BLANCHOT, M.	Kafka e a literatura	01.08.1959

Eric Munf foi o introdutor de Franz Kafka no *Jornal do Brasil*. “Carta de Zurique, Kafka mutilado” surgiu em 19 de maio de 1957 e trazia, como ponto de partida, uma peça teatral de Max Brod, baseada no romance *O castelo*. Brod destacava um final feliz na peça, alegando que isto era o que Kafka realmente desejava. Munf

afirmava ser esta peça de extrema importância, pois, além de Brod ter sido amigo do escritor, ele era o responsável pela divulgação da prosa kafkiana.

Neste mesmo ano, em 25 de julho, Leo Gilson Ribeiro escreveu “O mundo demoníaco de Kafka”, no qual retomou uma vertente analítica já vista em outras críticas literárias: a forte ligação entre Kafka e seus personagens. “A forma de inseto é o símbolo do conflito entre ele próprio e o mundo que o circunda, ele se torna monstruoso diante de si mesmo porque abandona os seus deveres filiais e familiares”. Para Ribeiro, Kafka dava ao pesadelo um valor de realidade, onde tudo seria possível, até mesmo o absurdo, a loucura, a crueldade e a injustiça.

Bruno Barreto apresentou, em 18 de maio de 1958, “A esperança e o absurdo na obra de F. Kafka”. Para o estudioso, “toda arte de Kafka consiste em obrigar o leitor a reler”. Todos os textos de Franz Kafka ficavam sem final, somente sugerindo explicações, nunca revelando, portanto, o que havia nas entrelinhas. Para tentar decifrar os segredos da prosa kafkiana o leitor era obrigado a relê-lo. Borges também afirmava que, mesmo em meio ao absurdo, havia nas obras kafkianas esperança, contrariando, assim, as idéias defendidas por alguns críticos de que a obra de Franz Kafka era “um grito desesperado em que não se deixa ao homem qualquer saída”.

Encerrando a década de 50, Maurice Blanchot apresentou o estudo “Kafka e a literatura”, de 01 de agosto de 1959. Diferentemente de uma certa tendência, neste período, Blanchot não se interessava pelo absurdo, mas se preocupava em analisar as influências sofridas por Kafka. Para ele, mesmo Kafka vivendo em uma época

“expressionista, de vanguarda”, tinha Goethe e Flaubert como mestres, os quais o fizeram conhecer o “valor de uma forma perfeitamente trabalhada”.

Muito pouco se escreveu neste período, mas o que encontramos foram matérias que, mesmo não inovando nas interpretações sobre Franz Kafka, foram de grande valia para a divulgação no Rio de Janeiro. Os textos se propunham, realmente, a analisar as obras kafkianas, e não as utilizavam como subterfúgio para falar sobre outros escritores. Somente uma delas falava de uma adaptação teatral, mas uma peça que tinha, como pudemos entender, como principal objetivo, apresentar ao povo o que “realmente” se queria mostrar.

O número de críticos e estudiosos que se voltou para a obra de Franz Kafka na década de 60 e que escreveu artigos para o *Jornal do Brasil* não se alterou significativamente. Os títulos realmente dedicados ao autor totalizam-se em quatro, dos quais um sem autoria. Além disso, havia mais um que, apenas, fazia alusão ao escritor tcheco e um que apresentava a sua obra – “O silêncio das sereias”. Para melhor visualização, segue o quadro abaixo.

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR
• MACIEL, L. C. Elogio Kafka. <i>Jornal do Brasil</i>. 16 jan. 1960, p. 7. • MARON, S. Novo ensaio sobre Kafka. <i>Jornal do Brasil</i>. 10 dez. 1960, p. 1. • GOLDSTUCKER, E. Kafka reabilitado na Tcheco-Eslováquia. <i>Jornal do Brasil</i>. Caderno de Domingo. 07 jul. 1963, p. 5. • (?) Kafka não conseguiu ser Kafkiano. <i>Jornal do Brasil</i>. Caderno B. 24 jul. 1964, p. 1.

Luiz Carlos Maciel iniciou as publicações da década, seguiram-no S. Maron, Edward Goldstucker e um crítico que não assina a matéria, além disso, todos escreveram somente um texto sobre Kafka no jornal em questão.

AUTOR	ARTIGO	DATA
MACIEL, L. C.	Elogio Kafka	16.01.1960
MARON, S.	Novo ensaio sobre Kafka	10.12.1960
GOLDSTUCKER, E.	Kafka reabilitado na Tcheco-Eslováquia	07.07.1963
(?)	Kafka não conseguiu ser kafkiano	24.07.1964

Luiz Carlos Maciel escreveu “Elogio Kafka”, a 16 de janeiro de 1960. Neste artigo destacou dois elementos fundamentais da prosa kafkiana: “[...] sua natureza de choque com o absurdo essencial da realidade – sua intenção geral, suficiente em toda a sua extensão –, e uma experiência sofrida da solidão metafísica o atravessa no próprio cerne – uma experiência existencial”.

Outra característica, enfatizada pelo autor do artigo, e que o diferenciava de outros escritores, é que nem mesmo o estudo analítico foi capaz de desvendar os mistérios em suas obras. Maciel também defendia as interpretações de Max Brod, pois entendia que os textos de Kafka eram alegorias religiosas, acreditando-se no pecado original. Como encarava a obra kafkiana como alegoria, procurou deixar claro que ela era intraduzível, visto que se tratava de um símbolo. Para explicar melhor a diferença entre símbolo e alegoria Maciel baseara-se em *Breviário da crítica*, de Benedetto Croce:

[...] o conteúdo significativo de uma alegoria corresponde com exatidão e é esgotada numa expressão conceitual, ao contrário do símbolo, cuja significação é inseparável de sua expressão, da imagem concreta que o encarna. O símbolo é produto de uma operação intuitiva. É sempre obscuro e portador de um superávit de sentido além de qualquer tradução. Sua essência é apresentar dimensões significativas imprevisíveis e, por isso, supera, inclusive, os propósitos de quem o emprega. (MACIEL, 1960, p. 7).

Seguindo o estudo da simbologia na prosa de Franz Kafka encontramos “Novo ensaio sobre Kafka”, de S. Maron. Segundo Maron, para se compreender as

obras de Franz Kafka seria necessário não só estudarmos a simbologia do autor, mas também os fatos concretos, a influência do ambiente em que Kafka estava inserido:

Kafka descreve a realidade envolvida em mistério, enigmática, da qual o homem só pode ver um aspecto, um lado, sendo os demais inabordáveis. Isto se pode compreender muito bem quando se analisa a situação dos judeus em Praga, num duplo isolamento: como alemães entre os tchecos e como judeus entre os alemães. (p. 1)

Edward Goldstucker escreveu “Kafka, reabilitado na Tchecoslováquia”, publicado em 07 de julho de 1973, no qual falava sobre uma conferência que ocorreu na Tchecoslováquia para a reabilitação de Franz Kafka, e que reuniu centenas de especialistas. Na conferência, assim como nas mais diversas críticas sobre o autor, o que se destacava era a visão marxista de seu trabalho. Kafka era considerado por muitos tchecos como um autor pernicioso, sendo muitas vezes desprezado por parte da população tcheca. A partir deste evento, o valor de sua prosa começou a ser reconhecido.

Para terminar a discussão sobre as críticas presentes na década de 60 falaremos sobre “Kafka não conseguiu ser kafkiano”, escrito em 24 de julho de 1964, sem a apresentação do seu autor. O principal objetivo do texto era comemorar os 40 anos de morte de Franz Kafka, mas outras questões também foram levantadas no decorrer do artigo. Para o autor, o possível medo que Kafka sentia de seu pai se refletia claramente nas descrições que fazia das relações entre o homem e o mundo que o cercava. Muitos personagens criados por ele, segundo o texto, foram reflexos do contato que teve com o povo sofrido de Praga. Além disso, a aproximação entre a realidade e a ficção somente se deu pela grande capacidade que o autor tinha em se identificar com tudo e com todos que o cercavam.

No geral, as críticas desta década buscavam na obra de Franz Kafka uma relação com o mundo real, viam em seus textos um reflexo tanto de seu relacionamento com a família como dos problemas existentes em Praga. Um texto, que não apresentamos no quadro acima por não falar especificamente sobre Kafka, merece destaque: “Kafka no Detran”, de José Carlos Oliveira (1969), publicado em 25 de setembro. É curioso como várias são as matérias que nem citam o nome do escritor no seu artigo, mas que trazem Kafka no seu título. Este artigo nos conta a história de uma moça que foi multada por estar estacionada em local proibido. Segundo o autor, a moça só estava com seu carro estacionado porque não havia mais lugar onde parar, devido ao grande tumulto que ocorria em frente à escola na hora da saída dos alunos. A única associação possível seria o conceito que temos para o adjetivo kafkiano: absurdo, confuso.

A recepção de Kafka na década de 70 no *Jornal do Brasil* se alterou bastante. O número de textos aumentou consideravelmente: os artigos específicos sobre Kafka passam de quatro para 21 e as referências de duas para 10 (cf. Anexo III).

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR
• MICHALSKI, Y. Kafka e Shakespeare prometem boa semana, Kafka: Justiça e seus problemas. <i>Jornal do Brasil</i>. Caderno B. 05 jan. 1970, p. 2. • MICHALSKI, Y. Um Kafka muito branco. <i>Jornal do Brasil</i>. Caderno B. 15 jan. 1970, p. 2. • RAWET, S. Kafka ou um animal chamado escritor. <i>Jornal do Brasil</i>. Livro. 28 ago. 1971, p. 2. • (?) Quem é kafkiano? <i>Jornal do Brasil</i>. 28 ago. 1971, p. 2. • BEUTTEMULLER, A. Os duros laços da família Kafka. <i>Jornal do Brasil</i>. Caderno B. 20 maio 1972, p. 4-5. • VILLAÇA, A. C. Kafka o que viveu em um círculo Kafkiano. <i>Jornal do Brasil</i>. 09 jun. 1973, p. 4. • PÓLVORA, H. Kafka e a polivalência. <i>Jornal do Brasil</i>. Caderno B. 15 jan. 1975. • AMARAL, Z. B. Livros em fita. <i>Jornal do Brasil</i>. Caderno B. 17 out. 1976, n. 192, p. 3. • (?) Kafka. <i>Jornal do Brasil</i>. Caderno B. 17 jan. 1977, n. 281, p. 7.

- AZEVEDO, M. de. E daí? *Jornal do Brasil*. 10 abr. 1977, p. 12.
- PEREIRA, R. C. O ano que vem na terra prometida. *Jornal do Brasil*. 24 fev. 1978.
- CABRAL, A. Um Kafka maior. *Jornal do Brasil*. Livro. 25 mar. 1978, n. 347, p. 2.
- (?) Para ler Kafka sorrindo. *Jornal do Brasil*. Livro. 01 abr. 1978, n.354, p. 4.
- (?) Kafka. A implacável permanência do processo. *Jornal do Brasil*. Livro. 03 jun. 1978, n. 56, p. 1.
- GOLWIN, L. Um exército de “Kafkas” está assinando a literatura. *Jornal do Brasil*. Caderno B. 11 out. 1978, n. 186, p. 10.
- SCILD, S. “As gralhas” O cotidiano que supera o absurdo de Kafka. *Jornal do Brasil*. Caderno B. 17 dez. 1978, n. 253, p. 1.
- MICHALSKY, Y. Pássaros kafkianos e o poder. *Jornal do Brasil*. Caderno B. 30 dez. 1978, n. 265, p. 2.
- SOBRAL, G. Musil, um Kafka mais ameno. *Jornal do Brasil*. Livro. 24 fev. 1979, n. 320, p. 4.
- VILAVERDE, M. Em nome de Kafka. *Jornal do Brasil*. Livro. 09 maio 1979, n. 41, p. 3.
- MICHALSKI, Y. Escritório kafkiano. *Jornal do Brasil*. Caderno B. 28 ago. 1979, n. 142, p. 2.
- ATHAYDE, T. de. Romances apocalípticos. *Jornal do Brasil*. Caderno B. 04 out. 1979, n. 179, p. 11.

O autor responsável pelo maior número de matérias dedicadas ao escritor, como mostra o quadro abaixo, foi Yan Michalski que assinou quatro títulos diferentes, seguido de João de Oliveira Filho, Samuel Rawet, Alberto Beuttemuller, Antonio Carlos Villaça, Hélio Pólvora, Zózimo Barroso do Amaral, Marinho de Azevedo, Regina Chagas Pereira, Annelise Cabral, Laurie Goldwin, Susan Scild, Geraldo Sobral, Marco Vilaverde, Tristão de Athayde, cada um com um artigo, além de mais quatro outros autores não identificados.

AUTOR	ARTIGO	DATA
MICHALSKI, Y.	Kafka e Shakespeare prometem boa semana, Kafka: Justiça e seus problemas	05.01.1970
	Um Kafka muito branco	15.01.1970
	Pássaros kafkianos e o poder	30.12.1978
	Escritório kafkiano	24.08.1979
OLIVEIRA FILHO, J. de.	OMBUDSMAN ou o homem que não leu Kafka.	31.01.1971

RAWET, S.	Kafka ou um animal chamado escritor	28.08.1971
BEUTTEMULLER, A.	Os duros laços da família Kafka	20.05.1972
VILLAÇA, A. C.	Kafka o que viveu em um círculo Kafkiano	09.06.1973
PÓLVORA, H.	Kafka e a polivalência	15.01.1975
AMARAL, Z. Barroso.	Livros em fita	17.10.1976
AZEVEDO, M. de.	E daí?	10.04.1977
PEREIRA, R. C.	O ano que vem na terra prometida	24.01.1978
CABRAL, A.	Um Kafka maior	25.03.1978
GOLWIN, L.	Um exército de “Kafkas” está assinando a literatura	11.10.1978
SCILD, S.	“As gralhas” O cotidiano que supera o absurdo de Kafka	17.12.1978
SOBRAL, G.	Musil, um Kafka mais ameno	24.02.1979
VILAVERDE, M.	Em nome de Kafka	09.05.1979
ATHAYDE, T. de.	Romances apocalípticos	04.10.1979
(?)	Quem é kafkiano?	28.08.1971
(?)	Kafka	17.01.1977
(?)	Para ler Kafka sorrindo	01.04.1978
(?)	Kafka. A implacável permanência do processo	03.06.1978

Inicialmente, em 05 de janeiro de 1970, encontramos “Kafka e Shakespeare prometem boa semana, Kafka: Justiça e seus problemas”, de Yan Michalski. A respeito de uma adaptação de “A colônia penal” para o teatro, apresentada em Londres, o crítico comenta que a adaptação foi de péssima qualidade e as pessoas deixaram o teatro pensando que Kafka se assemelhava a Hitler. Espantado com a falta de fidelidade da peça, Adamastor Câmara decidiu fazer uma adaptação brasileira e o texto kafkiano foi interpretado como uma crítica social.

Michalski retomou este mesmo assunto em 15 de janeiro de 1970, no artigo “Um Kafka muito branco”. A adaptação brasileira de “A colônia penal” foi elogiada novamente pelo crítico. Segundo ele, mesmo escolhendo uma obra difícilima,

Adamastor Câmara foi muito bem sucedido na sua estréia, mostrou que era competente.

Samuel Rawet, em “Kafka ou um animal chamado escritor”, de 28 de agosto de 1971, contradizia muitas críticas sobre o escritor tcheco. Para o estudioso Kafka não foi profeta, mas sim uma pessoa extremamente observadora, que foi capaz de perceber a “podridão da cultura européia, a podridão da cultura austro-húngara, e reelaborou suas idéias com a simplicidade dos simples”. Mas, ao mesmo tempo em que Rawet afirmava que Franz Kafka era um gênio, também tecia críticas contundentes ao escritor: “Kafka era um idiota, a não ser que nos manuais de Zoologia se encontre lugar para um animal chamado escritor”.

No final do seu artigo afirmou que classificava o escritor como animal porque era estranho encontrar dentro da sociedade atual uma pessoa que se preocupasse com o homem, que percebesse a “falência da religião como explicação da existência” e que buscasse pela ética.

No mesmo dia da matéria de Samuel Rawet, encontrou-se outro texto, anônimo, intitulado “Quem é kafkiano?” cujo conteúdo tratava das influências de Kafka em outros escritores e afirmava que os textos verdadeiramente kafkianos são *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. A característica que une estes escritores, segundo o crítico, é a capacidade de refletir a realidade social.

Alberto Beuttemuller escreveu “Os duros laços da família Kafka”, a 20 de maio de 1972. O texto trabalhava com a biografia de Franz Kafka e mostrava que a sua obra nos passa uma visão angustiante devido à sensação de “emparedamento” que o autor vivia em sua terra natal. Beuttemuller fez uma breve introdução, para depois

apresentar uma análise da exposição de fotos feita por Wagenbach, no MAM – Museu de Arte Moderna, cujo objetivo era discutir o relacionamento de Kafka com sua família.

Uma breve biografia sobre Franz Kafka foi tecida por Antonio Carlos Villaça, “Kafka o que viveu em um círculo kafkiano”, em 01 de junho de 1974. O crítico apresentou a história de vida de Kafka e fez uma divisão entre o advogado, o visionário, o místico e a doença.

“Kafka e a polivalência”, de Hélio Pólvora, de 15 de janeiro de 1978, manteve a linha vista no artigo anterior: é um texto “biocrítico”. A sedução de Kafka, segundo Pólvora, estava tanto na sua literatura quanto na sua vida. Kafka era um ser polivalente e foi visto de várias maneiras: “Kafka religioso, Kafka ateu, Kafka freudiano, Kafka social”. O artigo nos apresentava a obra *Franz Kafka. Vida heróica de um antiherói*, de Danilo Nunes. Para Hélio Pólvora, a obra apresenta verdades parciais sobre Franz Kafka, principalmente por não ser um texto conclusivo.

Na seqüência cronológica, alguns textos noticiam publicações de livros sobre Franz Kafka. “Livros em fita”, de Zózimo Barroso do Amaral, que nos fala sobre a publicação de livros de Kafka em Milão, enquanto “Kafka”, de autoria desconhecida, anuncia a publicação da obra *Kafka*, de Erich Heller. O texto “E daí?”, de Marinho de Azevedo, fez uma crítica ao livro de Erich Heller, o qual, segundo ele, não tratava somente sobre Kafka, mas apresentava um “coquetel literário”. Erich Heller se prendeu a dois temas kafkianos: o sentimento de culpa e a incapacidade de Kafka resolver seus problemas. Marinho de Azevedo afirmou que tanto Kafka quanto Erich Heller foram autores confusos, o que não é defeito para um escritor, mas sim

para um crítico literário: “mas o autor, por sinal especialista na obra de Kafka, parece ter saído de uma de suas obras. É terrivelmente confuso. Coisa que fica bem em um personagem, mas é extraordinariamente aborrecido em um ensaísta”.

Regina Chagas Pereira em “O ano que vem na terra prometida”, de 24 de fevereiro de 1978, procurou se prender à crítica psicanalítica para estudar “O veredito” e iniciou sua análise afirmando que o próprio Kafka havia dito que “toda sua obra era ‘uma tentativa para sair da esfera paterna’”. Ao escrever “A metamorfose”, Kafka pode “marcar a diferença sexualizante”, que a figura paterna havia contribuído para aniquilar. Para ela, justamente este trauma causado pelo pai fez com que Kafka não conseguisse assumir nenhum tipo de relacionamento amoroso. Kafka refletia a angústia de uma época.

Novamente percebemos uma crítica sobre um livro que tem como tema central o escritor Franz Kafka: “Um Kafka maior”, de Annelise Cabral. O texto, publicado em 25 de março de 1978, falava sobre a obra *Kafka: por uma literatura menor*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, considerando-a como “mais uma abordagem controvertida da dupla”. O foco principal dos autores do livro foram os críticos que consideravam Kafka um “escritor intimista, da solidão, da culpa”. O livro afirmava que Kafka era considerado menor, justamente, por ter como base os críticos que não analisaram sua obra como um todo.

Milan Kundera, um dos críticos de Kafka, foi analisado no artigo “Para ler Kafka sorrindo”, de 01 de abril de 1978, sem autoria. Milan Kundera acreditava que se Kafka estivesse vivido para ver as interpretações sobre as suas obras não haveria esta “barreira entre o texto e sua compreensão”. Para Kundera, muito provavelmente,

Kafka e seus amigos teriam acessos de riso durante a leitura de seus textos. O mesmo não aconteceu com os seus leitores e esta perda do riso foi a responsável pelo fato de suas obras serem mal compreendidas. Ele acreditava que fora Max Brod quem havia difundido, de forma errônea, a prosa kafkiana, e defendia, portanto, a idéia da busca do lúdico, da fusão do real e do fantástico nas produções de Kafka. Kundera dizia também que o escritor tivera uma extraordinária visão da realidade social e do que havia por trás dela: “É por isto que o mundo onírico de Kafka é na maior parte das vezes mais real do que o dos escritores denominados realistas”.

O texto “Kafka. A implacável permanência do processo”, de 03 de junho de 1978, de autoria desconhecida, inicia com algumas citações feitas por Franz Kafka em seu diário. Na primeira ele afirmava que não chegaria aos 40 anos e, na segunda, que o julgamento posterior à morte é sempre mais justo que o dos contemporâneos. Muitos críticos consideram a prosa kafkiana complicada, mas, segundo o autor do artigo, foram as próprias interpretações controvertidas que complicaram suas obras. Assim, por exemplo, a interpretação religiosa, seguindo a linha de Max Brod, seria errônea, pois o próprio Kafka via semelhança entre ele e os judeus. Alguns críticos justificaram o “judaísmo herético” de Kafka pelas influências sofridas por Kleist, Flaubert, Pascal e Kierkegaard. Outros viam seus textos como uma crítica social. Já os marxistas, por volta de 1948, consideraram-no decadente, visão esta que começou a desaparecer com a reabilitação de Kafka em 1956, durante o “XX Congresso do Partido Comunista da URSS”. Segundo o autor, a partir de então, os marxistas consideraram os personagens de *O castelo* e *O processo* “metáforas adequadas às classes dominantes capitalistas”.

Para ele, “A sentença” e “A metamorfose” foram as obras de menor qualidade de Kafka.

Em entrevista para Laurie Goldwin, em “Um exército de ‘Kafkas’ está assinando a literatura”, de 11 de outubro de 1978, Isaac Bashevis Singer afirmou que Kafka foi um gênio, mas escreveu textos que não deveriam ser escritos para o povo. Isto ocorreu, porque, segundo Singer, Kafka só tinha a intenção de satisfazer a si próprio, não se importava nem com os leitores, nem com os críticos. É por isto que ele afirmou que Kafka não deveria ser imitado.

Uma comparação que surgiu muitas vezes, principalmente nos jornais paulistanos, foi a entre Kafka e Bráulio Pedroso. No *Jornal do Brasil* ela apareceu duas vezes na década de 70. “‘As gralhas’. O cotidiano que supera o absurdo”, de Susan Schild, de 17 de dezembro de 1978, que falava sobre a peça “As gralhas”, de Bráulio Pedroso, que, a sua vez, tentava transmitir o absurdo kafkiano, de uma maneira próxima ao cotidiano. O próprio Bráulio Pedroso assumiu ter se inspirado na prosa kafkiana para representar o absurdo. “As gralhas” se divide em três peças: a primeira teria sido inspirada em “Diante da lei”; a segunda em “Um artista da fome” e a terceira em “A sentença”.

A segunda matéria a falar sobre Bráulio Pedroso foi “Pássaros Kafkianos e o poder”, de Yan Michalski, de 30 de dezembro de 1978. Este artigo também fazia uma comparação entre “As gralhas” e a prosa kafkiana. A linha do presente texto era a mesma do anterior.

Geraldo Sobral escreveu “Musil. Um Kafka mais ameno”, de 24 de fevereiro de 1979, que apresentava mais uma comparação de Kafka com um outro

escritor. Desta vez, tratava-se de uma comparação com a obra *O homem sem qualidades*, de Robert Musil. Tanto nesta obra de Musil, como em *O processo*, de Kafka, os protagonistas viviam na corte austro-húngara e o tema do absurdo estava presente. Segundo Sobral, o que diferenciava os dois autores era a maneira como o absurdo havia sido tratado.

“Em nome de Kafka”, de Marco Valverde, publicado em 09 de maio de 1979, era uma espécie de defesa da obra de Franz Kafka. Ao ver que algumas pessoas estavam comparando *Chame o ladrão*, de Moacir Amâncio, ele tece duras críticas. Para ele é impossível encontrar alguma semelhança entre os dois escritores.

O último artigo de Yan Michalski no *Jornal do Brasil* foi “Escritório Kafkiano”, de 28 de agosto de 1979. O texto falava da adaptação para o teatro de *Se eu me chamasse Raimundo*, de Ítalo Rossi. Era possível notar, segundo Michalski, em Rossi, uma atmosfera kafkiana, pois, na peça, apareciam elementos que podiam remeter a Kafka: um escritório sem móveis e um funcionário angustiado com a falta de ajuda dos colegas. O texto fazia somente esta associação a Kafka.

Tristão de Athayde ao fazer uma análise de *Cabeça de negro*, de Paulo Francis, em “Romances apocalípticos”, de 04 de outubro de 1979, afirmava que havia na obra de Francis um “círculo vicioso secreto e demoníaco”. Este círculo, segundo Tristão de Athayde, abalou toda a sociedade brasileira por se parecer com o ambiente kafkiano.

Como ocorreu na década de 60, aqui também notamos algumas matérias que mesmo portando o nome de Kafka no título, não diziam respeito a ele, diretamente, e por isso, não foram elencadas nesta discussão. Foram elas: “Kafka na

ponte” (n. 102, 19 jul. 1977), de Zózimo Barroso Amaral, que narra um acidente de trânsito; “Uma aventura kafkiana” (n. 311, 17 fev. 1978), de autor desconhecido, que fala sobre turismo e “Conversa com Kafka” (n. 189, 14 out. 1979), de Zózimo Barroso Amaral, que fala sobre um torneio de golfe.

As matérias apresentadas na década de 70 nos apresentaram uma variedade maior de tipos de críticas: crítica marxista, crítica psicanalítica, “biocrítica” e crítica existencialista²⁴. A maior inovação das interpretações dos textos kafkianos, na década de 70, foi a da busca pelo humor em Franz Kafka. Atualmente, encontramos alguns críticos que tratam do humor nos textos de Franz Kafka, mas na década de 70, pelo menos dentre os jornais pesquisados, foi a primeira vez que se deu este enfoque. A quantidade de comparações entre Kafka e outros autores também atingiu um número considerável.

Para encerrar o período proposto na pesquisa, adentramos na década de 80. Nesta década somente três anos foram pesquisados – de 1980 a 1983 – período no qual foram encontrados 10 artigos dedicados a Franz Kafka e três que faziam referência ao escritor (cf. Anexo III).

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR	
•	MERQUIOR, J. G. O elixir do apocalipse. <i>Jornal do Brasil</i> . Caderno B. 07 nov. 1981, n. 213, p. 10.
•	MARTINS, W. A biblioteca ideal I. <i>Jornal do Brasil</i> . Caderno B. 08 jan. 1983, n. 273, p. 11.
•	MARTINS, W. Literatura “pop”. <i>Jornal do Brasil</i> . Caderno B. 05 fev. 1983, n. 301, p. 11.
•	(?) 100 anos de Kafka. <i>Jornal do Brasil</i> . Caderno B. 02 jul. 1983, n. 85, p. 9-10.
•	FROES, L. Um espelho do mundo do absurdo. <i>Jornal do Brasil</i> . Caderno B. 02 jul. 1983, n. 85, p. 10.
•	FROES, L. O doutor K, jardineiro e aluno de Marcenaria. <i>Jornal do Brasil</i> . Caderno B. 02

²⁴ Estas definições de críticas estão sendo baseadas no artigo de Anatol Rosenfeld, publicado em *O Estado de S. Paulo*, em 25 de outubro de 1958: “Kafka redescoberto”.

jul. 1983, n. 85, p. 10.

- SCHLAFMAN, L. A metamorfose pelo humor. *Jornal do Brasil*. Caderno B. 02 jul. 1983, n. 85, p. 10.
- PEDREIRA, F. Um país kafkiano. *Jornal do Brasil*. Opinião. 10 jul. 1983, n. 93, p. 11.
- MONTELLO, J. No século de Kafka. *Jornal do Brasil*. 1º Caderno. 13 set. 1983, n. 158, p. 11.
- (?) Franz Kafka explicado e interpretado. *Jornal do Brasil*. Caderno B. 09 nov. 1983, n. 215, p. 2.

O quadro a seguir permite uma melhor visualização dos autores que escreviam críticas a Franz Kafka no *Jornal do Brasil* deste período. Neste quadro percebemos que Wilson Martins e Leonardo Froes foram os únicos que assinaram dois títulos diferentes. Os outros autores foram responsáveis por somente um artigo, cada um deles: José Guilherme Merquior, Léo Schlafman, Fernando Pedreira, Josué Montello e mais dois outros sem identificação.

AUTOR	ARTIGO	DATA
MERQUIOR, J. G.	O elixir do apocalipse	07.11.1981
MARTINS, W.	A biblioteca ideal I	08.01.1983
	Literatura “pop”	05.02.1983
(?)	100 anos de Kafka.	02.07.1983
(?)	Franz Kafka explicado e interpretado	09.11.1983
FROES, L.	Um espelho do mundo do absurdo	02.07.1983
	O doutor K, jardineiro e aluno de marcenaria	02.07.1983
SCHLAFMAN, L.	A metamorfose pelo humor	02.07.1983
PEDREIRA, F.	Um país kafkiano	10.07.1983
MONTELLO, J.	No século de Kafka	13.09.1983

José Guilherme Merquior, em “O elixir do apocalipse”, de 07 de novembro de 1981, prendeu-se na crítica à obra de Walter Benjamin. Merquior afirmava que o ápice, o melhor da bibliografia de Benjamin, estava na crítica dedicada aos textos do autor tcheco.

Neste momento a importância de Franz Kafka já era reconhecida no Brasil e sobre ele Wilson Martins escreveu seu primeiro texto para o *Jornal do Brasil*: “A biblioteca ideal I”, em 08 de janeiro de 1983. Wilson Martins nos apresenta o que para ele seria a biblioteca ideal, colocando Franz Kafka como um dos escritores indispensáveis para a construção desta biblioteca. Martins via nas prosas kafkianas textos humorísticos e não alegorias da condição humana. Aqui ele retomava a idéia defendida por Milan Kundera, apresentada em “Para ler Kafka sorrindo”, em 1978.

O *Jornal do Brasil* trazia somente três artigos em homenagem ao centenário de Franz Kafka, todos datados de 02 de julho de 1983. O primeiro deles era “100 anos de Kafka”, sem assinatura do autor. Iniciando a comemoração de Franz Kafka, o texto criticava a forma como a comunidade de Berlin tratava Kafka: “marginal das letras”. A vingança de Kafka, conforme declarava o autor do artigo, ocorreu após a sua morte: qualquer leitor culto já ouviu falar o nome de Kafka e o adjetivo kafkiano é usado em muitas línguas. Aqui, Kafka é visto como um escritor atemporal: “Os leitores do futuro o lerão como hoje lemos os trágicos gregos, sem sequer nos lembrarmos de que a Grécia em que eles viviam foi há muito tragada pela História”. Assim acreditava que aconteceria com Kafka, mesmo que ninguém se lembrasse nada sobre a história de Praga, Kafka nunca seria esquecido. Kafka é sempre atual, além de apresentar texto de grande qualidade.

O primeiro artigo de Leonardo Froes foi “Um espelho no mundo do absurdo”, de 02 de julho de 1983, no qual fazia uma análise da obra *Conversas com Kafka*, de Gustav Janouch, que havia dito que Franz Kafka se dedicava à jardinagem e à marcenaria, além do interesse por remo, natação e caminhada ao ar livre. Gustav

Janouch também falou sobre o interesse de Franz Kafka por Alfred Döblin, Karl Kraus, Christian Morgenstern, Georg Trakl, além de outros escritores. Na verdade, o enfoque principal era dado a Gustav Janouch e não ao escritor tcheco.

O segundo artigo de Leonardo Froes, “Um espelho do mundo absurdo”, de 02 de julho de 1983, nos apresentava uma outra visão sobre a obra de Franz Kafka. Froes discorreu sobre a classificação de Kafka como “profeta da loucura hitlerista que assolou a humanidade”. Franz Kafka foi responsável por refletir o absurdo da sociedade moderna nos textos literários mesmo que este não fosse o seu objetivo principal. Froes dizia que mesmo sabendo da sua capacidade literária o escritor tcheco nunca quis ser lido, pois buscava a perfeição e sabia que esta era impossível de ser encontrada. Justamente por sofrer influências da sociedade praguense, Kafka teve como principais temas a culpa, a punição e o absurdo, tão discutidos em textos kafkianos.

O texto “A metamorfose pelo humor”, publicado a 02 de julho de 1983, de Leo Schlafman, publicado no Jornal do Brasil, discutiu a forma como Kafka lia as suas obras. Segundo o crítico, Kafka ria tanto que mal conseguia terminar a leitura. O humor de Kafka, segundo Schlafman, estava no estilo: “O sabor exótico de seus romances, contos ou novelas estava no rápido enunciado fantástico”. Também foi o estilo que chamou a atenção de seus contemporâneos. Kafka desprezava o estilo “pomposo” dos escritores da época e se aproximava do estilo popular, sem perder de vista o “alto alemão”. Para Schlafman, até mesmo os nomes dos personagens são humorísticos.

Em 10 de julho de 1983, Fernando Pedreira escreveu “Um país kafkiano”. Continuando a falar sobre o aspecto cômico de Franz Kafka, Pedreira afirmava que havia indícios de que Kafka tinha uma incrível capacidade de aproveitar a vida e divertir-se com seus próprios textos. O autor deste artigo aproveitou para levantar um questionamento: “Será o Brasil um país kafkiano?”. Ele mesmo respondeu que sim, pois além do país passar por situações absurdas, possui fortes características do humor negro.

Josué Montello também homenageou Franz Kafka em “No século de Kafka”, publicado em 13 de setembro de 1983. Neste artigo, Montello discutiu o tema do absurdo na obra de Kafka, mas o absurdo ligado a situações normais que nos surpreendem, rompendo com a rotina. Também defendia a idéia de que toda obra é confessional e mesmo falando de seres fictícios é o “espelho do mundo”, visto que tudo o que acontece ao nosso redor é motivo de espanto. O humor, aqui, dá lugar novamente à crítica marxista.

Encerrando os estudos e as críticas sobre Kafka no ano de 1983, deparamo-nos com “Franz Kafka: explicado e interpretado”, de 09 de novembro de 1983. O artigo, sem autoria, noticiava um evento do Instituto Goethe em homenagem a Franz Kafka, com exposição, teatro, palestra e debate.

Como nos anos anteriores, também é curioso como o nome de Kafka passou a ser relacionado a outros assuntos que não o literário. Muitos textos deste período somente citavam Kafka em seus títulos, mas nada tinham a ver com ele. Foram exemplos deste tipo de artigo: “Detran de Kafka”, de Zózimo Barroso Amaral, publicado em 05 de maio de 1980, que conta a história de uma pessoa que teve seu

carro roubado e não conseguiu a documentação necessária para dar entrada no seguro; “No mundo de Kafka”, também de Amaral, datado de 27 de novembro de 1980, que trata de Edval Ramosa, artista plástico, que luta para conseguir de volta seus quadros apreendidos na alfândega; e “Light e Kafka”, de autor desconhecido, publicado em 18 de julho de 1983, que fala de uma casa em construção que teve seu consumo dobrado, mesmo sem nada estar funcionando na casa. O que os três artigos tinham em comum era a situação inusitada com a qual as pessoas de repente se vêem confrontadas.

Ao finalizar a leitura dos artigos encontrados foi possível concluir que, nos primeiros anos da década de 80, no *Jornal do Brasil*, os críticos aproveitaram uma nova visão apresentada na década anterior e começaram a buscar o humor presente em seus textos. O aspecto cômico foi o principal enfoque das críticas presentes neste período, mas não foi o único: também foi trabalhada a crítica existencialista, a maneira mais comum de entender a prosa kafkiana.

4 FRANZ KAFKA EM SÃO PAULO

4.1 *O Estado de S. Paulo*

Dos quatro jornais que circularam nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, desde o final do século XIX e ao longo da primeira metade do século XX, o primeiro a ser criado foi *A Província de S. Paulo* cuja primeira tiragem se deu em 04 de janeiro de 1875, e somente em 1890, passou a se chamar *O Estado de S. Paulo*. O jornal foi fundado por 16 pessoas, dentre elas Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, com o propósito de combater a monarquia e a escravidão. O periódico teve uma tiragem inicial de 2.000 exemplares, que se ampliou cada vez mais, passando a influenciar a evolução política do país.

Em 1876, *A Província* inovou a venda de exemplares avulsos: o francês Bernard Gregoire, montado em um burro, oferecia os jornais em todos os cantos da cidade. O impresso se mantinha graças aos anúncios nele publicados e às assinaturas que eram estimuladas por prêmios sorteados pela loteria.

Júlio de Mesquita, aos 23 anos, foi trazido em 1885 para a empresa e tornou-se redator. O jornal, no entanto, quase foi à falência: o antilusitanismo de Alberto Salles levou os anunciantes portugueses a boicotarem a empresa. Com a sua saída, Júlio Mesquita, filho de portugueses, recuperou os valores dos jornais.

No dia 1º de abril de 1964 ocorreu o golpe militar, implantando-se a ditadura. João Goulart, que se encontrava no Rio de Janeiro, retornou a Brasília, local de onde, ao se sentir inseguro, partiu para o Rio Grande do Sul. Por considerar abandono de governo, o Congresso Nacional apoiou as forças armadas, empossando Ranieri Mazzilli na Presidência da República. A imprensa, quase que totalmente, apoiou a deposição de Jango.

Um dos jornais que apoiaram o movimento de 64 foi *O Estado de S. Paulo*, afirmando que João Goulart não tinha autoridade para governar. O jornal alegava que a intervenção militar deveria ser transitória, por conseguinte, assim que os radicais de extrema direita aumentaram sua influência, com a intenção de colocar os militares no poder, o *Estado* passou a ser oposição.

A década de 70, para *O Estado de S. Paulo*, ainda que tenha se caracterizado pelas dificuldades enfrentadas com a ditadura militar, foi um momento de diversificação. No dia 4 de janeiro de 1970 nascia a “Agência Estado” e a 28 de agosto falecia Luiz Carlos Mesquita, o idealizador da edição de esportes e o responsável pela Rádio Eldorado, que, em 1972, iniciava as atividades do Estúdio Eldorado.

Inicialmente, as matérias dedicadas à literatura se encontravam no meio do jornal, sem possuir um lugar de destaque. A partir de outubro de 1956 começava a circular aos sábados “O Suplemento Literário”, dedicado às artes de maneira geral. Este suplemento, a partir de dezembro de 1970, passou a circular aos domingos, sendo substituído pelo “Suplemento Cultural”, a partir de 1976. Os dois suplementos apresentavam matérias relacionadas à literatura, ao cinema, ao teatro e às artes plásticas.

O Estado de S. Paulo também abriu as suas páginas para artigos e estudos sobre o escritor Franz Kafka. Já na década de 40, ainda durante a II Guerra Mundial e logo após o seu término, foram publicados quatro artigos que tratavam do autor e de sua obra, bem como algumas referências que faziam a ele (conferir Anexo III):

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR	
• ZUCCOLOTTO, A. Franz Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i> . 31 dez. 1941, n. 22185, p. 4-5.	
• SILVEIRA, A. A sátira de Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i> . 25 jan. 1942, n. 22206, p. 4-5.	
• KOPKE, C. B. Interpretação de Franz Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i> . 25 nov. 1944, n. 23064, p. 4.	
• SIMOES, J. G. Franz Kafka e Albert Camus ou o mito do homem absurdo. <i>O Estado de S. Paulo</i> . 18 jun. 1948, n. 22419, p. 8.	

Para uma visualização mais clara:

AUTOR	ARTIGO	DATA
ZUCCOLOTTO, A.	Franz Kafka	31.12.1941
SILVEIRA, A.	A sátira de Kafka	25.01.1942
KOPKE, C. B.	Interpretação de Franz Kafka	25.11.1944
SIMOES, J. G.	Franz Kafka e Albert Camus ou o mito do homem absurdo	18.06.1948

O primeiro artigo publicado em São Paulo sobre Franz Kafka deveu-se a Afrânio Zuccolotto. Intitulado “Franz Kafka”, foi impresso em 31 de dezembro de 1941, no jornal *O Estado de S. Paulo*. A análise do crítico deteve-se à leitura existencialista, ressaltando-se o reflexo da literatura na sociedade, ou seja, seu espelhamento na realidade social. O artigo analisava o tema do absurdo presente na prosa kafkiana: o absurdo do homem em face do destino, o absurdo do homem em

relação aos outros homens, o absurdo do homem diante de si mesmo. Para exemplificar a ligação que o autor fez entre a vida e a obra de Kafka, podemos destacar um trecho deste artigo:

Do absurdo da existência humana, da tal contradição entre o mundo exterior e a concepção que cada um tem dele, nasce sua estranha obra, baseada toda ela em postulados até então nunca propostos com tanto desassombro, e se desenvolve, ora lenta, ora precipitadamente num remluçamento por vezes enervante das situações menos felizes, mas irrefreavelmente até as últimas conseqüências, numa pesquisa impiedosa que parece inspirar ao autor uma surpresa sempre renovada. (ZUCCOLOTTO, 1941, p. 4-5).

Logo no mês seguinte, em 25 de janeiro de 1942, Alcântara Silveira escreveu “A sátira de Kafka”, baseando-se na crítica surrealista. O articulista considerava, ainda, que *O processo* era um pesadelo e deveria ser lido como se se escutasse a narração de um sonho representado por pensamentos e sentimentos íntimos do sonhador Joseph K.

Além de satírica, a novela de Kafka pode ser considerada também como um pesadelo ou um sonho desses que costumava acontecer de vez em quando. Geralmente nos sonhos a gente nunca consegue chegar a um destino. A meta nunca é atingida, pois há sombra – alguém que atrapalha a nossa viagem, ou algum obstáculo que impede os nossos passos. (SILVEIRA, 1942, p. 4-5).

Outro artigo sobre Franz Kafka n’*O Estado de S. Paulo* somente fora escrito dois anos depois, em 25 de novembro de 1944, por Carlos Burlamarqui Kopke, sob o título “Interpretação de Franz Kafka”. Em seu texto, o crítico, também com base na visão surrealista, defendia que o ser humano em Kafka viria carregado de predeterminações, ou seja, o ser humano não sendo dono de seu destino, submeter-se-ia a tudo o que “estiver escrito”. Portanto, este personagem, para Kopke, não encontrava esperança e nada que o conduzisse a uma melhora:

Kafka cegando o homem em relação ao destino que este quer ter, o faz estacionar-se nessas primeiras manifestações, ou lhe quebra toda pretensão

de criar uma vontade, pela qual elaborará seu novo destino. Ou se esta vontade existe, fica, no entanto, em estado larval, confunde-se com os mitos, com a essência irracional, com os atos gratuitos porque se constitui a natureza humana, quando despojada de máscaras. (KOPKE, 1944, p. 4)

O jornal, ao longo de quase quatro anos, silenciou sobre a obra do escritor tcheco, com a exceção de uma ou outra pequena referência à sua obra no período. Somente em 18 de junho de 1948, em um artigo intitulado “Franz Kafka e Albert Camus ou o mito do homem absurdo”, João Gaspar Simões publicou um estudo, no qual aproximava Kafka e Albert Camus. Na sua leitura de Franz Kafka, o autor comparava ambos os escritores e destacava que eles possuíam objetivos idênticos: retratar o absurdo do homem.

A década de 50 apresentou um número de artigos dedicados ao escritor visivelmente superior ao da década anterior: 10. Além disso, reforçando esta tendência, observa-se um aumento bastante significativo nas referências ao autor que de quatro, na década de 40, passaram a 24, na década de 50 (conferir Anexo III):

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR
• BECHERUCCI, B. Kafka e as sereias. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 10 fev. 1950, n. 22928, p. 6. • PEREIRA, L. M. Pai e filho. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Literatura e arte. 13 jun. 1954, n. 24263, p. 48. • PEREIRA, L. M. Inéditos de Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Literatura e arte. 18 jul. 1954, n. 24293, p. 68. • KLANSFER, J. O revelador de Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Literatura e arte. 22 ago. 1954, n. 24323, p. 96. • PEREIRA, L. M. A propósito de Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário, 12 jan. 1957, n. 25060, p. 1. • MAGALDI, S. Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 25 maio 1957, n. 25171, p. 6. • KLANSFER, J. Kafka foi traído? <i>O Estado de S. Paulo</i>. Literatura e arte. 4º caderno. 12 jan. 1958, n. 25367, p. 81. • JACOBBI, R. Entre Tchecov e Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 06 set. 1958, n. 25567, p. 1. • ROSENFELD, A. Kafka redescoberto. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 25 out. 1958, n. 25609, p. 1. • ROSENFELD, A. Um vizinho de Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 31 out. 1959, n. 25839, p. 4.

Dos 10 artigos publicados sobre o escritor na década de 50 nenhum deles foi escrito pelos colaboradores da década de 40, mas sim por novos autores como: Bruna Becherucci (1), Lúcia Miguel Pereira (3), Jules Klansfer (2), Sábato Magaldi (1), Ruggero Jacobbi (1) e Anatol Rosenfeld que compareceu com dois artigos, como mostra o quadro a seguir:

AUTOR	ARTIGO	DATA
BECHERUCCI, B.	Kafka e as sereias	10.02.1950
PEREIRA, L. M.	Pai e filho	13.06.1954
	Inéditos de Kafka	18.07.1954
	A propósito de Kafka	12.01.1957
KLANSFER, J.	O revelador de Kafka	22.08.1954
	Kafka foi traído?	12.01.1958
MAGALDI, S.	Kafka	25.05.1957
JACOBBI, R.	Entre Tchecov e Kafka	06.09.1958
ROSENFELD, A.	Kafka redescoberto	25.10.1958
	Um vizinho de Kafka	31.10.1959

O primeiro artigo publicado na década de 50 n’*O Estado de S. Paulo* apresentava um enfoque psico-social²⁵, comum nas leituras de Kafka. No texto “Kafka e as sereias” de Bruna Becherucci, publicado em 10 de fevereiro de 1950, a solidão foi discutida com base no conto “O silêncio das sereias” de Kafka. Neste conto, segundo a autora, o escritor recupera o mito de Ulisses:

Em Ulisses encontram-se todos os claro-escuros do homem, nem tudo o que nele aparece como “virtude” e “constância” poderia fugir à definição de “cálculo” e de “esperteza”. Nem tudo o que nele parece pobre e limitado poderia deixar de aparecer também como grandioso e belo. Ulisses é o

²⁵ Conceito baseado em Anatol Rosenfeld, que explica este tipo de crítica como a busca para poder participar da sociedade.

enigma humano. (BECHERUCCI, 1950, p. 6).

As sereias de Kafka possuíam uma terrível arma: o silêncio. Lutar contra ele era uma tarefa insana, no entanto, Ulisses o ignorava. Este silêncio, ainda segundo a autora, poderia estar associado à vida do poeta, aceita de uma forma serena, não angustiante; em resumo: em silêncio. Uma das faces da solidão, portanto.

O segundo artigo que se publicou nesta década foi escrito por Lúcia Miguel Pereira, em 13 de junho de 1954, e intitulava-se “Pai e filho”. A autora apresentou uma vertente analítica muito comum em relação à obra de Kafka: a crítica psicanalítica, pela qual discutia, diretamente, a relação de Franz Kafka com seu pai, Hermann Kafka, a partir da própria biografia do autor.

Uma vez que Hermann Kafka foi acusado por todos os problemas de relacionamento entre ele e o filho, Lúcia Miguel Pereira procurou mostrar o outro lado desta relação, isentando o pai de Kafka, em parte, de toda a culpa:

Não seria mau pai, o de Kafka, e nem teria culpa se, natureza pictórica, a sua saúde, a sua força, o seu apetite, a sua voz potente, a sua satisfação consigo mesmo, a sua certeza de ser superior a todos, inspiravam medo ao ser fraco, ansioso, hesitante, que lhe coubera por filho – por filho muitos anos único, o que agrava tudo, e depois rodeado apenas por irmãs. (PEREIRA, 1954, p. 48).

Este tipo de crítica mais voltada para a relação existente entre a vida pessoal do autor e o texto literário era bastante comum, tanto no Brasil como no exterior. Isto talvez pudesse ser explicado pela dificuldade que o leitor tinha em entrar neste mundo literário kafkiano muito fechado, buscava-se, então, apoio em sua biografia para, quem sabe, encontrar a chave que abriria a porta (ou uma fresta).

Ainda no ano de 1954 apareceram mais dois artigos sobre Kafka: um de Lúcia Miguel Pereira, com o título “Inéditos de Kafka”, em 18 de julho, e o outro “O revelador de Kafka”, de Jules Klanfer, de 22 de agosto.

Seguindo a linha por ela já adotada no artigo anterior, Lúcia Miguel Pereira em “Inéditos de Kafka” percorreu sobre as *Cartas à Milena* e os *Diários* e continuou a tratar da biografia de Kafka, ressaltando a importância de Max Brod para a conservação dos seus escritos. Apontou, ainda, a clara separação que o autor conseguia estabelecer entre a sua obra poética e as suas cartas e diários:

O que de modo algum depõe contra a sinceridade de Kafka, mas ao contrário a favor da sua polidez, de sua auto-compreensão: a angústia deixava-a extravasar-se na obra, não permitindo que envenenasse as relações humanas, nas quais dava largas ao que de bom, de amável, de cordial havia em si, criatura complexa que não podia deixar de ser. (PEREIRA, 1954, p. 68).

O texto de Jules Klansfer, “O revelador de Kafka”, não só tratou especificamente da leitura e da análise de textos kafkianos, mas, além disso, discutiu a importância de Max Brod, também escritor, na divulgação da prosa do escritor tcheco. Klansfer traçou paralelos entre ambos, principalmente por serem amigos íntimos e por ser Brod o responsável pela notoriedade de Franz Kafka. Este artigo se alinhava, sem dúvida, aos biográficos.

Em 12 de janeiro de 1957, foi publicado o terceiro artigo de Lúcia Miguel Pereira: “A propósito de Kafka”. Seguindo a mesma linha do seu artigo anterior (“Inéditos de Kafka”), tomou como ponto de partida os *Diários* de Kafka, baseando-se na vida do autor para tecer seus comentários e retomar, assim, a crítica psicanalítica.

O estudo citado, abordou o relacionamento distanciado que havia entre Kafka e sua mãe. Segundo a crítica, Kafka deixava transparecer este distanciamento ao chamar sua mãe de *Mutter*, palavra que não existe no *íidiche*, mas somente na língua

alemã. Não era unicamente esta diferença entre a sua origem e a língua da comunidade em que vivia que provocara o mal-estar de Kafka. Era de temperamento nervoso, muitas vezes, segundo Lúcia Miguel Pereira, agravado pela sua vocação literária, pela sensibilidade para as palavras:

Se um menino judeu não pôde amar sem reserva a mãe, porque a chamava por um nome germânico, é que o verbo se faz realmente carne, isto é, sentimento, idéia, emoção, é que a expressão influi no que exprime, é que a linguagem tem função criadora. (PEREIRA, 1957, p. 1).

Neste mesmo ano de 1957, em 25 de maio, Sábato Magaldi publicou o texto “Kafka”. Para o crítico, dentro da literatura judaica, Kafka é o nome de maior importância e de repercussão universal.

Magaldi lançou mão da linha crítica de Max Brod, e estabeleceu uma ligação entre a religião e os textos de Kafka.

Kafka sentia com muita acuidade a discriminação racial e, colaborando em revistas sionistas como *Der Jude*, dirigida por Martin Buber. É o que levava também a uma constante e apaixonada leitura da Bíblia, cuja sabedoria comenta por vezes, sempre de uma maneira simbólica e por alusões. (1957, p. 6).

No presente artigo o autor desenvolveu uma justificativa para as obras inacabadas de Franz Kafka. Segundo ele, seria natural que um escritor, principalmente por desconfiar de sua memória, anotasse suas reflexões que poderiam servir futuramente. Dentre estes textos inacabados de Franz Kafka, destaca-se *Carta ao pai*, como a mais famosa obra-prima de auto-análise, na qual, observou o crítico, há muitas páginas que não possuem nenhum interesse literário, mas que até mesmo os erros e os defeitos dos grandes escritores são significativos.

O jornal *O Estado de S. Paulo* inicia 1958, e aos 12 de janeiro, apresentou

mais um texto de Jules Klansfer, sob o título “Kafka foi traído?”. O crítico levantava a dúvida sobre a manutenção das idéias kafkianas em suas obras, ressaltando o debate em Gand, cidade belga, que se estendeu, posteriormente, a Viena, Hamburgo e Antuérpia. Os participantes deste debate se reuniram para estudar as obras específicas de Franz Kafka, classificando seus textos como obscuros. Neste debate, além do questionamento sobre a verdadeira seqüência dos romances de Kafka, surgiram, ainda, discussões sobre possíveis alterações feitas por editores. Alguns defendiam a tese de que Kafka não havia tido a intenção de apresentar um lado tão obscuro, em sua produção, mas que isto teria sido uma exigência dos editores.

O debate marcou um ponto importante da recepção da obra do autor no exterior e seus reflexos se fizeram quase que imediatos no Brasil. Além disso, este questionamento na Europa não se limitou ao meio universitário e atingiu todo o público interessado em literatura, principalmente pelo destaque a ele dado pela revista *Der Spiegel*. Esta polêmica, para Klansfer, ainda estaria longe de terminar.

Ao fazer uma análise de Nino Palumbo, em seu artigo “Entre Tchecov e Kafka”, de 06 de setembro de 1958, Ruggero Jacobbi apontou que o autor se encontrava entre Tchecov e Kafka:

Já não falo da linguagem de Palumbo, que não nos poupa os lugares-comuns de uma sintaxe jornalística e de um vocabulário sem vida. Falo da sua posição estética, incerta entre a construção da personagem e do ‘achado’ em símbolos (tinha Kafka, favorecido pela singularidade da situação e pelas características do ambiente burocrático) e uma estruturação lírico-dramática dos fatos reais, o realismo absoluto de Tchecov, feito de ironia e de pathos humano. (p. 1).

Neste artigo notamos um enfoque mais voltado para a estética dos textos, diferentemente de alguns dos anteriores, mais preocupados com a vida do autor.

No ano de 1958, deparamo-nos com um artigo sobre Kafka e sua obra,

“Kafka redescoberto”, primeiro texto do crítico Anatol Rosenfeld para *O Estado de S. Paulo*, publicado em 25 de outubro.

Rosenfeld demonstrou em seu artigo certo espanto pelo fato de Kafka, diferentemente de outros autores como Ibsen e Wolfe, ser reconhecido tão tardiamente na Alemanha. Ainda que alguns críticos de renome já tivessem consciência da qualidade da obra do escritor tcheco, para o público em geral ele ainda era um desconhecido.

Neste texto, Anatol Rosenfeld apresenta algumas das interpretações das obras de Franz Kafka e, segundo ele, foi Max Brod quem deu início às análises extraliterárias, que se multiplicaram ao longo dos anos. Entre elas, destacaram-se, segundo Rosenfeld: 1) a visão médica, em que se relaciona a doença de Kafka com a sua produção textual; 2) a psicanalítica, buscando a relação de Kafka com seu pai; 3) a surrealista, que vê a obra de Kafka sob uma ótica onírica; 4) a religiosa, discutindo a distância entre Deus e o Homem; 5) a existencialista, que mostra o homem perante o absurdo da sociedade; 6) a histórico-política, mostrando o lado profético de Kafka; 7) a judaica e judaica-sionista, que vê Kafka como um judeu que não pratica a fé; 8) a psico-social, que mostra o homem tentando se inserir na sociedade; 9) as interpretações ecléticas, misturando todas as outras e vê Kafka como um reflexo dos problemas sociais.

Anatol Rosenfeld, em 25 de outubro de 1959, publicou o seu segundo artigo sobre o escritor, “Um vizinho de Kafka”. O vizinho a quem ele se referia é Willy Haas, escritor e conterrâneo de Franz Kafka.

No estudo, Rosenfeld destacou as características literárias que ligavam ambos os escritores de Praga:

Certos trechos em que Haas descreve a sua juventude em Praga fazem o leitor duvidar se o autor não estaria copiando, inconscientemente, o mundo de Kafka ou se, ao contrário – segundo afirma Haas – Kafka nada teria feito na sua obra senão copiar este mundo – resumindo nas preocupações daquela geração de jovens intelectuais de Praga, para os quais, por volta deste século, Kierkegaard e Pascal parecem ter sido leitura cotidiana. (1959, p. 4).

Willi Haas, no entanto, desconhecia o mérito da obra de Kafka e apontava que a sua única qualidade era expressar o que todos sentiam e viviam. Esta posição foi refutada por Rosenfeld, que afirma que Haas só criticou Kafka por não entender que ele escreveu textos ficcionais e não as suas memórias.

A década de 60 foi marcada por um grande número de estudos dedicados a Franz Kafka. O jornal *O Estado de S. Paulo* publicou, no período, 30 artigos (conforme quadro abaixo) de um número igualmente elevado de colaboradores, inclusive apresentando um número especial dedicado ao escritor, além das 66 referências ao autor em diversos outros artigos (conferir Anexo III).

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR
• SIMÕES, J. G. Dostoiévsky e Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 14 jan. 1961, n. 26295, p.1. • CARVALHO, A. P. de. Kafka e Pirandello. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 17 mar. 1962, n. 26655, p. 1. • SIMOES, J. G. A presença profética de Franz Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 14 abr. 1962, n. 24679, p. 2. • THEODOR, E. Kafka em interpretação alemã. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário.

12 jan. 1963, n. 26708, p. 4.

- CARPEAUX, O. M. O gótico no universo. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 28 set. 1963, n. 27027, p. 1.
- BARROS, J. T. de. O “Processo” de Oscar Welles. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 02 nov. 1963, n. 27027, p. 5.
- LOUZADA FILHO, O. C. Kafka: a ficção como estrutura I. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 28 dez. 1963, n. 27204, p. 1.
- LOUZADA FILHO, O. C. Kafka: a ficção como estrutura II. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 4 jan. 1964, n. 27209, p. 3.
- CARPEAUX, O. M. Processo perdido. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 07 mar. 1964, n. 27262, p. 1.
- BOSI, A. Um Kafka italiano. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 11 jul. 1964, n. 27368, p. 1.
- CARPEAUX, O. M. Precursor de Kafka. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 13 mar. 1965, n. 27575, p. 2.
- ROSENFELD, A. As memórias de Max Brod. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 09 out. 1965, n. 27754, p. 1.
- CARPEAUX, O. M. O silêncio de Kafka. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 12 mar. 1966, n. 27882, p. 2.
- D’HORTA, A. P. Quietos, inquietos. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 12 mar. 1966, n. 27882, p. 2.
- ROSENFELD, A. Kafka, hoje. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 12 mar. 1966, n. 27882, p. 2.
- MOTTA, D. A despeito de tudo, ele se levedou. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 12 mar. 1966, n. 27882, p. 3.
- RIBEIRO, L. G. Kafka em Praga. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 12 mar. 1966, n. 27882, p. 3.
- TELLES, L. F. Kafkandura. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 12 mar. 1966, n. 27882, p. 3.
- CAPOVILLA, M. “O processo” de Welles. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 12 mar. 1966, n. 27882, p. 4.
- MAGALDI, S. O “Processo” nos palcos. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 12 mar. 1966, n. 27882, p. 5.
- NUNES, B. A vida nos bastidores. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 12 mar. 1966, n. 27882, p. 5.
- HORTA, O. P. Questões e respostas à volta de Kafka. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 12 mar. 1966, n. 27882, p. 6.
- GUINSBURG, J. S. Religião e religiosidade em Kafka. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 12 mar. 1966, n. 27882, p. 6.
- CAMPOS, H. de. Um realismo de linguagem? *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 21 maio 1966, n. 27941, p. 1.

- VICENZO, E. C. de. Kafka e o teatro do absurdo. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 20 ago. 1966, n. 28019, p. 5.
- CARPEAUX, O. M. Tempos piores e melhores. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 22 out. 1966, n. 28073, p. 6.
- BECHERUCCI, B. Existe afinidade entre Kafka e Leopardi? *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 28 jan. 1967, n. 28156, p. 2.
- (?) Peça de Kafka. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 27 maio 1967, n. 28256, p. 1.

- DOURADO, A. Eternos desaparecidos. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 27 maio 1967, n. 28256, p. 6.
- BAIRÃO, R. Franz Kafka e o nosso tempo. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 28 jun. 1969, maio 28901, p. 1.

Dos 31 artigos elencados acima, observa-se um número crescente de colaboradores (21), incluindo-se um anônimo. Destes, Otto Maria Carpeaux comparece com quatro, João Gaspar Simões e O. C. Louzada Filho com dois, e todos os outros com um artigo cada:

AUTOR	ARTIGO	DATA
SIMÕES, J. Gr	Dostoievsky e Kafka	14.01.1961
	A presença profética de Franz Kafka	14.04.1962
CARVALHO, A. P. de	Kafka e Pirandello	17.03.1962
THEODOR, E.	Kafka em interpretação alemã	12.01.1963
CARPEAUX, O. M.	O gótico no universo	28.09.1963
	Precursor de Kafka	13.03.1965
	O silêncio de Kafka	12.03.1966
	Tempos piores e melhores	22.10.1966
BARROS, J. T. de	O “Processo” de Oscar Welles	02.11.1963
LOUZADA FILHO, O. C.	Kafka: a ficção como estrutura I	28.12.1963
	Kafka: a ficção como estrutura II	04.01.1964
BOSI, A.	Um Kafka italiano	11.07.1964
D’HORTA, A. P.	Quieto, inquieto	12.03.1966
ROSENFELD, A.	Kafka, hoje	12.03.1966
MOTTA, D.	A despeito de tudo, ele se levedou	12.03.1966
RIBEIRO, L. G.	Kafka em Praga	12.03.1966
TELLES, L. F.	Kafkandura	12.03.1966
CAPOVILLA, M.	“O processo” de Welles	12.03.1966
MAGALDI, S.	O “Processo” nos palcos	12.03.1966

NUNES, B.	A vida nos bastidores	12.03.1966
HORTA, O. P.	Questões e respostas à volta de Kafka	12.03.1966
CAMPOS, H. de	Um realismo de linguagem?	21.05.1966
VICENZO, E. C. de	Kafka e o teatro do absurdo	20.08.1966
BECHERUCCI B.	Existe afinidade entre Kafka e Leopardi?	28.01.1967
(?)	Peça de Kafka	27.05.1967
DOURADO, A.	Eternos desaparecidos	27.05.1967
BAIRÃO, R.	Franz Kafka e o nosso tempo	28.06.1969

Como se observa no quadro anterior, *O Estado de S. Paulo* abriu a década de 60, mais precisamente em 14 de janeiro de 1961, com um artigo de João Gaspar Simões, intitulado “Dostoievski e Kafka”. Nele Simões traçou um paralelo entre as produções artísticas de Fiodor Dostoievsky e Franz Kafka, destacando a importância de ambos para a literatura do século XX. Dostoievski, segundo ele, é o mais importante escritor da primeira metade do século XX, enquanto que Kafka, o de maior expressão da segunda metade. No entanto, a obra *O processo* de Kafka, segundo Simões, determinou um rompimento, dentro da literatura passada, maior e mais significativo do que as obras de Fiodor Dostoievski.

De acordo com uma tendência à valorização do escritor tcheco, por meio da comparação com outros escritores consagrados no cenário cultural, Antônio Pinto de Carvalho publicou, em 17 de março de 1962, “Kafka e Pirandello”. Ao comparar os dois escritores, o crítico denominou a técnica de Kafka como “meta-realismo” e a de Pirandello como “relativismo”: “Pirandello cria uma epopéia humana, tragicamente imóvel e fechada numa ‘forma’; Kafka, uma epopéia de religiosidade sem fé” (p. 1).

Por serem contemporâneos à psicanálise e terem vivido em uma época marcada pela desintegração, Kafka e Pirandello se preocuparam com a gênese da

condição psicológica do homem daquele momento.

Carvalho, neste artigo, ainda não está desvinculado totalmente das críticas presentes em décadas anteriores e nos mostrou, segundo a categorização de Anatol Rosenfeld, em “Kafka redescoberto”, uma visão eclética, ou seja, uma mistura dos vários tipos de interpretações da prosa kafkiana.

João Gaspar Simões escreveu, novamente, sobre o escritor checo, em 14 de abril de 1962, no artigo “A presença profética de Franz Kafka”, definindo-o como o criador de uma literatura enigmática, associada à mecânica dos sonhos, ou seja, uma crítica na linha surrealista, apontada por Rosenfeld. A capacidade de Franz Kafka reconhecer a importância do universo onírico para expressar uma mensagem coletiva é destacada pelo crítico que apontava o sonho como o único conteúdo sobrenatural que é aceito e admirado pela sociedade como um todo.

Em 12 de janeiro de 1963, estreava n’*O Estado de S. Paulo*, Erwin Theodor, crítico e professor universitário, com “Kafka em interpretação alemã”. O texto, sobre o qual já se fez breve comentário no Capítulo 2, trata da recepção de Franz Kafka na Alemanha e em outros países no pós-guerra: “Repudiado durante o nazismo, voltou Kafka a ser publicado e interpretado na Alemanha no pós-guerra, ia aumentando a crítica alemã em quantidade, e acima de tudo qualidade, a bibliografia kafkiana existente em língua francesa, inglesa, italiana e espanhola” (p. 4).

Erwin Theodor ressaltou a importância da interpretação feita por Wilhelm Emrich, Friedrich Beissner, Fritz Martine, Walter Munchg, Fritz Strich e Benno von Wiese, todavia, comentara somente a interpretação feita por Wilhelm Emrich.

Escrito por Otto Maria Carpeaux, maior responsável pela divulgação de

Kafka no Brasil, encontramos o primeiro texto do crítico em *O Estado de S. Paulo*, no dia 28 de setembro de 1963: “O gótico no universo”. Carpeaux, assim como Erwin Theodor, discute as interpretações dos textos kafkianos. Tomando por base um levantamento bibliográfico, informara que, nos últimos dez anos que antecederam a publicação do seu artigo, foram publicados cerca de 3.959 livros e textos sobre Franz Kafka. O número de críticas, segundo Carpeaux, cresceu como uma “epidemia” em consequência do fascínio que os textos de Kafka despertaram nos leitores. A maioria dos comentários sobre a prosa kafkiana, conforme afirmou Carpeaux, enfocavam muito mais o aspecto psicológico e sociológico que o literário.

Os dois últimos artigos aqui abordados – assim como o de Anatol Rosenfeld, publicado em 1958 – enfocam a recepção de Kafka no plano internacional. Tanto Erwin Theodor como Otto Maria Carpeaux trouxeram dados sobre as publicações a respeito de Kafka no exterior, esclarecendo, em especial, as tendências de abordagem da crítica.

Dentre os mais de 138 títulos publicados sobre Kafka em São Paulo, alguns se dedicaram à análise das produções cinematográficas da obra *O processo*. O primeiro destes foi “O processo de Orson Welles”, escrito por José Tavares de Barros, em 2 de novembro de 1963. A principal preocupação de Tavares de Barros foi destacar a dificuldade do diretor em reproduzir e transferir para a linguagem cinematográfica algumas características do texto original, dentre elas a abundância de diálogos do texto de Kafka.

Louzada Filho estreou nas páginas de *O Estado* com a primeira parte do seu artigo “Kafka: a ficção como estrutura”. Posicionando-se contrariamente à afirmação de Otto Maria Carpeaux – “Sob penas draconianas, é proibido escrever sobre Kafka” –

o autor defendia o aumento de análises sobre Franz Kafka.

A seguir, Louzada Filho abriu uma discussão sobre a relação entre ficção e realidade, um dos pontos centrais de muitas reflexões sobre a obra kafkiana:

Os próprios processos de constituição e organização da ficção fazem-na necessariamente diversa da realidade. Já na medida em que ela é composta por signos tipográficos, tal fato se acentua: ela não pode ser um retrato fiel, uma simples reconstrução da realidade, por um material que, de um lado, é mais restrito do que o complexo material que compõe a realidade (na medida em que tais signos, a tinta mesmo nele contida e que pode inclusive ser pesada numa balança de precisão, é apenas uma parte dessa realidade mesma), e, em particular, imensamente mais rico que qualquer aspecto material dessa realidade mesma (na medida em que, enquanto participante da ficção, transcende sua posição material para assumir a função do significante). (1963, p. 1).

A segunda parte do artigo, publicada em 4 de janeiro de 1964 e intitulada “Kafka: a ficção como estrutura II” fixava a discussão mais em torno de Franz Kafka. Aqui o autor se prendeu à crítica imanente, ou seja, interessava-lhe tão somente o que aparecia no texto literário, portanto, nada que estivesse fora do texto literário importaria para o estudo da prosa kafkiana.

Louzada Filho apontava que, por não representar a realidade, o texto kafkiano não possuía um único significado, era suscetível de várias interpretações e tinha como uma de suas características principais a ausência de tempo e espaço determinado. Conseqüentemente, isto permitiu que os enredos de Kafka caminhassem paralelamente ao plano real.

Em março de 1964, Otto Maria Carpeaux publicou o seu artigo “Processo perdido”, no qual analisava a adaptação cinematográfica de *O Processo*, realizada por Orson Welles. A primeira grande diferença entre as duas obras, segundo ele, dizia respeito à sua estrutura. Em Kafka há uma linguagem simples, concreta, anti-retórica, que conta fatos extraordinários como se fossem naturais. Em Welles, muito criticado em outros artigos e por outros autores, o estilo era retórico e a linguagem “barroca”. Carpeaux também destacava a diferença do assunto tratado nas obras: Welles falava da desgraça do indivíduo, Kafka da culpa do indivíduo. Há uma grande diferença entre as interpretações de Carpeaux e Welles, no que diz respeito ao texto de Kafka: Welles tem uma visão existencialista e Carpeaux religiosa.

Otto Maria Carpeaux conseguiu com base na crítica temática comprovar que a adaptação de Orson Welles era muito diferente da produção de Franz Kafka. Nesta teoria vê-se a obra literária como a criação de um autor que transfigura o mundo com a sua imaginação. Assim, o crítico deveria apreendê-lo, tematizando-o. Em toda obra de arte, o tema está transformado, dissolvido dentro do texto literário, por isso, não poderíamos encontrar, segundo esta escola crítica, algo definitivo. Visto desta forma, um tema pode ter uma infinidade de nuances, dependendo da interpretação e da fundamentação teórica do crítico. Ao leitor caberia, portanto, o mesmo papel, o de

centrar-se no texto para encontrar o tema da obra literária: “O tema não é o referente, o referente pertence ao sistema de mundo e o tema só existe realizado na obra. O tema não preexiste à obra, ele é seu fruto”. O que Welles fazia, segundo Carpeaux, era justamente o contrário, ou seja, não se preocupava em encontrar as nuances presentes no texto e, ainda por cima, desviava-se para outro assunto que não era pertinente à interpretação de Franz Kafka.

Alfredo Bosi apresentou no jornal paulista, em 11 de junho de 1964, o artigo “Um Kafka italiano?”. Seguindo a tendência de estabelecer pontos convergentes e divergentes da obra do escritor tcheco com a de outros escritores, Bosi observava que o autor Dino Buzzati procurou seguir a temática e a estrutura da prosa kafkiana. Desde as primeiras obras do escritor italiano, podem ser encontradas características semelhantes às de Kafka: linguagem clara para expressar a realidade por meio de acontecimentos fora de qualquer lógica pré-estabelecida.

Otto Maria Carpeaux, em 13 de março de 1965, apresentou o “Precursor de Kafka”, o segundo dos quatro artigos por ele publicados n’*O Estado* na década de 60.

O crítico iniciava seu texto com uma frase de Sartre, proferida em um Encontro Ocidental-Oriental de Escritores em Leningrado: “Kafka é o pai de toda a literatura moderna”. Dentre os escritores citados por Carpeaux, como influência de Kafka, estava Robert Walser que foi o seu precursor. O texto não discute especificamente Franz Kafka, baseando-se em um estudo sobre Robert Walser, Carpeaux, na verdade, traçava ali as semelhanças entre ambos.

Anatol Rosenfeld retornou às páginas do jornal com uma matéria sobre o amigo do escritor tcheco: “As memórias de Max Brod”, em 9 de outubro de 1965.

Como muitos outros críticos literários já haviam apontado, Rosenfeld mostrava que era impossível falar de Max Brod sem associá-lo a Franz Kafka que, inclusive neste artigo, serviu somente como referência para se falar do seu introdutor.

De extrema importância para a recepção de Franz Kafka em São Paulo foi o ano de 1966, quando o número de matérias aumentou consideravelmente: um total de 13 dos 30 artigos publicados na década. Este aumento expressivo deveu-se à publicação do “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo*, no dia 12 de março de 1966, inteiramente dedicado a Franz Kafka, por causa da exposição organizada sobre o escritor pela Sociedade Amigos da Cinemateca.

A primeira matéria do Suplemento foi de Anatol Rosenfeld. Em “Kafka hoje”, ele comentava duas interpretações de textos kafkianos publicadas na Alemanha: a de Wilhelm Emrich, que via Kafka como o “crítico mais radical das escravizações humanas”, e a de Gunter Anders, segundo o qual, para Franz Kafka, o homem é o principal culpado por perder os seus direitos.

Segundo Rosenfeld, as idéias de Emrich foram seguidas por Hans Mayer e muitos outros críticos literários. Ao contrário de Max Brod, os seguidores de Emrich procuravam, na prosa kafkiana, características literárias e não tratados teológicos ou filosóficos. Esta tese também era defendida por Rosenfeld que acreditava ser a crítica imanente a melhor forma de se trabalhar com os textos kafkianos, buscando-se, assim, as suas características estéticas sem tentar estabelecer relações com o mundo exterior.

Ao lado de Rosenfeld, Arnaldo Pedroso Horta apareceu com o texto “Quieto, inquieto”, um conto dedicado a Franz Kafka. Logo abaixo do conto, encontrava-se “O silêncio de Kafka”, de Otto Maria Carpeaux. O artigo, como outros

já citados neste trabalho, discutia novamente as interpretações feitas sobre os textos de Franz Kafka. Carpeaux afirmava que as interpretações eram infinitas e que haviam passado ou pelo moralismo religioso, ou pelo profetismo bíblico ou, ainda, pelo visionarismo surrealista. Apesar disso, a obra de Kafka parecia corroborar o que o próprio escritor havia colocado em seu testamento: “Sobre aquilo de que não é possível falar, é preciso guardar o silêncio”.

Na terceira página deste mesmo Suplemento de 1966, apareceram mais três artigos. O primeiro deles “A despeito de tudo, ele se levedou”, de Dantas Motta, aponta Kafka como um “vivisseccionista de Almas, e um vivificador de Acontecimentos”. Dantas Motta observou que Torrieri Guimarães, segundo ele o maior tradutor de Kafka, acreditava que as análises da prosa kafkiana deveriam partir de dentro para fora. A única possibilidade de não cairmos em uma interpretação errônea, segundo o autor da crítica, seria deixando de lado as influências externas aos textos, trabalhando-se, assim, mais com a crítica estruturalista.

Ao lado de Dantas Motta, encontrava-se o artigo de Léo Gilson Ribeiro – “Kafka em Praga”. A matéria em questão traçava uma relação entre Franz Kafka e sua cidade natal. Para Léo Gilson Ribeiro, Kafka havia captado a angústia e a frustração da cidade. Novamente encontramos, aqui, uma leitura sociológica da literatura. O crítico, seguindo esta linha de pensamento, acreditava que toda a influência recebida do meio social, no qual está inserido o autor, é relevante para a obra, contrariando, assim, aqueles que buscavam eliminar os elementos exteriores ao texto.

Lygia Fagundes Telles também refletiu sobre o autor em “Kafkandura”. O seu artigo prendeu-se às características estéticas do texto, no seu valor enquanto texto literário e não nas influências do meio externo. A autora conta-nos que o seu primeiro

contato com Kafka se deveu à necessidade de estudá-lo para o seu ingresso na Faculdade de Direito. Fazendo pesquisas em bibliotecas, ela afirmou que a vida do escritor lhe interessava muito e que acreditava que isto a ajudaria a penetrar nos mistérios presentes nos textos de Kafka. Lygia Fagundes Telles relatou, ainda, que conseguia enxergar dois Kafkas diferentes:

[...] o primeiro, um funcionário metuculoso, devidamente formado em leis, obediente filho-família, meio distante, é certo, mas bem composto, cortês. O outro, um processo total, a se dilacerar num mundo fantástico, onde a realidade se mistura ao sonho, fundidos ambos no fogo prodigioso da sua imaginação. (1966, p. 3).

A discussão sobre o filme de Orson Welles reapareceu em “‘O processo’ de Welles”, de Maurice Capovilla, no qual defendia a tese de que o filme foi mais um mal entendido na história do cinema. Para ele, Welles ignorou, totalmente, o texto original e não compreendeu que Kafka queria mostrar a contradição entre o misterioso processo e a vida do protagonista.

Sábato Magaldi firmou presença no “Suplemento Literário”, em março de 1966, com o artigo “O ‘Processo’ no palco”. Este crítico estabeleceu uma ligação entre Franz Kafka e o teatro. Vale a pena salientar que, embora a única peça escrita pelo escritor tcheco tenha sido “O guarda do túmulo”, vários foram os textos que se prestaram a adaptações e, em especial dois deles: *O processo* e *O castelo*. Baseando-se no estudo crítico das adaptações, Magaldi afirmou que as mesmas haviam alcançado “eficácia teatral admirável”.

O texto intitulado “A vida nos bastidores”, de Benedito Nunes, traçou, por sua vez, um paralelo entre Kafka e Kierkegaard comentando, inclusive, as críticas feitas por Albert Camus e Georg Lukács, já comentadas no capítulo sobre a recepção.

Benedito Nunes escreveu sobre a recepção de Franz Kafka, enfocando a base teórica presente em nosso estudo: a estética da recepção. Logo de início, Nunes deixou claro que o melhor enfoque para a interpretação da obra de Franz Kafka seria a visão existencialista e a marxista, pois somente assim ela seria avaliada globalmente. Foi a questão existencialista que uniu Kafka a Kierkegaard e o que uniu as duas visões críticas, segundo Nunes, é que ambas “reconhecem a fidelidade de Kafka à existência humana”, mas há também uma diferença entre as duas:

É que a marxista compreende a existência, exclusivamente, como um estado histórico das relações sociais, portanto superável, enquanto que a existencialista, sem abstrair os condicionamentos temporais, nela permite ver o fulcro de um processo espiritual, complexo multiforme, que se distende no tempo, e que, nesta fase do desenvolvimento histórico, infunde às contradições sociais, sempre removíveis, outras contradições insolúveis, que escapam ao movimento dialético da história mundial. (1966, p. 5).

Na última página do Suplemento, Oscar Pedroso Horta, em “Questões e respostas à volta de Kafka”, interpretou algumas obras do autor, principalmente, sob o aspecto judiciário. Neste texto, com uma abordagem até certo ponto inovadora, *O processo*, por exemplo, foi definido como “juridicamente insensato”, assim como *O castelo* que: “Não tem forma, nem figura de juízo. Surge, coleta e termina, sem nota de culpa, sem denúncia, sem libelo”. Esta insensatez para Horta não era uma característica negativa, visto que “a própria existência é terrível, insensata, absurda e somos impotentes diante dela”. Outros textos também foram estudados neste artigo, entre eles “A metamorfose” e *Amerika*, todos vistos sob o ponto de vista legal.

Finalizando o número especial sobre Franz Kafka estava “Religião e religiosidade em Kafka”, de Jacó Guinsburg, matéria que reapareceria na *Folha de S. Paulo*, em 23 de agosto de 1983. Segundo Guinsburg, muito já foi dito sobre Franz

Kafka, mas nada é definitivo, nem mesmo Kafka poderia ter uma única interpretação a oferecer. Segundo ele, a crítica hermenêutica seria a que mais se adaptaria ao texto kafkiano, visto por seus seguidores como a ciência da interpretação. Nenhum texto literário pode ser analisado de uma única forma, pois vários são os fatores que interferem tanto na produção como na interpretação de uma obra.

Uma das maneiras mais comuns de se ler a prosa kafkiana seria, segundo ele, estabelecendo uma ligação de seus textos com a religião. Mas, mesmo defendendo as múltiplas interpretações aceitáveis pela prosa kafkiana, Guinsburg defendeu, particularmente, a ligação entre a obra e a vida do escritor, mostrando que o fato de Kafka ter sido criado em uma realidade judaica pode ter influenciado a produção de seu trabalho, principalmente no seu caráter trágico. Guinsburg deixou claro, portanto, que seguia a crítica religiosa.

Haroldo de Campos, poeta concreto, foi o autor do estudo “Um realismo de linguagem?”, publicado em 21 de maio de 1966. Nele destacou a importância do professor e escritor tcheco Eduard Goldstücker para a reavaliação de Kafka na Boêmia. Para Goldstücker, o termo realismo não deveria ser mais usado nas manifestações literárias contemporâneas, porque não precisamos seguir nomeando o mundo contemporâneo, não é necessário, enfim, compartimentar a literatura. Por isso, Kafka não deveria ser classificado como realista. Ao ser perguntado sobre uma possível relação entre as manifestações literárias com uma crise da linha, Goldstücker afirmou que Kafka não se preocupava com a linguagem, pois aquela que lhe era própria, era especial.

Elza Cunha de Vincenzo escreveu para *O Estado de S. Paulo* o texto “Kafka e o teatro do absurdo”, em 20 de agosto de 1966. A autora defendia que, pelo

fato do texto kafkiano se apresentar como passível de várias interpretações, o crítico era obrigado a se abrir em várias direções:

Assim, pode-se estancar em uma crítica “genética” e explicar a obra pelo homem Kafka, fazendo-lhe desde a psicologia de tuberculoso, até – e esta é sem dúvida a mais tentadora porque quase óbvia – a psicanálise de filho de problemáticas relações com o pai; como se poderia igualmente partir de sua condição de judeu mal integrado na tradição religiosa de seu povo, ou interpretar-lhe a obra, inclusive, como forma de liberação do confinamento a que o obrigava a rotina de sua vida de funcionário, ou ainda vê-la como uma grande, amplíssima crítica das estruturas sociais vigentes. (VINCENZO, 1966, p. 5).

Além de mostrar a importância da crítica marxista, Elza Vicenzo defendeu a necessidade de uma crítica temática, principalmente por ser o absurdo um dos temas de maior frequência nas suas obras.

A autora aproximou Kafka ao teatro do absurdo, porque, segundo seu ponto de vista, ambos nos apresentam, inicialmente, cenas próximas da realidade cotidiana. Ainda que trabalhando com a temática do absurdo, os críticos defendiam a idéia de que as imagens estranhas, presentes nos textos kafkianos, seriam somente reflexos do que, de fato, acontece no mundo moderno, retomando-se, uma vez mais, a crítica existencialista.

O último artigo de 1966, “Tempos piores e melhores”, de Otto Maria Carpeaux, foi publicado em 22 de outubro, em *O Estado de S. Paulo*. Neste texto, o crítico procurava, de alguma maneira, definir o escritor Franz Kafka. Mesmo após haver afirmado que não iria mais falar sobre Franz Kafka, Carpeaux decidiu escrever este artigo, no qual discutiu, inicialmente, a existência e a possível decadência da literatura austro-praguense. Para demonstrar a existência desta literatura ele se baseou na obra de Franz Kafka. Iniciou seu texto questionando a classificação de Kafka. Para

Carpeaux não estava correto classificar Kafka como escritor tcheco porque ele nunca escreveu nenhuma linha nessa língua; não era alemão, por ser judeu; e tampouco era um escritor judeu, porque nunca fora sionista e nem mesmo praticava o judaísmo. Assim, ele optou por chamá-lo de escritor austríaco, mesmo sabendo que nunca existiu uma definição clara da literatura austríaca. Finalizando, ele defendeu a existência de uma literatura austríaca e afirmou que a decadência não foi somente da literatura, mas sim da sociedade como um todo.

Na linha comparativista, por ela própria denominada aproximativa, Bruna Becherucci escreveu o artigo “Existe afinidade entre Kafka e Leopardi?”, em 28 de janeiro de 1967. Bruna Becherucci que já havia publicado um estudo sobre o conto “O silêncio das sereias”, em 1950, afirmava agora que o interesse por Kafka no Brasil aumentara e que tanto as traduções como as críticas estavam se realizando com maior frequência.

As críticas mais atuais, segundo ela, tendiam a ver os textos de Kafka como alusões. Por terem a tristeza e a solidão como traços fundamentais, Bruna Becherucci aproximou Kafka de Giacomo Leopardi, deixando sempre claro que se tratava, tão somente, de uma aproximação e que seu trabalho não pretendia ser comparativo, pois este tipo de análise dos pontos em comum entre dois escritores não poderia ser feito de maneira superficial, mas, ao contrário, mereceria um estudo aprofundado.

O texto “Peça de Kafka”, de 27 de maio de 1967, sem autor, tratava da peça “O Vôo em torno da lâmpada”, escrita por Franz Kafka, em 1922, para uma Companhia de Teatro Iídiche e que, até então, era desconhecida.

Juntamente com esta matéria, encontramos “Eternos desaparecidos”, de Autran Dourado, que afirmou ser impossível encontrar duas interpretações iguais de *O*

processo de Franz Kafka, pois por se tratar de uma obra aberta – como “Desaparecimento de Luisa Porto”, de Carlos Drummond de Andrade e *Finnegans Wake*, de Joyce – não se podia dizer que havia um número determinado de interpretações possíveis: “cada dia um crítico descobre uma nova visão, que ele assegura, com lógica e dialética implacável, ser a única e verdadeira”.

Em 1968 nenhuma matéria sobre Franz Kafka foi publicada e, no ano seguinte, somente um artigo foi detectado: “Franz Kafka e o nosso tempo”, de Reynaldo Bairão, em 28 de junho de 1969.

No texto, Bairão começava afirmando que nada de novo iria falar sobre Franz Kafka. Contextualizando-o em seu tempo e espaço, comentou as interpretações feitas sobre o escritor, entre elas a de Adorno, Camus e Rosenfeld. Afirmou, ainda, que para Anders e para Rosenfeld, Kafka era um “moralista do conformismo”. Por considerar necessário inserir Kafka dentro do pensamento moderno e do existencialismo, Bairão discorreu sobre a interpretação existencialista de Adorno e Camus.

Na década de 70, o número de artigos publicados com críticas voltadas especificamente para Franz Kafka diminui consideravelmente, como se observa a seguir:

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR
• BROYARD, A. Kafka revisitado. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 02 jan. 1972, n. 29679, p. 6. • (?) Morte de Kafka ignorada. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 05 jun. 1974, n. 30425, p. 9. • BACK, S. Na adaptação de Kafka, mais uma derrota para o cinema. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 28 nov. 1976, n. 31193, p. 44. • (?) Oficina estréia hoje adaptação de “O processo”, de Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 05 fev. 1977, n. 31252, p. 9. • GARCIA, C. Uma adaptação não muito feliz de Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 15 fev. 1977, n. 31260, p. 12.

- PEDREIRA, F. O Deus de Kafka (e o nosso). *O Estado de S. Paulo*. 08 ago. 1978.
- BRAYNER, S. Franz Kafka: obsessão pela imagem. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Cultural. 08 out. 1978, n. 31769, p. 5.

As referências caíram pela metade em relação à década anterior, passando de 66 para 31. Dos sete textos publicados, nenhum era de um autor já conhecido; dois artigos eram de autores anônimos e, dos cinco restantes, cada qual publica um único texto.

AUTOR	ARTIGO	DATA
BROYARD, A.	Kafka revisitado	02.01.1972
(?)	Morte de Kafka ignorada	05.06.1974
BACK, S.	Na adaptação de Kafka, mais uma derrota para o cinema	28.11.1976
(?)	Oficina estréia hoje adaptação de “O processo”, de Kafka	05.02.1977
GARCIA, C.	Uma adaptação não muito feliz de Kafka	15.02.1977
PEDREIRA, F.	O Deus de Kafka (e o nosso)	08.08.1978
BRAYNER, S.	Franz Kafka: obsessão pela imagem	08.10.1978

Depois de permanecer quase três anos sem publicar um único artigo sobre o escritor, *O Estado de S. Paulo* o faz somente em 02 de janeiro de 1972, e foi Anatole Broyard quem quebrou este silêncio com “Kafka revisitado”. O artigo se propunha a discutir os contos publicados em *Franz Kafka: os contos completos*, da Editora Schocken. A leitura deste livro o deixou ao mesmo tempo surpreso e melancólico. Para Broyard, Kafka sempre foi a “mais lúcida inteligência de nossa época”, no entanto, ao mesmo tempo em que se mostrava indignado com a falta de interesse, que se percebia naquele momento sobre o autor, criticava alguns contos de Kafka. Os textos mais lidos foram “A metamorfose”, “Na colônia penal” e “Relatório para uma

academia”, os quais mereceram atenção especial. Os outros contos, para Broyard, eram maçantes, chegando a classificá-los como reflexo do estilo paranóico e obsessivo de seu autor.

No ano em se comemorava o cinquentenário da morte de Franz Kafka, muitos se indignaram com o fato de que a data passara quase despercebida. *O Estado de S. Paulo* publicou “Morte de Kafka ignorada”, em 05 de junho de 1974, de autor não identificado, que relatava o silêncio total da imprensa e da intelectualidade tcheca sobre o seu escritor mais famoso.

Dois anos depois, a produção cinematográfica foi lembrada por Silvio Back, no artigo “Na adaptação de Kafka, mais uma derrota para o cinema”, publicado em 28 de novembro de 1976.

O autor escreveu sobre a adaptação para o cinema de “A metamorfose”. Segundo Back, Ivo Dvorak, diretor do filme, realizou uma adaptação livre, sem se preocupar com o universo kafkiano. No entanto, complementou a sua argumentação dizendo que não podia afirmar que o diretor traiu Kafka, visto que havia um confronto natural entre a literatura e o cinema e que, por isso, a culpa não seria somente do diretor, mas também da incompatibilidade das representações artísticas.

Fugindo da discussão sobre o cinema e, mais uma vez, retomando as adaptações para o teatro, o texto “Oficina estréia hoje adaptação de ‘O processo’, de Kafka”, de 05 de fevereiro de 1977, tratou da adaptação de *O processo*, de Franz Kafka.

Esta mesma adaptação foi abordada em “Uma adaptação não muito feliz de Kafka”, de Clóvis Garcia, artigo publicado em 15 de fevereiro de 1977. Clóvis Garcia fez uma abordagem inicial sobre Franz Kafka e, em seguida, discutiu a peça teatral. Afirmou que a adaptação de uma obra-prima sempre poderia sofrer alterações e que,

no caso de Kafka, isto poderia acontecer com maior frequência, pois seus textos estavam carregados de uma simbologia, além do tempo e do espaço que, em suas obras, não faziam parte do cotidiano. Segundo Garcia, esta adaptação do texto de Kafka foi marcada por dois erros principais, que não se justificavam pelo argumento acima. Para alguém que se propunha a escrever uma adaptação da prosa kafkiana, era preciso estudar atentamente a sua simbologia, que se referia a um momento determinando, dando-lhe assim um caráter universal. No caso citado pelo artigo, acontecera, precisamente, o contrário: as cenas se situavam dentro de um contexto social e político. Garcia, concluiu que era preciso que se fizesse uma revisão desta peça.

Fernando Pedreira escreveu “O Deus de Kafka (e o nosso)” para *O Estado de S. Paulo*, em 08 de agosto de 1978, no qual tratava da interpretação do dramaturgo Friedrich Dürrenmatt sobre Franz Kafka. Segundo Dürrenmatt, Kafka era um autor religioso, que acreditava que o homem “deve submeter-se ao absurdo divino”. Fernando Pedreira afirmou que a visão religiosa de Kafka não foi bem aceita pelos cristãos, pois estes acreditam que Deus é justo e traz a salvação.

Também abordando a crítica literária dedicada a Franz Kafka, Sônia Brayner escreveu “Franz Kafka: a obsessão pela imagem”, publicado em *O Estado de S. Paulo*, em 08 de outubro de 1978. A autora iniciou com uma citação de Max Brod a discussão sobre o absurdo nos textos kafkianos e destacou que, em razão dos aspectos míticos de sua obra, muitos críticos tenderam a uma interpretação alegórico-religiosa ou filosófica. Para Brayner, baseando-se na crítica existencialista, Kafka procurou, por meio da literatura, representar a existência humana e de uma forma objetiva tratou a banalidade do cotidiano, chegando ao absurdo.

Na década de 80, retomou-se o interesse pela obra de Kafka, como

comprovam os artigos que se elencam a seguir.

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR
• (?) Para lembrar Franz Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 08 jun. 1983, n. 33206, p. 16. • (?) O mundo de Kafka na gravura de Zorávia. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 08 out. 1982, n. 33001, p. 18. • (?) O universo kafkiano por Zorávia. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 10 out. 1982, n. 33003, p. 37. • (?) Para lembrar Franz Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 08 jun. 1983, n. 33206, p. 16. • KONDER, Leandro. Kafka e nós. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Cultura. 03 jul. 1983, n. 33228, p. 2-3. • JOSEF, B. Há 40 anos vagueio ao sair de Canaã. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Cultura. 03 jul. 1983, n. 33228, p. 4-5. • PRITCHETT, V. S. A lógica de Franz Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Cultura. 03 jul. 1983, n. 33228, p. 6-7. • THEODOR, E. Assustadoramente atual. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Cultura. 03 jul. 1983, n. 33228, p. 8-9. • SCALZO, N. Parábola da existência. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Cultura. 03 jul. 1983, n. 33228, p. 10-11. • LISBOA, L. C. O absurdo invade o cotidiano. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Cultura. 03 jul. 1983, n. 33228, p. 12. • BÁRBARA, A. Réu, inseto, prisioneiro? Não. Apenas Franz Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 3 jul. 83, p. 35. • (?) Escritores lembram Kafka no seu centenário. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 03 jul. 1983, n. 33228, p. 35. • SCALZO, N. Na desesperança, o tema que permeia os pesadelos. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 03 jul. 1983, n. 33228, p. 35. • BARROS, B. F. de. O universo kafkiano brasileiro. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 28 de jul. 1983, p. 4.

AUTOR	ARTIGO	DATA
(?)	Para lembrar Franz Kafka	08.07.1983
(?)	O mundo de Kafka na gravura de Zorávia	08.10.1982
(?)	O universo kafkiano por Zorávia	10.10.1982
(?)	Para lembrar Franz Kafka	08.06.1983
KONDER, L.	Kafka e nós	03.07.1983
JOSEF, B.	Há 40 anos vagueio ao sair de Canaã	03.07.1983
PRITCHETT, V. S.	A lógica de Franz Kafka	03.07.1983
THEODOR, E.	Assustadoramente atual	03.07.1983
SCALZO, N.	Parábola da existência	03.07.1983
	Na desesperança, o tema que permeia os pesadelos	03.07.1983
LISBOA, L. C.	O absurdo invade o cotidiano	03.07.1983
BÁRBARA, A.	Réu, inseto, prisioneiro? Não. Apenas Franz Kafka	03.07.1983
(?)	Escritores lembram Kafka no seu centenário	03.07.1983
BARROS, B. F. de	O universo kafkiano brasileiro	28.07.1983

Nos três primeiros anos da década de 80, nota-se um aumento de interesse pela obra de Kafka e o número de publicações sobre o autor ultrapassou o índice da década anterior: 13 artigos até o ano de 1983 e 10 referências (conferir Anexo III). Este número se justifica claramente: foi o ano em que se comemorava o centenário de seu nascimento, e também é a data que tomamos como base para encerrar a pesquisa.

O Estado de S. Paulo trouxe poucas matérias sobre Kafka em 1982, mesmo depois de passar dois anos em silêncio. Aquilo que se escreveu neste ano não dizia respeito diretamente ao escritor, mas sim, à influência que exerceu para a feitura das gravuras expostas pelo pintor Zorávia, que se inspirava nos seus textos. Trataram desta questão os artigos “O mundo de Kafka na gravura de Zorávia”, de 08 de outubro e “O universo kafkiano por Zorávia”, de 10 de outubro, ambos de autoria desconhecida.

O ano de 1983, como era de se esperar, foi marcado por um grande número de matérias. O primeiro artigo, intitulado “Para lembrar Franz Kafka”, de autoria

desconhecida, surgiu em 08 de junho.

Em comemoração ao centenário de nascimento de Franz Kafka, *O Estado de S. Paulo* dedicou um número do “Suplemento Cultura” ao escritor, contendo seis artigos. O primeiro texto deste caderno foi “Kafka e nós”, de Leandro Konder.

O estudioso afirmava que, mesmo após cem anos de seu nascimento e vivendo em um mundo diferente, Kafka poderia ser considerado nosso contemporâneo, pois os nossos problemas continuavam os mesmos: a sociedade fazia com que o indivíduo se isolasse em um mundo dividido, competitivo, aumentando cada vez mais a distância entre o poder e o povo.

O “Suplemento” abrigava também o artigo “Há 40 anos vagueio ao sair do Canaã”, de Bella Josef, que defendia a tese de que a produção kafkiana era fruto de uma experiência burocrata, referente ao período em que trabalhava no “Instituto de Seguros Contra Acidentes de Trabalho para o Reino da Bohemia”. Bella Josef também via a obra de Kafka como uma obra aberta, enfatizando que o escritor foi um profeta do mundo contemporâneo, apresentando-o sob a ótica existencialista.

V. S. Prichett, em “A lógica de Franz Kafka”, também publicado em 03 de julho de 1983, no “Suplemento”, comentou a biografia de Kafka, escrita por Ronald Hayman, *Kafka: a Biography* (*Kafka: uma biografia*) e o ensaio de Elias Canetti, “Kafka’s other trial: the letters to Felice” (“O outro julgamento de Kafka: as cartas à Felice”). Hayman, segundo Prichett, dizia que Kafka, na verdade, havia reproduzido aquilo que já se encontrava na Bíblia e Canetti, por sua vez, defendia a idéia de que a arte de Kafka era imóvel: “Tanto em pensamentos quanto em palavras, ele respeita ritmos e simetrias encontrados na Bíblia e nas escritas cabalísticas e demonstrava estar influenciado pelas idéias hassídicas sobre o valor intrínseco da língua” (1983, p. 6).

Na sequência do “Suplemento Cultura” aparece o estudo “Assustadoramente atual”, de Erwin Theodor. Ali o autor registrou que os temas centrais de Kafka, ou seja, a culpa e o castigo continuam atuais. A culpa presente na prosa kafkiana é aquela que recai sobre todos, o “pecado original”, e o castigo torna-se, conseqüentemente, impositivo. Para exemplificar sua teoria, Theodor se baseou em “Na colônia penal”, de Franz Kafka, deixando clara a visão religiosa do autor.

Nilo Scalzo apresentou dois artigos na mesma data comemorativa. Em “Parábola da existência”, discutiu a solidão presente na ficção kafkiana. Para ele, o interesse pelas parábolas ou pequenas histórias era uma característica de Franz Kafka e foram, justamente, estas histórias que se aproximaram da filosofia e da religião. Ao produzir seus textos, segundo o artigo, Kafka recriava a realidade por meio de sua visão de mundo. Por conseguinte, afirmava Scalzo, era compreensível que muitos críticos literários avaliassem os textos kafkianos com auxílio de elementos extraliterários. Ao falar da realidade, Kafka promoveu um “debate entre a necessidade de liberdade e o medo da solidão, oriundo da consciência de ser que vive marginalizado até mesmo por fatores de ordem cultural” (SCALZO, 1983, p. 10).

Ao final do caderno especial, aparece “O absurdo invade o cotidiano”, de Luiz Carlos Lisboa, discutindo o caráter alegórico da prosa kafkiana, isto porque Kafka nos fala sobre fatos absurdos que invadem o cotidiano por meio de alegorias. Para Luiz Carlos Lisboa, o estilo kafkiano é limpo, realista, mas alguns mistérios faziam parte dos seus textos.

Além dos textos publicados no “Suplemento Cultura”, no dia 03 de julho, *O Estado de S. Paulo* publicou mais duas matérias sobre Franz Kafka. A primeira, de

autoria de Aída Bárbara, intitulada “Réu, inseto, prisioneiro? Não, apenas Franz Kafka”, iniciava com uma breve biografia do autor para, a seguir, discutir sua obra, que se apresenta, segundo ela, como um pesadelo sem esperança.

Outros escritores também homenagearam Kafka no texto “Escritores lembram Kafka no seu centenário”, dentre os citados escritores: Silvio Fiorani, Murilo Rubião e Lygia Fagundes Telles. Se para Silvio Fiorani a obra de Kafka tinha como preocupação a realidade de maneira alegórica, para Murilo Rubião ele buscava inspiração na Bíblia e na mitologia grega. Finalizando o texto, Lygia Fagundes Telles (1983, p. 35) afirmava que não havia nada de ilógico no texto de Kafka, pois “o caos está na apresentação do problema, não na essência”.

A última matéria do dia 03 de julho foi de Nilo Scalzo, a segunda publicada no mesmo dia, sob o título “Na desesperança, o tema que permeia os pesadelos”. Seguindo a mesma linha de raciocínio do seu texto anterior, Nilo Scalzo se fixou no tema da desesperança, o que conferia à obra de Kafka um caráter de pesadelo. Na sua obra, segundo ele, o homem “é incapaz de sair da solidão e adaptar-se ao meio”. Conscientemente, como acredita Nilo Scalzo, Kafka deixou inacabados seus textos para que os leitores não conhecessem o destino dos seus personagens.

Encerrando o mês de julho e as matérias de *O Estado de S. Paulo*, no dia 28, Benedito Ferri de Barros escreveu “O universo kafkiano brasileiro”. Por acreditar que a prosa kafkiana era nossa contemporânea, o autor deste artigo trouxe o universo kafkiano para o Brasil. Os traços que representavam o Brasil, para Benedito Ferri de Barros, eram a safadeza e a ignorância. “O brasileiro safado orgulha-se de sua esperteza, mas zanga-se de ser identificado como ignorante” (BARROS, 1983, p. 4). Ele finalizava o seu trabalho, afirmando que o mundo se tornara kafkiano porque as pessoas passaram

a acreditar que os problemas apresentados na vida coletiva são naturais.

4.2 *Folha de S. Paulo*

A 19 de fevereiro de 1921 surgiu, em São Paulo, a *Folha da Noite*, jornal vespertino, com o objetivo de ser um jornal informativo, para ser lido e não guardado e, sobretudo, atingir as classes populares, uma proposta também defendida pelo *Correio*, no Rio de Janeiro.

Neste projeto encontravam-se Olavo Olívio Olival da Costa, Pedro Cunha, Antônio dos Santos Figueiredo, Mariano Costa e Ricardo Figueiredo, além das colaborações de Monteiro Lobato, Paulo Duarte, Nicolau Ancona Lopez, Taciano de Oliveira, Léo Vaz, Gastão Barros, Antônio de Pádua Nunes, Eurico Branco Ribeiro, Júlio de Mesquita Filho, Ademar de Paula e Vital Ribeiro. Olival Costa era uma referência para a liberdade de imprensa, o que fez com que a *Folha da Noite* zelasse pela liberdade e segurança de seus jornalistas.

A *Folha da Noite* se firmou no mercado, o que encorajou seus dirigentes a criar um periódico matutino, a 1º de julho de 1925 surgiu a *Folha da Manhã*, “dirigido a um público como comerciantes, profissionais liberais, pequenos proprietários em geral” (MOTA, 1980, p. 28). O novo jornal queria conquistar outros setores da sociedade, desta vez como um jornal de apelo mais popular.

No dia 24 de outubro de 1930, com a deposição de Washington Luís, houve a invasão e a destruição da *Gazeta* e do *Correio Paulistano*. Durante a noite, a vítima foi a

“Folha” e da esquina, Olívio Olival da Costa, assistiu à invasão da sua redação, com a multidão jogando pelas janelas máquinas de escrever, cadeiras, mesas e tudo o mais.

A década de 30, apesar das dificuldades e perseguições políticas, foi um período de grande desenvolvimento da imprensa, principalmente com relação à estrutura empresarial. No ano de 1931, a sociedade das “Folhas” passou a denominar-se “Empresa Folha da Manhã Limitada” e Olívio Olival da Costa passou a ter ao seu lado Octaviano Alves de Lima, Rubens do Amaral, Diógenes de Azevedo e Guilherme de Almeida. O jornal, que passou por diversas fases e reformulações, somente nos anos 60 receberia o nome de *Folha de S. Paulo*, como é conhecido nos dias atuais.

O grupo “Folha” lançou, em 1948, um Programa que visava uma separação rígida das notícias do jornal. Separava-se a informação da opinião, que por sua vez se dividia entre internacional, nacional, estadual e local: a *Folha da Noite* estava voltada mais para a cidade e a *Folha da Manhã* cobria o espaço internacional e contemporâneo. Este programa buscava uma “absoluta imparcialidade política partidária e inflexível defesa do interesse público” (MOTA, 1980, p. 133). Como continuidade da empresa, a 1º de julho de 1949, foi criada a *Folha da Tarde*.

Inicialmente, as matérias sobre cultura e arte não possuíam um caderno especial. Normalmente, elas apareciam em uma única folha do 3º Caderno. A partir da década de 50, ainda sob o título de *Folha da Manhã*, surgiu a seção “Atualidades e comentários” e “Assuntos culturais” que apresentavam artigos sobre arte. Foi na década de 60, após a alteração do nome do jornal para *Folha de S. Paulo*, foi lançada a “Ilustrada”, exclusivamente com matérias culturais.

Os primeiros artigos publicados sobre Franz Kafka no segundo jornal paulista, também objeto de nossa pesquisa, iniciaram-se muito mais tarde do que n’O

Estado de S. Paulo, ou seja, apenas no final da década de 40, como se observa no quadro a seguir.

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR
• CARPEAUX, O. M. Estruturas e perspectivas européias. <i>Folha da Manhã</i>. 3º Caderno. 30 nov. 1947, n. 7259, p. 1 e 7. • Semana literária. O “Processo” de Kafka. <i>Folha da Manhã</i>. 3º Caderno. 30 nov. 1947, n. 7259, p. 2. • DOURADO, V. A. Kafka e a solidão. <i>Folha da Manhã</i>. 3º Caderno. 24 abr. 1949, n. 7685, p. 2.

Ou então, de modo mais simplificado, tem-se:

AUTOR	ARTIGO	DATA
CARPEAUX, O. M.	Estruturas e perspectivas européias	30.11.1947
(?)	O “Processo” de Kafka	30.11.1947
DOURADO, V. A.	Kafka e a solidão	24.04.1949

A *Folha da Manhã* publicou dois dos seus três primeiros textos específicos sobre Kafka somente em 1947, em 30 de novembro: “Estruturas e perspectivas européias”, de Otto Maria Carpeaux e “O ‘Processo’ de Kafka”, sem autor determinado. Trouxe, também, oito referências ao autor (conferir Anexo III).

No primeiro texto, Carpeaux afirmou que, naquele momento, Franz Kafka era o escritor europeu mais estudado, comparando-o a Rilke, principalmente por serem ambos considerados escritores alemães de influência universal no nosso tempo.

Carpeaux trilhava uma crítica semelhante à defendida por Max Brod e trazia uma leitura religiosa da obra do escritor tcheco. A partir do ensinamento sobre o pecado original presente no Antigo Testamento, o crítico justificava a razão pela qual

Kafka falava sobre o sofrimento do homem, do prisioneiro, do condenado. Para ele, Joseph K. – personagem principal de *O processo* – e Kafka constituíam-se em uma única pessoa.

Neste artigo, Carpeaux defendia a idéia de que Kafka não representava somente o povo perseguido de Israel, mas sim a humanidade inteira e considerava *O processo* um sonho premonitório das perseguições nazistas, retratando o indivíduo esmagado pela máquina burocrática, tirânica.

O segundo artigo, publicado também em 30 de novembro de 1947, foi “O processo de Kafka”. A matéria falava sobre a adaptação de *O processo*, feita por Jean Louis Barrault, que via a adaptação como algo muito próximo do romance kafkiano.

Encerrando-se as publicações da década de 40 deparamo-nos com outro artigo publicado na *Folha da Manhã*: “Kafka e a solidão”, em 24 de abril de 1949, de Autran Dourado. O artigo destacava que o maior valor da prosa kafkiana era a estrutura metafísica de seus romances, ou seja, a presença de difíceis e decisivas perguntas na vida do homem em seus textos: “O homem é só, busca uma familiaridade com o mundo, nenhuma compreensão é possível”.

Na análise de Autran Dourado, o homem kafkiano além de estar isolado, angustiado e sem compreender o que acontecia ao seu redor, representava o próprio mundo sem sentido. Para ele, o estilo kafkiano nos oferecia a imagem da solidão e fazia com que nos sentíssemos sufocados com o realismo de suas histórias.

Na década de 50 o jornal, após passar cinco anos sem publicar artigos sobre Kafka, parecia ainda não apresentar um interesse maior sobre o escritor tcheco e trazia apenas quatro artigos, dois dos quais sem autoria, embora já apresentasse 20

referências a Kafka (conferir Anexo III).

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR	
•	FEO, S. de. As previsões de Kafka. <i>Folha da Manhã</i> . Atualidades e comentários. 29 jan. 1956, n. 9733, p. 58.
•	(?) Binário. <i>Folha da Manhã</i> . Atualidades e comentários. 15 abr. 1956, n. 9797, p. 66.
•	VIEIRA, J. G. Os textos de Kafka. <i>Folha da Manhã</i> . Assuntos culturais. 01 dez. 1957, n. 10308, p. 4.
•	(?) Fatos e autores. <i>Folha da Manhã</i> . Assuntos culturais. 26 out 1958, n. 10585, p. 3.

Ou como representado no quadro abaixo:

AUTOR	ARTIGO	DATA
FEO, S. de	As previsões de Kafka	29.01.1956
(?)	Binário	15.04.1956
VIEIRA, J. G.	Os textos de Kafka	01.12.1957
(?)	Fatos e autores	26.10.1958

Em 29 de janeiro de 1956 a *Folha* trazia “As previsões de Kafka”, de Sandro de Feo. O autor afirmava que Kafka era um verdadeiro profeta e que fazia algumas previsões, dentre elas as relações entre judeus e alemães e as guerras. Para exemplificar esta relação entre judeus e alemães, Feo retirou uma passagem de *Conversas com Kafka*, de Gustav Janouch em que ele aproximava os dois povos e afirmava que a principal semelhança entre eles era serem amáveis, zelosos e odiados pelos demais. No artigo, além de destacar estas profecias e fazer uma crítica histórico-política, o autor questionava de onde elas surgiram:

Afirmou-se que provinham do passado, das visões mais tenebrosas da alma hebraica, e a ninguém ocorreu, nem mesmo a ele, é claro, que pudessem chegar-lhe do passado. Afirmou-nos também que os seus relatos nada mais

eram senão parábolas, e buscaram-se as suas chaves simbólicas, identificou-se a trágica servidão dos seus protagonistas com a moléstia do escritor, que morreu tuberculoso. (FEO, 1956, p. 58).

Também no ano de 1956, sem autoria, encontramos uma notícia sobre a publicação de *Metamorfose* pela Civilização Brasileira que comentava a apresentação gráfica da edição. O valor da obra, para o autor, se devia, principalmente, à tradução realizada por Breno Silveira e, como o próprio artigo afirmava, a sua única intenção era “anunciar o aparecimento dessa publicação que, por certo, vai interessar aos ‘maníacos’ de Kafka”.

No primeiro dia de dezembro de 1957, José Geraldo Vieira ofereceu ao público paulista o artigo “Os textos de Kafka”, no qual, tal como outros publicados em *O Estado de S. Paulo*,²⁶ questionava a importância de Max Brod para a divulgação dos textos de Franz Kafka, uma vez que poderia haver alterado a sequência dos textos kafkianos.

O artigo em estudo tomava como base a declaração do professor de literatura alemã Hermann Uyttersprot, em Gand, na Bélgica. Segundo ele, era questionável como se apresentavam as obras *O processo*, *O castelo* e *Amerika* e era possível que Brod houvesse misturado os textos, o que deixariam as obras kafkianas confusas nas sequências temporal e temática.

²⁶ Cf. KLANSFER, Jules. “O revelador de Kafka”, 1954; “Kafka foi traído?”, 1958.

Na seção “Fatos e autores”, da *Folha da Manhã*, em 26 de outubro de 1958, e sem autoria, noticiava-se a publicação da primeira bibliografia de Kafka, em Munique.

Nos anos 60, a *Folha* já apresentava um número um pouco mais elevado de artigos sobre a obra de Kafka: publicou no período 13 artigos e foram, ainda, localizadas 43 referências (conferir em Anexo III):

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR	
•	(?) Kafka a obra de contista. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 31 dez 1961, n. 11887, p. 4. (crítica literária)
•	DUARTE, J. R. “O processo”. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 13 nov. 1963, n. 12568, p.4. (cinema)
•	(?) Reabilitado, Kafka é assunto. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 06 set. 1964, n. 12866, p. 1. (notícia)
•	ARROYO, L. Kafka. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 04 dez. 1964, n. 12955, p. 5. (artes plásticas)
•	MOUTINHO, N. Kafka, o inclassificável. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 04 abr. 1965, n. 13076, p. 2. (crítica literária)
•	GUIMARAES, T. Influências em Kafka. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 01 ago. 1965, n. 13194, p. 9. (crítica literária)
•	(?) SAC organiza exposição de Franz Kafka. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 12 fev. 1966, n. 13390, p. 3. (artes plásticas)
•	VIEIRA, J. G. Exposição Kafka. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 15 mar. 1966, n. 13421, p. 3. (artes plásticas)
•	FASSONI. No cinema alemão “O castelo” de Kafka. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 01 maio 1966, n. 13468, p. 5. (cinema)
•	(?) Logo mais um processo. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 13 fev. 1967, n. 13756, p. 4. (teatro)
•	(?) Kafka hoje no Arena. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 04 mar. 1967, n. 13775, p. 5. (teatro)
•	(?) Bráulio adapta Kafka. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 26 ago. 1967, n. 13950, p. 5. (teatro)
•	MENDONÇA, P. Absurdo VII. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 11 out. 1967, n. 13933, p. 3. (crítica literária)

AUTOR	ARTIGO	DATA
(?)	Kafka a obra de contista	31.12.1961
DUARTE, J. R.	“O processo”	13.11.1963
(?)	Reabilitado, Kafka é assunto	06.09.1964

ARROYO, L.	Kafka	04.12.1964
MOUTINHO, N.	Kafka, o inclassificável	04.04.1965
GUIMARAES, T.	Influências em Kafka	01.08.1965
(?)	SAC organiza exposição de Franz Kafka	12.02.1966
VIEIRA, J. G.	Exposição Kafka	15.03.1966
FASSONI	No cinema alemão “O castelo” de Kafka	01.05.1966
(?)	Logo mais um processo	13.02.1967
(?)	Kafka hoje no Arena	04.03.1967
(?)	Braulio adapta Kafka	26.08.1967
MENDONÇA, P.	Absurdo VII	11.10.1967

No último dia do ano de 1961, na *Folha de S. Paulo*, sem autor determinado, lia-se “Kafka: a obra do contista”. Aqui, como em outros artigos, dava-se a notícia de mais uma publicação de Franz Kafka na Alemanha. No caso, uma coletânea de contos do autor.

Em 13 de novembro de 1963, na *Ilustrada*, na seção de cinema publicou-se o texto “O processo”, escrito por J. R. Duarte, que comentava o filme, baseado na obra de mesmo nome do escritor tcheco, e dirigido por Orson Welles. Mesmo baseado-se em uma obra muito “subjativa, hermética e simbolista, ao que parece com profundo significado humano, de atormentada decifração”, segundo o crítico, Welles conseguia lançar uma preciosa produção cinematográfica.

Embora esta crítica se mostrasse favorável ao resultado final do filme *O processo*, de Welles, na sua maioria, os outros críticos dedicados às adaptações cinematográficas e teatrais se declaravam totalmente contrários, pois para eles, a prosa de Kafka, cheia de simbologia e de mistérios, não se adaptava bem a este tipo de trabalho artístico. Segundo a crítica especializada, esta simbologia se perdia ao ser encenada. Só por meio da imaginação, aguçada pela leitura, é que o texto se tornaria multi-interpretativo, rico em imagens e sentidos múltiplos.

O jornal *Folha de S. Paulo* publicou, em 06 de setembro de 1964, uma

breve notícia sobre Kafka, sem identificação do autor: “Reabilitado, Kafka é assunto”. A recepção, trabalhada neste artigo, referia-se aos países orientais, que começavam a ouvir falar do escritor.

Outra notícia também presente no jornal foi “Kafka”, de Leonardo Arroyo, publicada em 04 de dezembro de 1964. Neste breve texto, de somente dez linhas, Arroyo anunciava uma exposição sobre o autor no Rio de Janeiro, com apoio da embaixada da Tchecoslováquia. Na exposição seriam apresentados livros e objetos que haviam pertencido ao autor. O artigo em questão não dava destaque à produção de Franz Kafka, mas, mesmo que não intencionalmente, falava sobre uma possível linha de pesquisa, que poderia se dar a partir do material exposto, ligada à crítica genética, que até aquele momento não aparecera ligada a Kafka. Os livros que pertenceram ao escritor permitiriam que se trabalhasse com a gênese de seu trabalho e se reconheceria, com certa garantia, quais foram as influências sofridas pelo autor tcheco.

Nogueira Moutinho escreveu “Kafka, o inclassificável”, em 04 de abril de 1965, e defendeu a idéia de que Franz Kafka era um escritor que não deveria ser classificado, como faziam alguns críticos, entre eles Emmanuel Moupler, que o classificava como existencialista. Para Moutinho, o que interessava realmente era a obra, e não uma possível classificação de seu texto.

Retomando, novamente, o tema das influências sofridas por Franz Kafka, Torrieri Guimarães publicou, em 01 de agosto de 1965, “Influências em Kafka”. O conjunto das obras de Kafka, segundo Torrieri Guimarães, fazia com que os leitores se espantassem por trazer de modo natural o absurdo da existência. Para ele, “a maturação de um estado de espírito”, representada por Kafka também estava presente em Kierkegaard, que apresentava o homem como um ser desesperado, por se prender

ao sentimento religioso. Nem a ciência seria, portanto, capaz de ajudá-lo. Além de mostrar as influências sofridas por Franz Kafka, o autor, com base no tema dos textos kafkianos, fazia uma crítica marxista, mostrando qual era a relação entre a produção artística e a realidade social.

A primeira matéria escrita no ano de 1966 foi publicada em 12 de fevereiro. Sem indicação de autor e intitulada “SAC organiza exposição de Franz Kafka”, anunciava, em poucas linhas, a exposição sobre Kafka, organizada pela Sociedade Amigos da Cinemateca.

Em um ano de grandes críticas sobre Franz Kafka, particularmente em *O Estado de S. Paulo*, a *Folha de S. Paulo* publicava em 15 de março “Exposição Kafka” de José Geraldo Vieira, mais uma notícia sobre uma exposição dedicada ao escritor, organizada pela Sociedade Amigos da Cinemateca, já apresentada em artigo anterior, “SAC organiza exposição de Franz Kafka”.

Outra notícia em 01 de maio de 1966, sob o título “No cinema alemão ‘O castelo’ de Kafka”, de Orlando Augusto Fassoni, que não fazia nenhum comentário sobre a obra do escritor e só anunciava mais uma adaptação de um romance kafkiano.

Novamente saíam mais três notícias sobre uma adaptação de *O Processo*. A primeira, “Logo mais um processo”, sem autor identificado, saía em 13 de fevereiro de 1967, e divulgava a estréia da peça: “O processo” no Teatro de Arena. O homem, tanto na peça quanto no romance, se via obrigado a escolher entre dois caminhos: a tentativa de integração da rotina ou a morte. Leonardo Lopes, diretor da peça, após estudar muito a obra de Kafka considerava os textos do autor lógicos. A segunda matéria, de 04 de março do mesmo ano, intitulada “Kafka hoje no Arena”, somente limitava-se a

contar a história da peça. E, por último, encontramos “Bráulio adapta Kafka”, de 26 de agosto, que tratava de uma adaptação de Bráulio Pedroso – “Kafka quer dizer gralha” – baseada em três contos kafkianos: “Diante da lei”, “O artista da fome” e “A sentença”.

O tema do absurdo presente nos textos kafkianos retornava em “Absurdo VII”, de Paulo Mendonça, em 11 de outubro de 1967. Para o autor, Kafka possuía como traço fundamental de seu texto o absurdo e se apresentava como um escritor muito pessimista. Paulo Mendonça destacava que mesmo não escrevendo diretamente para o teatro, seu romance *O processo*, foi adaptado para o teatro.

Na década de 70, a *Folha de S. Paulo* trazia 11 artigos sobre o escritor, e apresentava, em outros 43, referências ao autor (conferir Anexo III).

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR
• MOUTINHO, N. Livros. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 15 jan. 1970, n. 14823, p. 31. (notícia) • MOUTINHO, N. Kafka no subsolo do Masp. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 06 maio 1972, n. 15665, p. 32. (artes plásticas) • (?) Kafka pernicioso. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 01 jun. 1973, n. 16053, p. 25. (crítica literária) • (?) Livros. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 15 jun. 1972, n. 15705, p. 41. (crítica literária) • (?) Cartas para Felice. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 29 set. 1973, n. 16173, p. 32. (crítica literária) • (?) Franz Kafka, o começo de uma nova TV. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 09 out. 1973, n. 16183, p. 31. (notícia) • BOURDOUKAN, B. Um programa para televisores desligados. <i>Folha de S. Paulo</i>. 9 out. 1973, n. 16183, p. 31. (notícia) • MOUTINHO, N. No cinqüentenário da morte de Kafka. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 02 jun. 1974, n. 16419, p. 23. (notícia) • (?) Tchecoslováquia ignora Kafka. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 05 jun. 1974, n. 16422, p. 32. (notícia) • (?) Tchecoslováquia reabilitará Kafka? <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 07 jul. 1974, n. 16453, p. 52. (notícia) • (?) Revista soviética edita Kafka. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 03 set. 1974, n. 16611, p. 38. (notícia)

AUTOR	ARTIGO	DATA
MOUTINHO, N.	Livros	15.01.1970
MOUTINHO, N.	Kafka no subsolo do Masp	06.05.1972
(?)	Kafka pernicioso	01.06.1973
(?)	Livros	15.06.1972
(?)	Cartas para Felice	29.09.1973
(?)	Franz Kafka, o começo de uma nova TV	09.10.1973
BOURDOUKAN, B.	Um programa para televisores desligados	09.10.1973
MOUTINHO, N.	No cinquentenário da morte de Kafka	02.06.1974
(?)	Tchecoslováquia ignora Kafka	05.06.1974
(?)	Tchecoslováquia reabilitará Kafka?	07.07.1974
(?)	Revista soviética edita Kafka	03.09.1974

Na seção intitulada “Livros”, Nogueira Moutinho anunciava o lançamento de algumas obras e, no dia 15 de janeiro de 1970, um dos autores em destaque foi Franz Kafka. Dois livros são citados neste trabalho: o primeiro, uma edição que saiu pela Civilização Brasileira, com “O artista da fome” e “Metamorfose”; o segundo, uma crítica literária escrita por Gunter Anders, *Kafka: pró e contra*.

Em 06 de maio de 1972 a *Folha de S. Paulo* anunciava mais uma exposição dedicada a Franz Kafka em “Kafka no subsolo do MASP”, de Nogueira Moutinho, que comentava a exposição organizada por Klaus Wagenbach e pelo Instituto Goethe, para a Academia de Artes de Berlim.

A publicação de um dos mais discutidos contos de Franz Kafka, “A metamorfose”, foi anunciada, em 15 de junho de 1972, na seção intitulada “Livros”.

Em 1973, somente a *Folha de S. Paulo* publicou matérias sobre o escritor. O primeiro texto, “Kafka pernicioso”, do dia 01 de junho de 1973, era um breve texto em que o articulista se mostrava indignado com a forma como a Tchecoslováquia tratava Franz Kafka que se referia a seus como perniciosos à sociedade.

Em 29 de setembro deste mesmo ano, em “Cartas para Felice”, de autor não identificado, discutiu o conteúdo das *Cartas à Felice*, além de apresentar uma breve biografia do escritor. Diferentemente do que vimos até aqui, o texto mostrava mais interesse em fazer uma crítica focada, direcionada, à produção dos textos kafkianos, com base na crítica temática.

Em 09 de outubro de 1973, a *Folha de S. Paulo* apresentou a notícia “Franz Kafka, o começo de uma nova TV”, sem citar o autor. O texto trazia uma breve biografia do escritor, juntamente com algumas críticas. O título do texto, que poderia parecer estranho, visto que não falava nada sobre a televisão, explicava-se somente pelo texto que aparecia ao seu lado na mesma página: “Um programa para televisores desligados”, de Bahaa Bordoukan. Esta última matéria anunciava a apresentação da peça “O processo” na televisão e, segundo Bourdoukan, pela grandeza de Franz Kafka, os televisores que se mantinham desligados, devido à má qualidade da programação da TV, finalmente iriam funcionar.

No ano em que se comemorou o cinquentenário da morte de Franz Kafka, foram muitas pessoas que se indignaram com a forma pela qual esta data foi ignorada. Nogueira Moutinho, em 02 de junho de 1974, escreveu para a *Folha de S. Paulo* o artigo “No cinquentenário da morte de Kafka”. Neste artigo, para prestar uma homenagem ao escritor, Nogueira Moutinho falou sobre a biografia do escritor, comentando algumas interpretações de suas obras, entre elas a religiosa, a psicanalítica e a surrealista. Moutinho se preocupava com a recepção de Franz Kafka, apontando como fora interpretado até aquele momento.

No dia 05 de junho de 1974, a *Folha* publicou “Tchecoslováquia ignora Kafka”, que tratava da indiferença da imprensa tcheca com relação ao seu mais famoso

escritor. O autor do texto dizia que o êxito das obras de Kafka estava intimamente ligado ao poder político: a recepção estava diretamente ligada à liberdade e abertura cultural.

O artigo “Tchecoslováquia reabilitará Kafka?”, de 07 de junho de 1974, tomava como ponto de partida um artigo escrito por Reinhard Weisbach publicado na Revista *Tvorba*. Neste ensaio, Weisbach afirmava que, para a Alemanha, Kafka estava relacionado à reação contra a burguesia. O ensaísta, na década de 70, apresentou o primeiro artigo no qual defendia a crítica hermenêutica, afirmando que Kafka não poderia ser lido de uma única forma. Segundo ele, havia muitas maneiras de se trabalhar com os seus textos, como defendia a hermenêutica, mas se existia a possibilidade de múltiplas interpretações, também havia um limite para estas interpretações: elas deveriam se prender ao texto literário e não fugir ao que fora realmente escrito pelo autor.

Ajudando a reforçar esta idéia de reabilitação de Franz Kafka, o artigo “Revista Soviética edita Kafka”, da *Folha de S. Paulo*, em 03 de setembro de 1974, afirmava que a revista se comprometia a publicar *O castelo*, de Franz Kafka. Esta matéria, muito breve, falava pouco sobre Franz Kafka.

Na década de 80, 28 artigos sobre Kafka foram publicados, sendo nove sobre os contos de Kafka, além de 43 referências (conferir Anexo III).

ARTIGOS ESPECÍFICOS SOBRE O ESCRITOR
• (?) George Love mostra Kafka, aos pedaços. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 13 jan. 1980, n. 18547, p. 47. (artes plásticas) • (?) O que Kafka escreveu à irmã. <i>Folha de S. Paulo</i>. 07 mar. 1980. (crítica literária) • LOUZADA FILHO, O. C. A fome de verdade. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 27 out. 1980, n. 188835, p. 22. (crítica literária) • CASTRO, M. W. de. Kafka, entre a angústia e a alienação. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 27 dez. 1981, n. 19261, p. 33. (crítica literária) • (?) Xilogravura, outra linguagem para a obra de Franz Kafka. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada.

08 out. 1982, n. 19546, p. 44. (artes plásticas)

- (?) A biblioteca de Kafka. *Folha de S. Paulo*. 17 jan. 1983. (notícia)
- FRANCIS, P. A sociedade opressiva em Franz Kafka. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada. 02 jul. 1983, n. 19813, p. 47. (crítica literária)
- KAFKA, F. Uma mensagem imperial. *Folha de S. Paulo*. Folhetim. 03 jul. 83, n. 19814, p. 2.
- KAFKA, F. Um golpe na porta do solar. *Folha de S. Paulo*. Folhetim. 03 jul. 83, n. 19814, p. 3.
- KAFKA, F. A partida. *Folha de S. Paulo*. Folhetim. 3 jul. 83, n. 19814, p. 5.
- KAFKA, F. Comunidade. *Folha de S. Paulo*. Folhetim. 3 jul. 83, n. 19814, p. 5.
- KAFKA, F. Desista! *Folha de S. Paulo*. Folhetim. 3 jul. 83, n. 19814, p. 5.
- KAFKA, F. O abutre. *Folha de S. Paulo*. Folhetim. 3 jul. 83, n. 19814, p. 5.
- KAFKA, F. O passageiro. *Folha de S. Paulo*. Folhetim. 3 jul. 83., n. 19814, p. 5.
- KAFKA, F. Pequena fábula. *Folha de S. Paulo*. Folhetim. 3 jul. 83, n. 5.
- KAFKA, F. Diante da lei. *Folha de S. Paulo*. Folhetim. 3 jul. 83., n. 19814, p. 12.
- CARONE, M. Contos de fadas para dialéticos. *Folha de S. Paulo*. Folhetim. 3 jul. 1983, n. 19814, p. 4. (crítica literária)
- CARPEAUX, O. M.. Meus encontros com Kafka. *Folha de S. Paulo*. Folhetim. 3 jul. 1983, n. 19814, p. 6-7. (crítica literária)
- COELHO, R. Kafka no mundo atual. *Folha de S. Paulo*. Folhetim. 3 jul. 1983, n. 19814, p. 8-9. (crítica literária)

- BOLLE, W. O processo da literatura. *Folha de S. Paulo*. Folhetim. 3 jul. 83, n. 19814, p. 10. (crítica literária)
- RANGEL, F. Festejos. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada. 03 jul. 1983, n. 19814, p. 59. (notícia)
- AUGUSTO, S. O profeta Kafka, um realista. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada. 03 jul. 1983, n. 19814, p. 64. (crítica literária)
- (?) A Unesp comemora o centenário de Kafka. *Folha de S. Paulo*. 6 jun. 1983. (notícia)
- SANTAYANA, M. Chão e tempo. *Folha de S. Paulo*. 14 jul. 1983.
- GUINSBURG, J. Religião e religiosidade em Kafka. *Folha de S. Paulo*. 28 ago. 1983. (crítica literária)
- AUGUSTO, S. No Rio, ciclo de palestras sobre Kafka. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada. 11 nov. 1983, n. 19945, p. 42. (notícia)
- BORGES, J. L. Os cem anos de Kafka. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada. 10 dez. 1983, n. 19974, p. 49. (crítica literária)
- (?) Termina ano de Kafka. *Folha de S. Paulo*. 28 dez. 1983. (notícia)

Depois de seis anos de silêncio, a *Folha de S. Paulo* voltou a publicar textos, especificamente, dedicados ao escritor Franz Kafka. Em 1980 saíram três artigos. O primeiro, em 13 de janeiro, sob o título de “Georg Love mostra Kafka aos pedaços”, tratava de uma exposição e não fazia uma tradução literal dos textos

kafkianos, visto que não havia alusões diretas, mas sim estímulos que lembravam o escritor.

O segundo texto deste ano foi escrito em 07 de março, sob o título de “O que Kafka escreveu à irmã”. O tema desta matéria era a obra *Cartas a sua irmã Ottila*, publicada em Paris. As cartas mostravam a concepção de Kafka sobre o cotidiano, suas necessidades e sua relação com as irmãs. O autor do artigo, não identificado, retomava uma das críticas que se fizera em décadas anteriores: a íntima ligação da vida de Kafka com seus textos.

Encerrando o ano, publicou-se “A fome de verdade”, O. C. Louzada Filho, em 27 de outubro, que discutia *Cartas a meu pai*. Segundo o estudioso, “o tratamento artístico do drama pessoal se torna obra de arte e forma de conhecer o mundo”. Louzada Filho, além disso, destacou que era muito bom poder encontrar as *Cartas* nas bancas de jornal, como acontecia no momento, pois um número maior de pessoas poderia ter acesso a elas.

“Kafka, entre a angústia e a alienação”, de Moacir Werneck de Castro, publicado em 27 de dezembro de 1981, discutia o adjetivo kafkiano, que expressava uma atmosfera difusa, associada ao absurdo, ao imprevisível. Kafka, normalmente era associado à angústia do homem moderno, que possuía, como característica imanente, a alienação. Aqui a crítica não tratava especificamente de sua obra literatura, mas sim das definições que o adjetivo kafkiano adquiriu ao longo dos anos, inclusive os já inseridos nos dicionários de língua portuguesa.

A notícia “Xilogravura, outra linguagem para a obra de Franz Kafka”, de 08 de outubro de 1982, falava sobre uma exposição de artes plásticas que se baseava na obra de Kafka.

O ano de 1983, como não podia deixar de ser, foi marcado por um grande número de matérias. Em comemoração ao centenário de nascimento do escritor, o jornal publicou um Suplemento especial. Antes do dia da comemoração, a *Folha de S. Paulo* publicou em 17 de janeiro uma notícia sobre Franz Kafka sob o título “A biblioteca de Kafka”. O artigo informava que, na Alemanha Ocidental, reaparecia a biblioteca do escritor, com cerca de 200 livros. Nela encontravam-se livros, entre outros, de Franz Werfel, Max Brod, Shakespeare e Dostoiévski.

Em 06 de junho de 1983, a *Folha* publicou “A Unesp comemora o centenário de Kafka”. Este artigo anunciava um programa de eventos dedicados a Franz Kafka. O programa, intitulado “Cem anos – Franz Kafka”, que aconteceu em Assis, trazia uma série de eventos, entre os quais palestras, filmes e representação teatral. O mesmo evento foi anunciado por *O Estado de S. Paulo*, a 08 de junho, em uma notícia intitulada “Para lembrar Franz Kafka”.

O mês de comemoração iniciava-se com uma matéria em 02 de junho, escrita por Paulo Francis: “A sociedade opressiva em Franz Kafka”. No artigo, Paulo Francis afirmava que Kafka era “um realista minucioso” e apresentava, ainda, uma forte crítica às interpretações surrealistas: “O suposto surrealismo de Kafka é uma questão de seletividade e de ênfase. Vivemos cercados de absurdos (o melhor exemplo é que comentamos os escândalos da família de amigos, sem notar os da nossa família, a que nos habituamos). Kafka reconhece e recria” (1983, p. 47).

Para ele não há nada de surreal, Kafka somente reconhecia os problemas que o cercavam e se apropriava deles para criar seus textos.

Um questionamento ainda não encontrado em nenhum outro texto analisado até aqui, diz respeito à famosa declaração de Max Brod em relação à queima da obra do amigo. Paulo Francis declarava ter dúvidas sobre o pedido de Kafka e acreditava, na verdade, tratar-se, muito mais, de uma tentativa de chamar à atenção para a obra kafkiana. O escritor, para Francis, era melhor contista que romancista, mas isto tinha sua razão de ser. A sociedade européia estava em decadência e sem sociedade não havia como existir romance: “O conto, com as limitações da forma, capta melhores momentos e nossa vida ética e afetiva hoje é fragmentária e dispersiva. O romance na

linha de abertura social do século dezenove só é possível hoje no Terceiro Mundo, que ainda não se conhece, de todo” (1983, p. 47).

No dia 03 de julho de 1983, o “Folhetim”, da *Folha de S. Paulo*, era dedicado à Franz Kafka. Nas páginas do “Suplemento” encontramos alguns contos de Franz Kafka: “Uma mensagem Imperial”, “Um golpe na porta do solar”, ambos traduzidos por Lúcia Nagib; “O passageiro”, “Pequena fábula”, “Comunidade”, “Desista!”, “A partida”, “O abutre” e “Diante da lei”, por Modesto Carone.

O “Folhetim” seguia com uma matéria de Modesto Carone, “Contos de fadas para dialéticos”, na qual o autor se mostrava contrário à idéia de que Kafka poderia ser considerado como um neurótico ou alienado. Diferentemente de Francis, Carone acreditava que foram os romances os melhores textos de Franz Kafka. Seus contos, segundo Carone, funcionavam “como quebra-cabeças para os intérpretes e analistas kafkianos”. Isto justificava, conforme o estudo, a classificação dada por Walter Benjamin: “contos de fadas para dialéticos”.

Um texto muito conhecido de Otto Maria Carpeaux também se encontra neste Suplemento: “Meus encontros com Kafka”. Neste artigo, Carpeaux narrou, passo a passo, todos os seus encontros com o escritor em Berlim. O famoso crítico relatou que, ao entrar na Biblioteca Nacional e não encontrar nenhum título de Kafka, Carpeaux conversou com o bibliotecário, o qual confessara não conhecer Franz Kafka. Saiu dali com uma mistura de tristeza e alegria: tristeza por perceber que tanto tempo se passou sem conhecerem Kafka e alegria por não ter sido tratado de maneira severa pelo bibliotecário.

Ruy Coelho escreveu “Kafka no mundo atual”, no qual se mostrava encantado com a lexicalização de Kafka. Mesmo quem nunca leu nenhuma obra do

escritor sabe o que quer dizer universo kafkiano: “[...] mundo de opressão e angústia, em que a personagem central, único foco de lucidez, anda em círculos, sem poder entender as diretrizes que emanam de um horizonte impenetrável, e que fixam seu âmbito de ação e seu destino” (COELHO, 1983, p. 8).

Ruy Coelho falou sobre três linhas de análises do texto kafkiano: a interpretação psicológica, a metafísica e a filosófica. O principal na obra de Kafka, para o autor deste artigo, era o ataque à tradição e à modernização do romance.

Para encerrar o “Folhetim”, Willi Bolle, com o texto “O processo da literatura” destacava que a obra de Kafka era um “elemento transformador e crítico da literatura de língua alemã”. Walter Benjamin foi citado neste artigo como especialista em Kafka, juntamente com Max Brod, Bertolt Brecht, Adorno e Lukács. O artigo afirmava que o único seguidor de Kafka na literatura alemã era Peter Schneider.

Mesmo fora deste Suplemento especial, encontramos “Festejos”, de Flávio Rangel, também do dia 03 de julho. Para Rangel, Kafka passou muitos anos sendo considerado um escritor maldito. Diferentemente do que vimos em outros artigos, ele defendia a idéia de que Kafka nada tinha de absurdo, porque era um escritor realista. Para provar o quanto era real a prosa de Kafka trazia o termo kafkiano para a realidade financeira do país e dizia que somente ele poderia explicar a inflação brasileira.

O último artigo neste dia, na *Folha de S. Paulo*, foi “O profeta Kafka, um realista”, de Sérgio Augusto. Assim como Ruy Coelho, Sérgio Augusto falava sobre o adjetivo kafkiano, o qual se encontrava, até mesmo, no dicionário *Aurélio*, significando um labirinto de pesadelos e terror. Além da adjetivação, Sérgio Augusto considerava Kafka um profeta, por ter previsto o Holocausto em seu trabalho “A metamorfose”.

Ainda no mês de julho de 1983, a *Folha de S. Paulo* trazia “Chão e tempo”, de Mauro Santayanna, que afirmava que, se Kafka tivesse nascido em qualquer outra cidade, também seria um grande escritor, mas não apresentaria as mesmas obras. Para ele, o ambiente foi essencial para a prosa kafkiana, que foi um escritor de seu tempo e seu espaço.

Jorge Luis Borges escreveu o penúltimo artigo selecionado para este trabalho: “Os cem anos de Kafka”, no dia 10 de dezembro. Ele iniciava o seu texto contando ao leitor como havia conhecido a prosa kafkiana e afirmava que ele poderia ser lido de forma atemporal.

Encerrando o ano de 1983 e também o nosso estudo, encontramos o texto “Termina o ano de Kafka”, sem autor. Em um breve texto, de somente 12 linhas, o autor declarava encerrado o ano que se dedicava ao escritor e aqui está a delimitação final do período que abrange esta pesquisa.

5 FRANZ KAFKA ENTRE O RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

Após a apresentação das matérias encontradas nos jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, faz-se necessário um balanço destes textos. Já sabemos que alguns dos jornais pesquisados foram os responsáveis pelo maior número de artigos sobre o escritor. Falta-nos, portanto, avaliar os textos citados nos capítulos anteriores, com a finalidade de estabelecer uma breve discussão sobre qual teria sido o motivo da leitura mais freqüente de Franz Kafka, em um determinado período e, ainda, apontar o Estado no qual mais se escreveu a respeito do autor.

Entre 1941 e 1983, no Rio de Janeiro, encontramos 95 matérias que falavam especificamente sobre Kafka, além de outras que apenas faziam referência ao escritor. Ainda que o *Correio da Manhã* tenha sido o periódico com menos tempo de duração e, conseqüentemente, com menor tiragem, foi nele que observamos o maior número de matérias no Rio de Janeiro: 56 títulos. As 39 matérias restantes estão em o *Jornal do Brasil*, como mostra o gráfico a seguir:

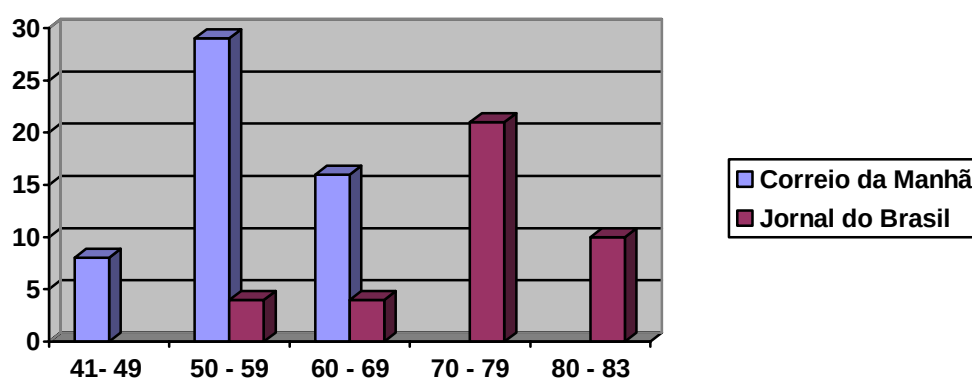


Figura 1 – Matérias sobre Kafka no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Brasil*

No Rio de Janeiro, em um primeiro momento, encontramos artigos que falavam sobre Kafka somente no *Correio da Manhã*. Como já se comentou anteriormente, neste jornal apareceu a primeira matéria da imprensa brasileira sobre esse escritor. O responsável pela introdução do escritor tcheco no Brasil foi Otto Maria Carpeaux que, exilado em nosso país, trabalhou na edição deste jornal, produzindo artigos sobre literatura. Na introdução deste trabalho, vimos, ainda, que Antonio Candido afirmara que desde 1939 já se falava sobre o escritor no Brasil, mas, como se tratava, tão somente, de uma discussão literária entre amigos, nada ficou documentado.

Na década de 40, o autor que mais escreveu sobre Franz Kafka foi Otto Maria Carpeaux e as obras mais citadas neste período foram *O processo*, lembrado em dois artigos diferentes e *O castelo*, comentado em um único texto. As outras matérias limitavam-se a uma análise geral da obra do escritor, sem se deter ou citar, mais especificamente, quaisquer de seus trabalhos.

Em se tratando do momento de apresentação da prosa kafkiana ao Brasil, é evidente que foi Otto Maria Carpeaux quem determinou a linha de interpretação dos textos. Poucas eram as pessoas que haviam estudado a obra de Kafka no nosso país. A visão mais comum era aquela que estabelecia uma ligação entre a obra desse escritor e os problemas sociais, em outras palavras, a influência da realidade na prosa kafkiana.

A ausência de matérias publicadas no *Jornal do Brasil*, entre 1941 e 1949 pode ser entendida, justamente, por essa falta de conhecimento que os críticos literários brasileiros tinham a respeito do tema Franz Kafka. O que nos causou estranheza e nos fez refletir um pouco mais, foi a permanência desse vazio, desse silêncio sobre o escritor, que se estendeu até 1957. Trata-se, seguramente, de um

período muito grande sem nenhum comentário sobre um escritor que já se fazia conhecer no Brasil a mais de uma década.

A década de 50, no Rio de Janeiro, foi o momento em que mais se falou sobre Franz Kafka: 30 matérias no *Correio da Manhã* e quatro no *Jornal do Brasil*. O aumento de críticas sobre Kafka no *Correio da Manhã* foi considerável, passou de quatro, produzidas na década anterior, para 30. O outro periódico carioca seguiu com poucos textos sobre o escritor, quatro ao todo. Dentre os autores que mais escreveram sobre Kafka no *Correio da Manhã* está Otto Maria Carpeaux, com dois títulos diferentes. No *Jornal do Brasil* nos deparamos com quatro artigos de diferentes autores.

Nos dois jornais cariocas, a obra mais citada de Kafka é *O processo*. A referência a este romance, no *Correio da Manhã*, deu-se 16 vezes, enquanto que no *Jornal do Brasil* ocorrera, somente, duas vezes. O segundo mais citado foi *O castelo*: oito vezes no *Correio da Manhã* e duas no *Jornal do Brasil*. O terceiro lugar nas citações ficou, para o conto “A metamorfose”, no *Correio da Manhã*, e no outro jornal esta posição se dividiu entre *Amerika*, “Um artista da fome”, “Relatório de uma academia”, “A metamorfose” e *Diários*.

Neste período, a maioria dos textos que se produziram no Rio fizeram ou uma análise sobre os títulos mais lidos de Kafka, naquele momento, ou uma análise das adaptações kafkianas para o teatro. A prosa de Franz Kafka, ao ser analisada de maneira mais específica, além de mostrar uma relação entre as histórias kafkianas e a sociedade moderna, mostrou também o quanto ela se fazia influenciar pelos problemas de relacionamento entre Kafka e sua família e, principalmente, entre ele e o pai.

Por conta dos problemas que começavam a surgir no *Correio da Manhã* na década de 60, o jornal diminui seu número de artigos sobre o escritor tcheco que, então, passaram de 30 para 17. Ainda neste período, o *Jornal do Brasil* se manteve com quatro artigos diferentes sobre Franz Kafka. Carpeaux apresentou, no *Correio da Manhã*, mais três matérias sobre o mesmo escritor, seguido de Eugênio Gomes que nos apresentou dois títulos diferentes. A seqüência de referências às obras de Franz Kafka se manteve a mesma. No *Correio da Manhã* encontramos *O processo*, que apareceu citado sete vezes, seguido por *O castelo*, cinco vezes, por fim, “A metamorfose” e “A colonial penal”, com duas aparições cada uma. Já no *Jornal do Brasil*, algumas obras: *O processo*, *Diários*, *Carta ao pai* e *O castelo*, foram citadas uma única vez cada.

O enfoque dado pela crítica à produção de Franz Kafka, desde o primeiro texto, não difere. Tanto no *Correio da Manhã*, como no *Jornal do Brasil*, os que analisam as obras do escritor vêem em seus textos uma forte relação entre os enredos e a sua própria vida, seja no convívio familiar seja no convívio social.

Durante os anos 70, no Rio de Janeiro, somente encontramos 21 artigos sobre Franz Kafka. O *Correio da Manhã*, nada mais trazia sobre o autor. Como já vimos, o jornal mudou de dono e seu objetivo passou a ser puramente político. Em contrapartida, com relação ao *Jornal do Brasil*, este foi o período no qual mais apareceram matérias sobre Kafka. Neste momento, Yan Michalski, grande representante da área teatral, foi o responsável por quatro das 21 matérias ali publicadas.

As obras kafkianas mais discutidas nestes artigos mantiveram-se na mesma ordem apresentada em anos anteriores: *O processo* é o mais citado, com oito entradas; na seqüência, aparecem “A metamorfose” e *O castelo*, com cinco citações cada um deles; e,

finalmente, *Carta ao pai* e *O veredicto*, com quatro citações. As críticas apresentadas sobre estes textos possuem maior variedade: encontramos uma visão existencialista, agregada às críticas psicanalítica e psico-social, já vistas nos capítulos anteriores.

Durante a década de 80, nossa pesquisa se limitou aos três primeiros anos deste decênio e, nota-se que, neste curto espaço de tempo analisado, o *Jornal do Brasil* publicou 10 artigos sobre Kafka. Destas 10 matérias, Wilson Martins e Leonardo Froes assinaram dois textos diferentes cada um. *O processo* ainda continuou sendo o mais analisado, com oito inserções, “A metamorfose” o segue, com quatro e *O castelo* e *Diários*, aparecem com três. Ao analisar os textos kafkianos, alguns críticos inovaram neste momento, se antes havia uma visão, predominantemente, psico-social e existencialista, nos anos 80, eles buscaram o lado humorístico daqueles textos.

Após este balanço do Rio de Janeiro, iniciaremos a análise dos dados que se referem ao estado de São Paulo. Nesta região encontramos um maior número de textos sobre o autor – 138, dos quais 79 encontram-se n’*O Estado de S. Paulo* e os 59 restantes na *Folha de S. Paulo*. Embora, em termos quantitativos, o montante das matérias coletadas deixe transparecer um certo equilíbrio, verifica-se, contudo, uma diferença significativa entre ambos em relação ao período em que surgiram as publicações. Para um melhor entendimento, vejamos o gráfico abaixo:

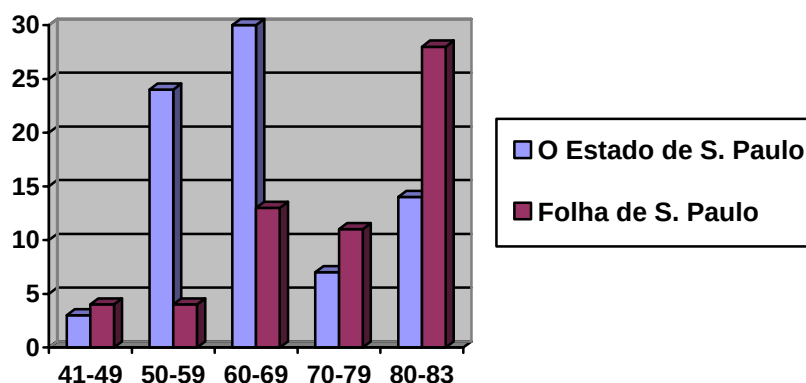


Figura 2 – Matérias sobre Kafka n’*O Estado de S. Paulo* e na *Folha de S. Paulo*

No início da recepção de Franz Kafka em São Paulo, o número de matérias publicadas sobre ele era bem pequeno: três n’*O Estado de S. Paulo* e quatro na *Folha de S. Paulo*. Neste momento, não havia um único autor que se destacasse pelo número de matérias escritas sobre Kafka em nenhum dos jornais paulistas. Também em *O Estado de S. Paulo*, Carpeaux foi o responsável pela primeira matéria sobre Franz Kafka. A maioria dos críticos se prendia, então, à leitura de *O processo*, que nos dois jornais apareceu em duas citações. Em *O Estado de S. Paulo* e na *Folha de S. Paulo*, *O castelo* foi citado uma única vez. O mesmo aconteceu com *Amérika*, que é citada uma vez na *Folha de S. Paulo*. Quanto aos tipos de análises que se fizeram sobre os textos kafkianos, destacavam-se as críticas de caráter existencialista e psico-social.

O aumento dos artigos sobre o escritor na década de 50 foi considerável, somente n’*O Estado de S. Paulo* foram 24, ao passo que a *Folha* se manteve com quatro artigos. Dentre os responsáveis pelo maior número de matérias sobre o escritor, encontramos Lúcia Miguel Pereira com três títulos diferentes para *O Estado de S. Paulo*, juntamente com Jules Klansfer, que produziu outras duas matérias. Na *Folha de S. Paulo* foram quatro os autores que assinaram cada um, um artigo. Estes críticos também seguiam a linha dos anteriores na hora da escolha da prosa kafkiana a ser analisada. N’*O Estado de S. Paulo*, *O processo* foi citado três vezes, *O castelo* duas e “O silêncio das sereias”, *Cartas à Milena*, *Diário*, *Carta ao pai*, “Preparativos para uma boda no campo”, uma única vez. *O processo* também foi o mais citado na *Folha de S. Paulo*, aparecendo três vezes, seguido de *O castelo* e “A metamorfose”, que apareceram duas vezes cada um e, ainda, “Na colônia penal”, “O veredicto” e *Amérika*, destacados em uma única matéria. A linha crítica ainda se mantinha a

mesma, existencialista e psico-social, mas aparecia, também, uma linha surrealista, que falava sobre o absurdo, presente na prosa kafkiana.

Posteriormente, entre 1960 e 1969, os periódicos de São Paulo falaram ainda mais sobre Franz Kafka: *O Estado de S. Paulo* publicou 30 artigos e a *Folha de S. Paulo*, 13. Dentre estes 43 artigos encontrados, Otto Maria Carpeaux, uma vez mais, destacou-se com quatro matérias diferentes em *O Estado de S. Paulo*. Nos textos encontrados, percebe-se, assim como nos anos anteriores, uma preferência por *O processo*, comentado 19 vezes em *O Estado de S. Paulo* e sete vezes na *Folha de S. Paulo*. O Castelo foi o segundo mais citado nos dois jornais: 12 e duas vezes, respectivamente. *O Estado de S. Paulo*, na seqüência destacou “A metamorfose” com nove entradas e a *Folha de S. Paulo* colocou vários textos na terceira posição dos livros mais citados, com uma inserção cada: “O veredicto”, “A metamorfose”, “Na colônia penal”, *Cartas à Felice*, “A grande muralha da China”, “Diante da lei”, “O artista do Trapézio” e “A sentença”. O enfoque principal dado às críticas foi o surrealismo.

Os anos 70 foram marcados por uma diminuição de matérias dedicadas ao escritor nos dois jornais. A maior queda se evidenciou em *O Estado de S. Paulo*, se antes eram 30 as matérias encontradas, agora elas se reduziam a apenas sete. Na *Folha de S. Paulo* esta redução foi menor, passaram de 13 para 11. É justamente a partir de 1969 que Otto Maria Carpeaux deixa de publicar suas matérias nos periódicos estudados neste trabalho. Carpeaux era colaborador de *O Estado de S. Paulo* que, até este momento, era o jornal que mais publicava sobre Franz Kafka em São Paulo. Com a ausência do crítico, a *Folha de S. Paulo* passou a ter mais artigos dedicados ao

escritor tcheco. Os autores que começaram a escrever n’*O Estado de S. Paulo*, e que não eram nomes conhecidos dentro da crítica literária, assinaram somente um texto cada um. No outro periódico, três textos diferentes pertenceram a Nogueira Moutinho, integrante da Academia Paulista de Letras. Em *O Estado de S. Paulo*, *O processo* ainda se manteve no primeiro lugar entre os livros mais citados, com quatro inserções, juntamente com “A metamorfose”. Esta posição, na *Folha de S. Paulo*, foi alterada, “A metamorfose” tornou-se a primeira colocada com cinco citações, seguidas por *O processo* e *O castelo*, destacados quatro vezes cada um. A segunda posição de *O Estado de S. Paulo* foi *O castelo*, três inserções. O terceiro texto mais citado em *O Estado de S. Paulo* foi “Na colônia penal”, que apareceu duas vezes e na *Folha de S. Paulo* foram *Cartas ao pai* e *Amérika*, com duas matérias que citavam a obra.

Durante os três primeiros anos da década de 80, Franz Kafka foi novamente destacado nos periódicos paulistas. *O Estado de S. Paulo* trouxe 14 artigos e a *Folha de S. Paulo*, novamente, publicou mais textos sobre o autor: 28. Nilo Scalzo foi o único a escrever duas matérias diferentes. Carpeaux voltou a escrever para São Paulo, em 1983. N’*O Estado de S. Paulo*, mais uma vez, *O processo* foi o mais citado, com 13 matérias que discorriam sobre ele; na seqüência, *O castelo*, oito textos e, por fim, “A metamorfose”, seis artigos. A *Folha de S. Paulo* trouxe *O processo* em 10 de seus textos, *O castelo* em oito e “A metamorfose” em sete.

Após o estudo dos periódicos do Rio de Janeiro e de São Paulo, em separado, passaremos ao estudo das semelhanças e diferenças entre as críticas presentes neste dois estados. A diferença quantitativa entre as matérias encontradas nos jornais é bem nítida, conforme mostra o gráfico a seguir:

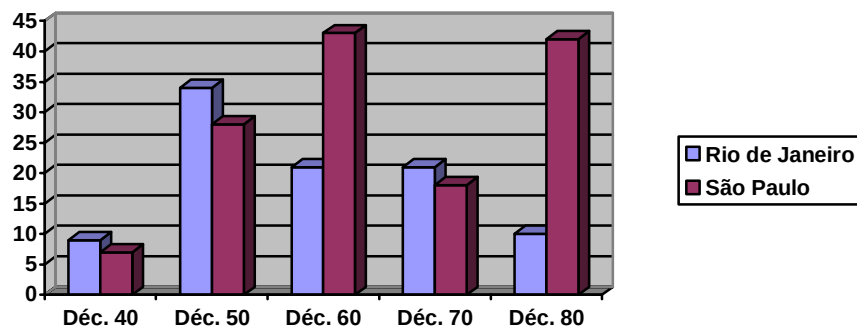


Figura 3 – Matérias sobre Kafka no Rio de Janeiro e em São Paulo

Eduardo Manoel Brito em sua tese *Quando a ficção se confunde com a realidade*, afirma que: “É um fato que o boom das traduções das obras de Kafka ocorreu nos anos da ditadura civil-militar brasileira, especificamente entre a segunda metade da década de 1960 e a primeira da década de 1970” (BRITO, 2006, p. 13). Ao estudarmos as críticas sobre o escritor, notamos que o número de textos começou a aumentar a partir dos anos 50. Nos primeiros anos, considerando os quatro jornais analisados, encontramos um total de 16 matérias críticas. Já, a partir de meados de 1950, este número subiu para 62.

Nas primeiras décadas, o maior número de artigos sobre Franz Kafka se encontrava no Rio de Janeiro. Nos anos 40, foram nove textos nos jornais cariocas e sete nos jornais paulistas. Nos anos 50, o aumento de textos críticos foi bastante significativo: 34 no Rio e 28 em São Paulo. Na década de 60, foi em São Paulo que mais se escreveu sobre Kafka: 43 em São Paulo e 21 no Rio de Janeiro. O foco, nos anos 70, volta para o Rio de Janeiro, que apresenta 21 textos, contra 18 de São Paulo. Entre 1980 e 1983, São Paulo foi responsável por 42 matérias e o Rio de Janeiro por 10.

Inicialmente, a diferença entre os dois Estados foi bem pequena, mas com o tempo, principalmente durante os anos 60 e 80, ela se tornou bastante significativa. O fato é que Otto Maria Carpeaux, o responsável pela introdução dos textos kafkianos no

Brasil, fazia parte da redação do *Correio da Manhã*, por isso as primeiras matérias sobre Kafka no Brasil e o maior número delas, apareceram no Estado do Rio de Janeiro. Até 1960, sendo o Rio de Janeiro a capital do Brasil, o centro cultural brasileiro também se fixava neste Estado. Juscelino Kubitschek, em 1956, deu início à construção de Brasília, que em 21 de abril de 1960, tornou-se a nova capital brasileira. Com esta transferência da capital federal o centro cultural brasileiro também se transferiu e permaneceu em São Paulo, local onde a partir de 1960 encontramos o maior número de artigos sobre Franz Kafka. Neste período a diferença entre o número de textos publicados nos dois Estados chega a dobrar.

Nos anos 70 a diferença entre o número de matérias diminui, para a partir de 1980 novamente crescer. São Paulo, entre 1980 e 1983 chega a publicar quatro vezes mais críticas sobre o escritor tcheco que o Estado do Rio de Janeiro.

Outro importante fator para se discutir a recepção de Franz Kafka em São Paulo, diz respeito à autoria dos textos críticos. Muitos textos, como mostram os gráficos abaixo, não apresentam o nome de quem os escreve.

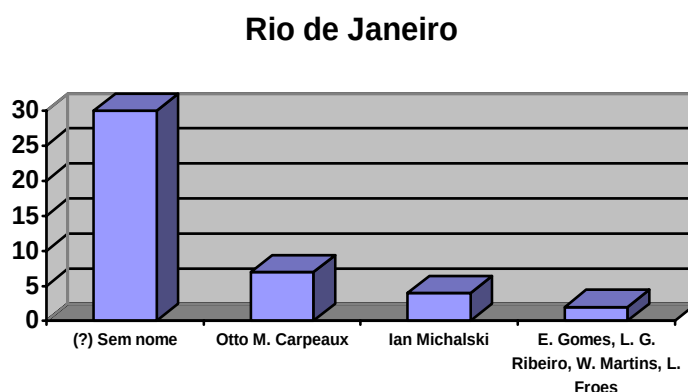


Figura 4 – Críticos do Rio de Janeiro

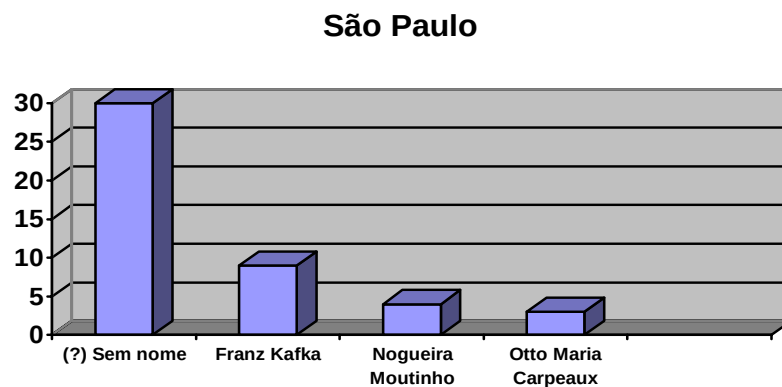


Figura 5 – Críticos de São Paulo

Tanto em São Paulo como no Rio, o número de matérias sem indicação de autor é bem grande. Das 95 matérias encontradas no Rio de Janeiro, 30 aparecem sem autoria. Como era de se esperar, Otto Maria Carpeaux assinou sete textos, seguido por Yan Michalski com quatro, e Eugênio Gomes, Léo Gilson Ribeiro, Wilson Martins e Leonardo Froes, responsáveis por duas matérias cada um. Os outros autores que aparecem nos jornais assinaram um único artigo.

Em São Paulo das 138 matérias escritas, 30 se encontram sem a informação sobre quem as escreveu. Na sequência, é o nome do próprio Franz Kafka que se destaca, com a publicação de nove de seus contos, acompanhado por Nogueira Moutinho, que assina quatro artigos e Otto Maria Carpeaux, responsável por três textos.

Com relação às obras de Franz Kafka mais citadas nos jornais pesquisados, notamos que o primeiro lugar é, de fato, ocupado por *O processo*. Em segundo lugar, encontramos *O castelo*, seguido por “A metamorfose”, “Na colônia penal” e *Carta ao pai*, como mostram os gráficos a seguir.

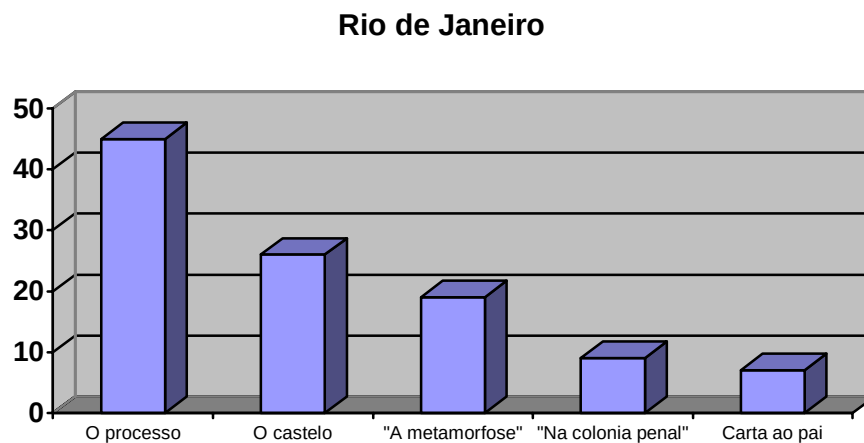


Figura 6 – Obras citadas no Rio de Janeiro

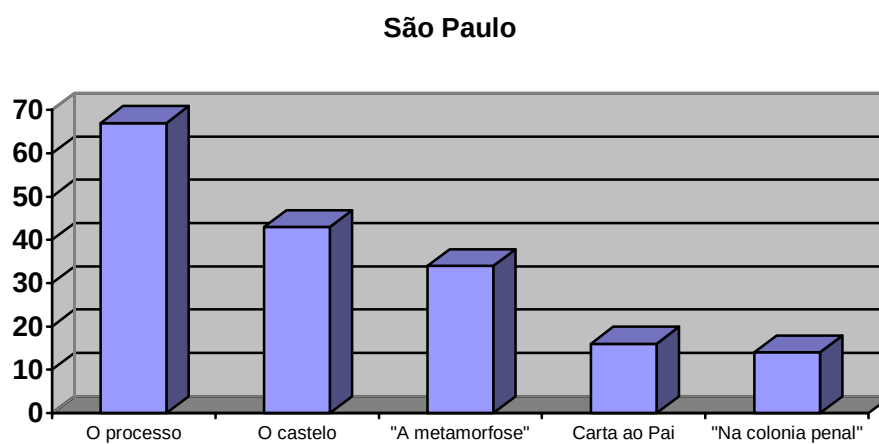


Figura 7 – Obras citadas em São Paulo

Podemos concluir, a partir da análise dos gráficos anteriores, que a recepção de Franz Kafka no Brasil se deu basicamente pelo seu romance *O processo*. No Rio de Janeiro aparecem 45 citações sobre este romance e em São Paulo elas chegam a 67. *O castelo* foi o segundo romance mais lido entre 1941 e 1983, com 26 comentários nos periódicos cariocas e 43 nos paulistas. O terceiro lugar é indiscutivelmente de “A metamorfose”: 19 aparições no Rio de Janeiro e 34 em São Paulo. A quarta e a quinta posição se dividem entre “Na colônia penal” e *Carta ao pai*. No Rio de Janeiro, “Na

colônia penal” aparece em nove artigos diferentes e *Carta ao pai* em sete. Este quadro se inverte em São Paulo, com 16 artigos que falam sobre *Carta ao pai* e outros 14 sobre “Na colônia penal”.

Se, por um lado, as obras kafkianas citadas nos artigos não diferiam muito, por outro, o estilo das críticas também não mostrou muitas diferenças. Fundamentalmente, o principal enfoque adotado foi aquele que nos mostrou a capacidade do autor em representar a realidade contemporânea nos seus textos. A discussão sobre a necessidade que o ser humano tem em se adaptar ao absurdo do mundo moderno foi uma constante da crítica existencialista, a mais executada nas matérias que se encontraram nos jornais estudados. Em alguns casos, deparamo-nos também com a bio-crítica, a crítica psicanalítica e, ainda, a surrealista. Os reflexos dos problemas familiares entre Kafka e o seu pai foram debatidos, à exaustão, em vários artigos estudados. Muitos foram os críticos que afirmaram ser a angústia e o sofrimento, presentes na prosa kafkiana, não somente um fruto dos problemas sociais, mas também uma consequência das difíceis relações entre o autor e sua família.

Ao finalizarmos este capítulo, ressaltamos que a principal diferença na recepção de Franz Kafka em São Paulo e no Rio de Janeiro está na quantidade das matérias publicadas. Em contrapartida, podemos afirmar que a base teórica utilizada na interpretação da prosa kafkiana, bem como os textos escolhidos para os trabalhos de crítica são, praticamente, os mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Franz Kafka, escritor tcheco de nascimento, introduzido por Otto Maria Carpeaux no Brasil em 1941, por meio do jornal *Correio da Manhã*, foi e continua sendo uma grande referência em nosso país. Muito se escreveu sobre ele e diversas foram as interpretações de seus textos.

No tocante a essas interpretações, pudemos perceber que, durante a década de 40, duas foram as linhas seguidas para se analisar as obras de Franz Kafka: a existencialista e a psicanalítica. A primeira delas se caracteriza pela tendência a encontrar reflexos da literatura na sociedade, acreditando-se, portanto, que o valor literário reside na eficácia com que o escritor saiba interpretar os ideais de sua classe e refletir, na sua obra, o seu ambiente histórico, social e econômico. A segunda forma de interpretação acredita que os textos literários e sua qualidade se definem pelo efeito que causam no receptor, efeito este que reproduz pulsões, desejos e ideologias do seu criador.

Na década de 50, inicialmente, deu-se continuidade a essas mesmas linhas críticas, ou seja, à existencialista e à psicanalítica. Ao longo dos anos, os críticos literários começaram a utilizar a “crítica biográfica”, acreditando que a vida do autor havia influenciado diretamente na produção da sua obra, principalmente no que diz respeito à relação conflituosa estabelecida com a própria família e a presença do judaísmo na sua vida. Ao final deste período, começara a aparecer uma linha que se preocuparia fundamentalmente com a estética dos trabalhos de Franz Kafka e, assim, encerrava-se mais uma década de recepção do escritor.

A década de 60 foi o momento em que houve uma maior diversidade crítica sobre Kafka, possivelmente porque nesse período registrou-se, também, o maior número de publicações sobre o escritor. Na crítica temática, predominantemente, a maior discussão se prendeu ao absurdo presente nos seus trabalhos. Ao se falar deste absurdo, alguns críticos, podendo-se dizer a maioria deles, associavam a prosa kafkiana aos problemas sociais, ao realismo presente em seus textos. Por sua vez, na crítica existencialista, com base na ligação entre o real e a ficção, os autores dos artigos, em ambos os jornais, mostraram-nos o quanto Kafka é atemporal e que, por consequência, seus textos podem ser lidos a qualquer momento, como se fizessem parte da realidade na qual o leitor está inserido.

É curioso observar que após uma década marcada como o *Boom* de Franz Kafka, há uma ausência, na década de 70, de interpretação de suas obras. A maioria dos textos que se apresentaram, para não dizer todos, mostraram-se inconformados com o pouco interesse pela prosa kafkiana. Nem mesmo no cinquentenário de sua morte, ele foi lembrado. Segundo as matérias lidas nos periódicos, este “desprezo” por Kafka não se mostrou somente no Brasil, mas também na Tchecoslováquia.

Fazendo-se um balanço das críticas presentes neste final do período pesquisado, notamos que, entre os anos de 1980 e 1983, as matérias se dividiram da seguinte forma: ligações de Kafka com outros ramos artísticos - cinema, teatro, artes plásticas; homenagens ao escritor, devido ao seu centenário; e críticas existencialistas, que o enquadravam em sua realidade e também à realidade brasileira. Na maioria das vezes, os críticos viram Kafka como um representante do realismo. Para eles, Kafka havia refletido o mundo em que viveu, conseguido falar do mundo contemporâneo e, até mesmo, pareceu fazer previsões com relação ao futuro da humanidade.

Com esta pesquisa pudemos estudar as várias interpretações da prosa kafkiana, além de debater as diferenças entre a recepção de Kafka no Rio de Janeiro e em São Paulo. Basicamente, pudemos concluir que as diferenças quantitativas entre os dois Estados ocorreram no momento em que Brasília se tornou a capital federal, transferindo-se assim o centro cultural que estava no Rio de Janeiro para São Paulo. Especialmente nas décadas de 60 e 80, o número de matérias encontradas em São Paulo foi consideravelmente superior ao encontrado no Rio de Janeiro.

Também pudemos concluir que a presença de Otto Maria Carpeaux foi extremamente importante não só para a recepção de Franz Kafka no Rio de Janeiro, mas também em São Paulo. Muitas matérias assinadas por Carpeaux apareceram primeiro no *Correio da Manhã* e depois n'*O Estado de S. Paulo*. Assim é possível afirmar que Carpeaux divulgou o nome de Franz Kafka nos dois Estados. Com o fechamento do *Correio da Manhã*, encontraram-se matérias também de sua autoria nos jornais paulistas.

A recepção de Franz Kafka já foi estudada em Portugal e na Alemanha. Recentemente, um grupo de pós-graduandos da Universidade de São Paulo (USP) desenvolveu um estudo sobre a recepção de Kafka exclusivamente em São Paulo. Na tentativa de ampliar esta visão, o nosso trabalho procurou traçar um paralelo entre o eixo cultural Rio-São Paulo, acreditando-se que, desta maneira, poderíamos coletar um maior número de amostras das críticas sobre o escritor e, assim, apresentaríamos informações não somente de um Estado, mas também dos principais centros culturais brasileiros.

Esperamos que este trabalho seja um incentivo a outras tantas pesquisas sobre Franz Kafka. Como são várias as possíveis interpretações sobre a sua magnífica obra, é provável que se desenvolvam um número ilimitado de novos estudos. Principalmente, por seu caráter universal e atemporal, há muito que se falar a respeito deste escritor e é importante e necessário que assim se faça.

REFERÊNCIAS

DA PESQUISA

O Estado de S. Paulo. São Paulo – 1941-1983.

Folha de S. Paulo. São Paulo – 1941-1983.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro – 1941-1983

Correio da Manhã. Rio de Janeiro – 1941-1974.

OBRAS DE FRANZ KAFKA

KAFKA, Franz. *A colônia penal*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Exposição do Livro, 1965.

_____. *A metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. *América*. Tradução de Torriero Guimarães. São Paulo: Exposição do Livro, 1965.

_____. *Artista da fome*. Tradução de Modesto Carone. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Carta ao pai*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Cartas à Felice*. Rio de Janeiro: Anima, 1985.

_____. *Cartas à Milena*. Belo Horizonte: Itatiaia, [19-].

_____. *Cartas aos meus amigos*. Tradução de Oswaldo da Purificação. São Paulo: Época editorial, [19-].

_____. *Castelo*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Tema, [196-].

KAFKA, Franz. *Contemplação / O fogueiro*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Contos escolhidos*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Exposição do livro.

_____. *Diários*. Jun. 1921.

_____. *Josefina, a cantora*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Clube do Livro, 1977.

_____. *Médico rural: pequenas narrativas*. Tradução de Modesto Carone. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. *Muralha da China*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Clube do Livro, 1968.

_____. *Na colônia penal*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Na construção da muralha da China*. Tradução de Carmem Santiago Silva. Porto Alegre: Paraula, 1995.

_____. *Narrativas de espólio*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Nas galerias*. Tradução de Flávio R. Kothe. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

_____. *O castelo*. Tradução de Modesto Carone. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *O processo*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. *Parábolas e fragmentos e Cartas à Milena*. Tradução de Geir Campos. São Paulo: Tecnoprint, 1987.

_____. *Sentença*. Tradução de Marques Rebelo. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1973.

_____. *Um artista da fome*. Tradução de Modesto Carone. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

KAFKA, Franz. *Um médico rural*: pequenas narrativas. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Veredicto*. Tradução de Modesto Carone. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DE APOIO

ADORNO, T. W. Anotações sobre Kafka. In: _____. *Prismas*. São Paulo: Ática, 2001. p. 239-270.

_____. Reconciliation under Duress. In: BLOCH, Ernst et al. *Aesthetics and politics*. London: Verso, 1995. p. 151-176.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. No castelo da história só há processos e metamorfoses, sem veredicto final. In: PASSETTI, Edson (Org.). *Kafka-Foucault, em medos*. São Paulo: Ateliê editorial, 2004. p. 13-32.

ANDERS, Gunter. *Kafka: pró e contra*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

ANDRADE, Jéferson de. *Um jornal assassinado*. A última batalha do *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BELLEMIN NOEL, J. *Psicanálise e literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978.

BENJAMIN, Walter. *Benjamin über Kafka*. Frankfurt: Suhrkamp, 1992.

_____. Conversations with Brecht. In: BLOCH, Ernst et al. *Aesthetics and politics*. London: Verso, 1995. p. 87-93.

_____. Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: _____. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 137-164.

_____. O autor como produtor. In: _____. *Obras escolhidas*. Magia, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 120-136.

BLANCHOT, Maurice. Kafka e a exigência da obra. In: _____. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. p. 50-79.

BLANCHOT, Maurice. A leitura de Kafka. In: _____. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 9-33.

BOESCH, Bruno. *História da literatura alemã*. São Paulo: Herder, 1967.

BORGES, Jorge Luis. Franz Kafka. América, narrativas breves. In: _____. *Obras completas IV*. Portugal: Teorema, 1999. p. 459.

_____. La metamorfosis. In: KAFKA, Franz. *La metamorfosis*. Buenos Aires: Louzada, 1938.

_____. Os cem anos de Kafka. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada. 10 dez. 1983, n. 19974, p. 49.

_____. The trial, de Kafka. In: _____. *Obras completas IV*. Portugal: Teorema, 1999, p. 314.

BRECHT, Bertolt. De la literatura checoslovaca moderna. In: _____. *El compromiso en literatura y arte*. Barcelona: Península, 1984, p. 338-339.

_____. Hablando en debida forma de Franz Kafka. In: _____. *El compromiso en literatura y arte*. Barcelona: Península, 1984. p. 55-56.

_____. Um pequeno consejo sobre como confeccionar documento. In: _____. *El compromiso en literatura y arte*. Barcelona: Península, 1984. p. 45-47.

BRITO, Eduardo Manoel de. *Quando a ficção de confunde com a realidade*. 2005. 441f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

BROD, Max. *Kafka*. Buenos Aires: Emecé, 1951.

CAMUS, Albert. A esperança e o absurdo na obra de Franz Kafka. In: _____. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 142-158.

CARPEAUX, Otto Maria. Kafka. In: _____. *As revoltas modernistas na Literatura*. Rio de Janeiro: Ediouro, [19-]. p. 87-91.

CASTRO, Rui. Para o “Correio da Manhã”, com uma lágrima. *O Estado de S. Paulo*. 09 jun. 1976, n. 31046, p. 8.

CLANCIER, A. *Psicoanálisis, Literatura, Crítica*. Madrid: Cátedra, 1976.

COELHO, Ruy. Aspectos sociológicos na obra de Kafka. In: _____. *Textos e estudos de Literatura Alemã*. São Paulo: EDUSP, 1968. p. 162-173.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DIETZ, Ludwig. Drucke Franz Kafka bis 1924. In: KAFKA SYMPOSITION. DTV, München, 1969.

DOOMDEY, Horst H. Kafka na interpretação alemã. In: _____. *Textos e estudos de Literatura Alemã*. São Paulo: EDUSP, 1968. p. 194-208.

EAGLETON, T. *Teoria da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ESTUDOS lingüísticos e literários. Salvador, Universidade Federal da Bahia, n. 2, 1984.

FERREIRA, Agripina Encarnacion Alvarez. *A crítica literária artística de ontem e de hoje*. [apostila não publicada].

FLORY, Suely Fadul Villibor. *O leitor e o labirinto*. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.

FLUSSER, Vilém. Esperando por Kafka. In: _____. *Da religiosidade*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967. p. 59-70.

_____. Praga, a cidade de Kafka. In: _____. *Da religiosidade*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura. 1967. p. 53-58.

_____. Praga, a cidade de Kafka. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento literário. 28 out. 1961, n. 26539, p. 3.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: _____. *Uma criança é espancada/ sobre o ensino da psicanálise nas Universidades e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: 1976. p. 85-124.

FROMM, Erich. O processo, de Kafka. In: _____. *A linguagem esquecida*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964. p. 179-188.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELLER, Erich. *Kafka*. São Paulo: Cultrix, 1974.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: _____. *A literatura e o leitor*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura I*. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *O ato da leitura II*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. O jogo do texto. In: _____. *A literatura e o leitor*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 105-118.

ISQUIERDO, Luiz. *Conhecer Kafka e sua obra*. Lisboa: Editora Ulisseia, [19-].

JASCHKE, Olga Liane Zanotto Manfio. *A recepção crítica de Gustave Flaubert no Brasil*. 2000. 142 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Assis, 2000.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: _____. *A literatura e o leitor*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 63-82.

JORGE, Ruy Alves. *Interpretação de Kafka*. São Paulo: L. Oren, 1968.

KONDER, Leandro. Kafka e nós. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Cultura. 03 jul. 1983, n. 33228, p. 2.

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

LEITE FILHO, Barreto. Na década de 20, a agonia do regime. *Folha de S. Paulo*. 05 jan. 1979, n. 18174, p. 10.

LIMA, Luiz Costa. *Limites da voz: Kafka*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

_____. O leitor demanda (D) a literatura. In: _____. *A literatura e o leitor*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 9-36.

_____. Prefácio à segunda edição. In: _____. *A literatura e o leitor*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 9-36.

LINHARES, Temístocles. Privilégio da crítica. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 28 jun. 1969, n. 28901, p. 4.

LINS, Álvaro. Um novo companheiro. *Correio da Manhã*. 19 abr. 1941, n. 42, p. 2.

LINS, Álvaro. Jornal de crítica. *Correio da Manhã*, 02 abr. 1948, n. 70, p. 2.

LINS, Daniel. Justiça e desejo (falar não é ver). In: PASSETTI, Edson (Org.). *Kafka-Foucault, sem medos*. São Paulo: Ateliê editorial, 2004. p. 103-114.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editorial Presença, 1981.

_____. *Estética*. Barcelona: Grijalbo, 1966. v. II.

_____. *Estética*. Barcelona: Grijalbo, 1966. v. IV.

_____. Franz Kafka ou Thomas Mann? In: _____. *Realismo crítico hoje*. Brasília: Coordenada, 1969. p. 77-133.

MANDELBAUM, Enrique. *Franz Kafka: um judaísmo na ponte do impossível*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MAYER, Hans. Kafka ou “pela última vez psicologia”. *Projekt II*, FCL-Assis, n. II, p. 65-73, [19-].

MAZZARI, Marcus Vinicius. Mistério e resistência na literatura de Kafka: *O Castelo* em tradução brasileira. In: *Pandemonium Germanicum*. São Paulo: Humanitas, 2001. n. 5, p. 307-314.

MEDO e solidão habitam “O Castelo”. *O Estado de S. Paulo*. 10 dez. 2000. Cultura, p. D7.

MOISÉS, L. P. *A falência da crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de S. Paulo*. São Paulo: Imprensa, 1980.

MOUTINHO, Nogueira. Kafka, o inclassificável. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada, 04 abr. 1965, n. 13076, p. 2.

NEGREIROS, Gilberto. 1964, fim de um ciclo de crise. *Folha de S. Paulo*. 11 jan. 1979, n. 18180, p. 8.

NUNES, José Horta. Aspectos da forma histórica do leitor brasileiro na atualidade. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 2003. p. 25-46.

OLIVEIRA, José C. Kafka no Detran. *Jornal do Brasil*. Caderno B. 25 set. 1969, p. 2.

PASSETTI, Edson. Pequenas obediências, intensas contestações. In: PASSETTI, Edson (Org.). *Kafka-Foucault, sem medos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. p. 123-137.

PAWEL, Ernst. *O pesadelo da Razão*. Uma biografia de Franz Kafka. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

PEÇA de Kafka. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 27 maio 1967, n. 28256, p. 1.

PRESENTATION IV. In: BLOCH, Ernst et al. *Aesthetics and politics*. London: Verso, 1995. p. 142-150.

RIBEIRO, Leo Gibson. O mundo demoníaco de Kafka. In: _____. *Cronistas do absurdo*. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1967. p. 14-42.

ROBBE-GRILLET, Alain. *Por um novo romance*. São Paulo: Nova Crítica, 1969.

RODRIGUES, Carolina. Sentido, interpretação e história. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 2003. p. 47-58.

RODRIGUES, Thiago. Uma mecânica da dor: Kafka, Foucault e o horror ao horror. In: PASSETTI, Edson (Org.). *Kafka-Foucault, sem medos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. p. 157-176.

ROSENFELD, Anatol. Kafka e o romance moderno. In: _____. *Textos e estudos de Literatura Alemã*. São Paulo: EDUSP, 1968. p. 173-193.

_____. Kafka e os kafkianos. In: _____. *Texto/contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 225-262.

_____. Kafka redescoberto. In: _____. *Letras e leitura*. São Paulo: EDUSP, 1994. p. 33-39.

SARTRE, Jean. Paul. *O que é literatura?* São Paulo: Ática, 1989.

SCHOLEM, Gershom. *Walter Benjamin*. Historia de una amistad. Barcelona: Península, 1987.

SILVA, Telma Rodrigues da. Referências da leitura para o leitor brasileiro na imprensa escrita. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 2003. p. 171-187.

SIMÃO Salim, 50 anos de jornalismo. *Jornal do Brasil*. Caderno B. 16 nov. 1980, n. 222, p. 10.

SODRE, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SPERBER, George Bernard. Franz Kafka: Raízes. *Pandemonium Germanicum*. São Paulo: Humanitas, 1997.

STEINER, George. Um comentário sobre *O Processo* de Kafka. In: _____. *Nenhuma paixão desperdiçada*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 243-255.

STIERLE, Kaelheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais. In: _____. *A literatura e o leitor*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 133-187.

TEXTOS e estudos de literatura alemã. São Paulo: EDUSP, 1968.

THEODOR, Erwin. Kafka, o autor. In: _____. *Textos e estudos de Literatura Alemã*. São Paulo: EDUSP, 1968. p. 149-162.

_____. Kafka em interpretação alemã. *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 12 jan. 63, n. 26708, p. 4.

VILAS-BOAS, Gonçalo; FERREIRA, Zaida Rocha (Org). *Kafka*. Perspectivas e leituras do universo kafkiano. Porto: Telles da Silva, 1984.

WALSER, Martin. *Descripción de una forma*. Buenos Aires: SUR, 1969.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ANEXOS

ANEXO I

HYPERION

EINE ZWEIMONATSSCHRIFT
HERAUSGEGEBEN VON FRANZ
BLEI & CARL STERNHEIM



MÜNCHEN 1908
HANS VON WEBER-VERLAG

Folha de rosto da revista *Hyperion*, em cujo primeiro número, em 1908, Kafka publicaria seu relato "Betrachtung", apresentado no índice como "Betrachtungen". (Exemplar da Bayer Staatsbibliothek, Munique, a que agradecemos pela reprodução)

DAS ERSTE HEFT:

Rainer Maria Rilke: Gedichte — Hugo von Hofmannsthal: Das Bergwerk zu Falun, der letzte Akt — Heinrich Mann: Gretchen, eine Novelle — Carl Schüddekopf: Goethe u. Jacobis Woldemar — Goethe: Die Parodie auf den Woldemar — Wilhelm von Scholz: Gedichte — Franz Blei: Katholische Meditation — Carl Sternheim: Don Juan, der Tragödie erster Akt — Peter Heyden: Wege der Liebe — Emile Verhaeren: Le Départ, deutsch von Ludwig Scharf — Franz Kafka: Betrachtungen — Julius Meier-Graefe: Romreise — Hans von Guenther: Die Zehn Sonette von den Frauen — Lichtdruck nach einer aquarellierten Zeichnung von Goya — Lichtdruck nach einer Studie von Hans von Marées — Sieben Lichtdrucktafeln nach Zeichnungen in Kreide und Feder von Max Mayrshofer — Handkolorierter Zinkdruck nach einer farbigen Zeichnung »Schlafende« von Constantin Somoff — Zinkdruck in Purpur nach einer Zeichnung »Judith« von Th. Th. Heine — Handkolorierter Lichtdruck nach einer farbigen Zeichnung »Puppenfee« von Pascin

Redaktionelle Mitteilungen.

LIMA, Luiz Costa. *Limites da voz: Kafka*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 22-23.

ANEXO II

FRANZ KAFKA: BETRACHTUNG.

Es ist möglich, daß einige Leute Mitleid mit mir haben, aber ich spüre nichts davon. Mein kleines Geschäft erfüllt mich mit Sorgen, die mich innen an Stirne und Schläfen schmerzen, aber ohne mir Zufriedenheit in Aussicht zu stellen, denn mein Geschäft ist klein.

Für Stunden im voraus muß ich Bestimmungen treffen, das Gedächtnis des Hausdieners wachhalten, vor befürchteten Fehlern warnen und in einer Jahreszeit die Moden der folgenden berechnen, nicht wie sie unter Leuten meines Kreises herrschen werden, sondern bei unzugänglichen Bevölkerungen auf dem Lande.

Mein Geld haben fremde Leute; ihre Verhältnisse können mir nicht deutlich sein; das Unglück, das sie treffen könnte, ahne ich nicht, wie könnte ich es abwehren. Vielleicht sind sie verschwenderisch geworden und geben ein Fest in einem Wirtshausgarten und andere halten sich für ein Weibchen auf der Flucht nach Amerika bei diesem Feste auf.

Wenn nun am Abend eines Werketages das Geschäft gesperrt wird und ich plötzlich Stunden vor mir sehe, in denen ich für die ununterbrochenen Bedürfnisse meines Geschäftes nichts werde arbeiten können, dann wirft sich meine am Morgen weit vorausgeschickte Aufregung in mich, wie eine zurückkehrende Flut, hält es aber in mir nicht aus und ohne Ziel reißt sie mich wieder mit.

Und doch kann ich diese Laune gar nicht benützen und kann nur nach Hause gehn, denn ich habe Gesicht und Hände schmutzig und verschwitz, das Kleid fleckig und staubig, die Geschäftsmütze auf dem Kopf und von Kistennägeln zerkratzte Stiefel. Ich gehe dann wie auf Wellen, klappere mit den Fingern beider Hände und mir entgegenkommenden Kindern fahre ich über das Haar.

Aber der Weg ist zu kurz. Gleich bin ich in meinem Hause, öffne die Lifttür und trete ein.

Ich sehe, daß ich jetzt und plötzlich allein bin. Andere, die über Treppen steigen müssen, ermüden dabei ein wenig, müssen mit eilig atmenden Lungen warten, bis man die Tür der Wohnung öffnen kommt, haben dabei einen Grund für Ärger und Ungeduld, kommen jetzt ins Vorzimmer, wo sie den Hut aufhängen, und erst bis sie durch den Gang an einigen Glastüren vorbei in ihr eigenes Zimmer kommen, sind sie allein.

Ich aber bin gleich allein im Lift und schaue auf die Knie gestützt in den schmalen Spiegel. Als der Lift sich zu heben anfängt, sage ich:

»Seid still, tretet zurück, wollt ihr in den Schatten der Bäume, hinter die Draperien der Fenster, in das Laubengewölbe?«

Ich rede mit den Zähnen und die Treppengeländer gleiten an den Milchglasscheiben hinunter wie stürzendes Wasser.

»Fliehet weg, euere Flügel, die ich niemals gesehen habe, mögen euch ins dörfliche Tal tragen oder nach Paris, wenn es euch dorthin treibt.

Doch genießet die Aussicht des Fensters, wenn die Prozessionen aus allen drei

ANEXO III – Referências a Kafka

Rio de Janeiro

Correio da Manhã

Década de 40

• LINS, Álvaro. Um novo companheiro. <i>Correio da Manhã</i> . 19 abr. 1941, p. 2.
• LINS, Álvaro. Poesia e crítica. <i>Correio da Manhã</i> . 27 mar. 1943, p. 3.
• LINS, Álvaro. Poesia e crítica. <i>Correio da Manhã</i> . 03 abr. 1943, p. 3.
• KAFKA, Franz. A porta da lei. Trad. A.C.M. <i>Correio da Manhã</i> . 2ª seção. 18 ago. 1946, p. 1.
• CONDE, José. Mulheres e o romance. <i>Correio da Manhã</i> . 2ª seção. 05 jan. 1947, p. 1.
• CONDE, José. Conversas com um romancista. <i>Correio da Manhã</i> . 2ª seção. 09 nov. 1947, p. 10.
• KAFKA, Franz. O caçador Graco. Trad. Maria Julieta Drummond. <i>Correio da Manhã</i> . 16 jan. 1949, p. 3.
• FIORANI, Mário. Aspectos de uma crise. <i>Correio da Manhã</i> . 3ª seção. 16 out. 1949, p. 3 e 12.

Década de 50

• (?) Depoimento. <i>Correio da Manhã</i> . 3º caderno. 08 jan. 1950, p. 2.
• PEREIRA, Lúcia M. Símbolo ou fantasia? <i>Correio da Manhã</i> . 22 mar. 1952, p. 2.
• MONTELO, J. Grandeza e miséria do verbalismo. <i>Correio da Manhã</i> . 08 nov. 1952, p. 6.
• (?) História do romance <i>Correio da Manhã</i> . 10 jul. 1953, p. 8. (crítica literária)
• (?) Desenhos para “O processo”. <i>Correio da Manhã</i> . 1º caderno. 25 jul. 1953, p. 6. (artes plásticas)
• (?) Os sinos. <i>Correio da Manhã</i> . 1º caderno. 21 abr. 1954, p. 8.
• MONTEIRO, Adolfo Casais. Entrevista. <i>Correio da Manhã</i> . 1º caderno. 12 ago. 1954, p. 2.

JABA, Van. O que Kafka me contou. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 15 jan. 1955, p. 9.
JORDÃO, Vera Pacheco. Maneco, o byroneano. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 04 fev. 1955, p. 9.
CARPEAUX, Otto Maria. Roma subterrânea. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 31 dez. 1955, p. 8. (crítica literária)
MACHADO, Aníbal M. Entrevista. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 04 fev. 1956, p. 8 e 10.
CARPEAUX, Otto Maria. Belle époque. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 25 fev. 1956, p. 8. (notícia)
(?) A décima praga, de Jones Rocha. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 17 mar. 1956, p. 9.
CARPEAUX, Otto Maria. James Joyce em Trieste. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 21 abr. 1956, p. 8. (crítica literária)
(?) Letras argentinas. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 07 jul. 1956, p.9.
CARPEAUX, Otto Maria. A fragilidade do mundo. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 10 nov. 1956, p. 8. (crítica literária)
RIBERIO, Sérgio. A. Napoleão Muniz Freire. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 16 dez. 1956, p. 16.
OLIVEIRA, Franklin de. Ficção brasileira. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 19 jan. 1957. p. 10. (crítica literária)
KAFKA, Franz. Um sonho. Trad. Marina Amaral Brandão. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 02 fev. 1957, p. 11 e 12. (conto)
PEREZ, Renard. José Geraldo Vieira. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 02 fev. 1957, p. 10.
OLIVEIRA, Franklin de. Romance do Purgatório. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 02 fev. 1957, p.10.
(?) Uma bela época. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 16 fev. 1957, p. 10.
(?) Obras imortais. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 13 fev. 1957, p.12.
(?) Uma sombra que se apaga. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 11 maio 1957, p. 11.
SIMON, Michel. Carta de Veneza. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 18 jan. 1958, p. 10.
PEREZ, Renard. Regionalismo e universalidade do conto brasileiro. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 17 maio 1958, p. 10.
KAFKA, Franz. O artista do trapézio. Sel. Marina Amaral Brandão. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 14 jun. 1958, p. 11. (conto)

• KAFKA, Franz. A metamorfose. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 08 fev. 1959, p. 10. (conto)
• (?) Anotações de um crítico. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 07 jun. 1958, p. 10.
• (?) Inquietação. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 14 jun. 1958, p. 10.
• CARPEAUX Otto Maria. Livros que não há na mesa. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 09 ago. 1958, p. 9. (notícia)
• (?) Alemanha: livros de bolso. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 02 jan. 1959, p. 9.
• (?) Kafka, reabertura de um “Processo”... <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 16 maio 1959, p.9.
• CARPEAUX, Otto Maria. Novelas exemplares. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 25 jul. 1959, p.8.
• NATANSON, Wojciech. O teatro polonês de hoje foge às fórmulas de esquemas rígidos. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 25 jul. 1959, p. 9.

Década de 60

• (?) Schiller e o nazismo. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 27 fev. 1960, p. 9.
• (?) Um precursor de Kafka. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 23 abr. 1960, p. 9.
• (?) Tradutor alemão de Proust. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 30 abr. 1960, p. 9.
• (?) À procura da ordem. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 14 maio 1960, p. 9.
• COUTINHO, Edilberto. O romance moderno e a razão estética do nosso tempo. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 21 maio 1960. p. 9.
• OLIVEIRA, F. de. Vermelho & Verde: (I). <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 21 maio 1960, p. 8.
• GOMES, Eugênio. Margem de um conto popular. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 17 jun. 1960, p. 9.
• CARPEAUX, Otto Maria. Vestedijk [Simon Vestedijk]. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 25 jun. 1960, p. 9.
• (?) Edições recentes. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 09 jul. 1960, p.9.

• (?) Escolheu a língua francesa. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 16 jul. 1960, p. 9. (notícia)
• CARPEAUX, Otto Maria. O homem forte e o homem fraco. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 20 ago. 1960, p. 1.
• MONTEIRO, Adolfo Casais. Onde o método não basta. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 17 dez. 1960, p. 8.
• CARPEAUX, Otto Maria. Informações soltas. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 05 ago. 1961, p. 8.
• (?) Galeria: Jorge Luís Borges. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 23 set. 1961, p. 9.
• (?) Galeria: Robert Pinget. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 14 abr. 1962, p. 9.
• CARPEAUX, Otto Maria. Schnitzer, poeta de Viena. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 19 maio 1962, p. 9.
• (?) Faulkner: glória e réquiem. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 07 jul. 1962, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. O exemplo do velho. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 21 jul. 1962, p. 8.
• LEITE, Maurício Gomes. Além de estátuas. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 21 jul. 1962, p. 9.
• RIBEIRO, Léo Gilson. O compromisso do escritor é com a literatura. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 22 set. 1962, p. 7.
• FRIEIRO, Eduardo. Livros decisivos. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 19 jan. 1963, p. 8.
• CONY, C. H. Introdução a Robbe-Grillet (I). <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 02 mar. 1963, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. Anonimato de Traven. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 16 mar. 1963, p. 8.
• (?) Galeria: Ralph Elisson. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 01 jun. 1963, p. 9.
• (?) Galeria: Dino Buzzati. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 20 jul. 1963, p. 3.
• CUNHA, Fausto. II. Um mundo de gente viva. <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 03 ago. 1963, p. 2.

• CARPEAUX, Otto Maria. Romancista em Cuba. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 14 set. 1963, p. 2.
• BARBOSA, João Alexandre. A palavra e o fato. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 14 set. 1963, p. 3.
• MEYER, Augusto. Questionário. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 12 out. 1963, p. 2.
• (?) Galeria: Alexander Tvardovsky. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 26 out. 1963, p. 3.
• LEITE, Maurício Gomes. Dos conflitos ao abandono. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 07 mar. 1964, p. 3.
• PINTO, José Alcides. Augusto dos Anjos: cinquenta anos após sua morte. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 08 fev. 1964, p. 2.
• CARPEAUX, Otto Maria. Um capítulo na vida de Joyce. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 18 abr. 1964, p. 3.
• CARPEAUX, Otto Maria. Viena: arte e decadência. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 09 maio 1964, p. 3.
• (?) Uma jovem literatura. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 15 ago. 1964, p. 2.
• LEWIN, Willy. Os labirintos de Borges. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 22 ago. 1964, p. 3.
• (?) Itália: realistas e mágicos. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 19 set. 1964, p. 3.
• (?) Marcos do “novo romance”. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 17 out. 1964, p. 1.
• (?) Dino Buzzati. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 07 nov. 1964, p. 2.
• (?) Ensaio: mundos transfigurados. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 12 dez. 1964, p. 3. (crítica literária)
• (?) Um surrealista burlesco: Reinhardt Lettau. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 05 dez. 1964, p. 2.
• CARPEAUX, Otto Maria. A propósito de um inquérito: a Biblioteca de Noé. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 19 dez. 1964, p. 2.
• AUGUSTO, Sérgio. A nova literatura americana. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 30 jan. 1965, p. 1.

• CARPEAUX, Otto Maria. Burocracia e ficção. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 08 maio 1965, p. 1.
• (?) Prêmios franceses: reportagem estrangeira. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 11 dez. 1965, p. 2.
• (?) A vanguarda ontem e hoje: reportagem estrangeira. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 22 jan. 1966, p. 2.
• (?) A morte de Evelyn Waugh. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 23 abr. 1966, p. 1.
• (?) A poesia em quatro poetas. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 28 maio 1966, p. 2.
• CALAGE, Elói. O sentido e a máscara. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 30 jul. 1966, p. 2.
• FRANCIS, Paulo. Casamento e subversão. <i>Correio da Manhã</i>. 4º caderno. 06 nov. 1966, p. 2.
• (?) Entre dois pós-guerras. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 02 set. 1967, p. 1.
• (?) Grandes livros “indigestos”: um inquérito popular. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 06 jan. 1968, p. 1. (notícia)
• ANDRADE, C. Drumond. Exercício de sem (?) estilo. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 11 fev. 1968, p. 1.
• SPENDER, Stephen. Os jovens de Praga. <i>Correio da Manhã</i>. 2º caderno. 21 ago. 1968, p. 1.
• GÓES, R. A crise estudantil: (à maneira de Kafka). <i>Correio da Manhã</i>. 1º caderno. 01 nov. 1968, p. 3. (notícia)
• RODRIGUES, J. Observações sobre a cultura popular. <i>Correio da Manhã</i>. 4º caderno. 01 dez. 1968, p. 5.

Jornal do Brasil

Década 50

• KAFKA, Franz. Fragmentos; Franz Kafka. Trad. Ivo Barroso. <i>Jornal do Brasil</i>. 08 dez. 1958, p. 1. (fragmentos)

Década 60

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• KAFKA, Franz. O silêncio das sereias. <i>Jornal do Brasil</i>. Caderno B. 21 fev. 1965, p. 6. |
|---|

Década 70

- | |
|--|
| 1. OLIVEIRA FILHO, João de. OMBUDSMAN ou o homem que não leu Kafka. <i>Jornal do Brasil</i> . Caderno especial. 31 jan. 1971, p. 5. |
| 2. AZEVEDO, Elly. Como se Kafka escrevesse comédia. <i>Jornal do Brasil</i> . Caderno B. 14 jul. 1977, n. 97, p. 2. |
| 3. GROPILO, Ciléa. Uma exposição que melhor faria se convidasse Kafka. <i>Jornal do Brasil</i> . Caderno B. 09 nov. 1978, n. 215, p. 1. |
| 4. BOREL, Jacques. O destino comum dos artistas no Ocidente. <i>Jornal do Brasil</i> . Caderno B. 09 ago. 1979, n. 123, p. 10. (crítica literária) |
| 5. AZEREDO, Elly. Um processo kafkiano. “Os homens que eu tive”. <i>Jornal do Brasil</i> . Caderno B. 17 nov. 1979, n. 223, p. 2. |
| 6. (?) Fórmula de K. <i>Jornal do Brasil</i> . 28 maio 1977, p. 10. |
| 7. AMARAL, Zózimo Barroso. Kafka na ponte. <i>Jornal do Brasil</i> . Caderno B. 19 jul. 1977, n. 102, p. 3. |
| 8. (?) Uma aventura kafkiana. <i>Jornal do Brasil</i> . Serviço. 17 fev. 1978, n. 311, p. 10. |
| 9. AMARAL, Zózimo Barroso. Conversa com Kafka. <i>Jornal do Brasil</i> . Caderno B. 14 out. 1979, n. 189, p. 3. |

Década de 80

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">• AMARAL, Zózimo Barroso. Detran de Kafka. <i>Jornal do Brasil</i>. Caderno B. 05 maio 1980, n. 27, p. 3. |
| <ul style="list-style-type: none">• AMARAL, Zózimo Barroso. No mundo de Kafka. <i>Jornal do Brasil</i>. Caderno B. 27 nov. 1982, n. 233, p. 3. |
| <ul style="list-style-type: none">• (?) Light e Kafka. <i>Jornal do Brasil</i>. Caderno B. 18 jul. 1983, n. 101, p. 2. |

São Paulo

O Estado de S. Paulo

Década de 40

• CARPEAUX, Otto Maria. Um quadro da literatura contemporânea. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 22 maio 1942, n. 22253, p. 4-5.
• BASTILDE, Roger. Otto Maria Carpeaux. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 29 jul. 1943, n. 22665, p. 4.
• MILLIET, Sérgio. André Gide e “Le process” de Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 08 nov. 1947, n. 22233, p. 6.
• SILVEIRA, Alcântara. A sombra da estante. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 12 maio 1948, n. 22387, p. 8.

Década de 50

• MONTEIRO, Adolfo Casais. Arte de Hemingway. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Literatura e arte. 25 abr. 1954, n. 24221, p. 72.
• MARTINS, Wilson. Velhos e moços I. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 04 nov. 1954, n. 24385, p. 6.
• KLANSFER, Jules. Romancista de um mundo imaginário. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Literatura e arte. 3º caderno. 17 jul 1955, n. 24600, p. 87.
• MARTINS, Wilson. Os doze melhores romances. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 06 out. 1955, n. 24669, p. 6.
• (?) Ian Fleming. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 01 dez. 1956, n. 25026, p. 4.
• ESCOREL, Lauro. Um Kafka italiano. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento literário. 04 jan. 1957, n. 25053, p. 1.
• LEWIN, Willy. Em família. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento literário. 16 mar. 1957, n. 25113, p. 1.
• XAVIER, Lívio. Revista das revistas. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 30 mar. 1957, n. 25125, p. 6.
• ROSENFELD, Anatol. À procura do mito perdido. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 18 maio 1957, n. 25165, p. 4.
• ROSENFELD, Anatol. A dissolução do personagem. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento literário. 01 jun. 1957, n. 25177, p. 9.
• JACOBBI, Ruggero. O homem no labirinto. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento literário. 06 jul. 1957, n. 25207, p. 1.

• PEREIRA, Lúcia Miguel. Albert Camus em Iguape. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 06 jul. 1957, n. 25201, p. 6.
• GUINSBURG, J. S. Asch, o romancista do judaísmo. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 27 jul. 1957, n. 25225, p. 1.
• MONTEIRO, Adolfo Casais. Gerações na literatura. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Literatura e arte, 3º caderno. 02 mar. 1958, n. 25408, p. 69.
• MONTEIRO, Adolfo Casais. O evasivo romance. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 26 abr. 1958, n. 25454, p. 6.
• SILVA, Mário da. Toller, o revolucionário. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 26 jul. 1958, n. 25531, p. 6.
• CARPEAUX, Otto Maria. Romances proféticos. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 09 ago. 1958, n. 25543, p. 4.
• ROSENFELD, Anatol. Leste e oeste. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 17 jan. 1959, n. 25679, p. 1.
• XAVIER, Lívio. Revista das revistas. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 31 jan. 1959, n. 25691, p. 6.
• ROSENFELD, Anatol. A confusão de Babel. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 28 fev. 1959, n. 25716, p. 1.
• SIMOES, João Gaspar. Literatura e filosofia. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 11 abr. 1959, n. 25749, p. 3.
• ROSENFELD, Anatol. O caso de Nina B. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 25 abr. 1959, n. 25761, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. Livros que não há na mesa. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 13 jun. 1959, n. 25802, p. 2.
• CARPEAUX, Otto Maria. Novelas exemplares. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 25 jul. 1959, n. 25838, p. 4.

Década de 60

• CARPEAUX, Otto Maria. Música do Diabo e de Deus. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 02 jul. 1960, n. 26128, p. 6.
• CARPEAUX, Otto Maria. O homem forte e o homem fraco. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 20 ago. 1960, n. 26170, p. 3.
• BETHENCOURT, João. Ionesco e a liberdade. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 24 set. 1960, n. 26200, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. Colcha de retalhos. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 28 jan. 1961, n. 26307, p. 1.

• THEODOR, Erwin. Mecenas além de editor. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 4º caderno. 28 fev. 1961, n. 26331, p. 64.
• XAVIER, Lívio. Revista das revistas. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 18 mar. 1961, n. 26348, p. 6.
• XAVIER, Lívio. Revista das revistas. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 25 mar. 1961, n. 26354, p. 6.
• CARPEAUX, Otto Maria. A erudição de Mr. Huxley. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 22 jul. 1961, n. 26455, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. Informações soltas. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 05 ago. 1961, n. 26467, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. A confusão é geral. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 30 set. 1961, n. 26515, p. 1.
• FLUSSER, Vilém. Praga, a cidade de Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 28 out. 1961, n. 26539, p. 3.
• SIMOES, João Gaspar. Opiniões críticas de Ionesco. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 19 maio 1962, n. 24679, p. 2.
• CARVALHO, Antonio Pinto de. Literatura e sociedade. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 19 maio 1962, n. 24679, p. 4.
• CARPEAUX, Otto Maria. Kavafis e os bárbaros. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 26 maio 1962, n. 26713, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. Um conselho de Wilde. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 08 set. 1962, p. 2.
• SCHNAIDERMAN, Boris. Revelações de uma enciclopédia. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 19 set. 1962, n. 26821, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. O libreto. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 13 out. 1962, n. 26833, p. 6.
• FLUSSER, Vilém. Do projeto. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 27 out. 1962, n. 26845, p. 4.
• MARTINS, Wilson. Metamorfoses do romance. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 24 nov. 1962, n. 26868, p. 4.
• ROSENFELD, Anatol. Um léxico de RDA. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 27 abr. 1963, n. 26997, p. 1.
• LINHARES, Temistócles. O anti-romance. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 11 maio 1963, n. 27007, p. 4.

• XAVIER, Lívio. Revista das revistas. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 22 jun. 1963, n. 27043, p. 6.
• CARVALHO, Antonio Pinto de. Romance e metafísica. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 06 jul. 1963, n. 27055, p. 2.
• ALVARENGA, Octavio Mello. As fontes de Nabokov. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 17 ago. 1963, n. 27091, p. 4.
• MOISES, Leyla Perrone. Situação do “Nouveau Roman”. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 23 nov. 1963, n. 27175, p. 1
• ROSENFELD, Anatol. Balanço da ficção alemã. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 08 fev. 1964, n. 27239, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. Um capítulo da vida de Joyce. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 30 maio 1964, n. 27332, p. 6.
• CARPEAUX, Otto Maria. Viena, arte e decadência. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 06 jun. 1964, n. 27338, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. Dos gêneros. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 27 jun. 1964, n. 27356, p. 1.
• XAVIER, Lívio. Revista das revistas. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 15 ago. 1964, n. 27398, p. 6.
• CARPEAUX, Otto Maria. Política das traduções. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 06 fev. 1965, n. 27546, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. Sucesso de Buzzati. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 06 mar. 1965, n.27569, p. 1.
• SIMÕES, João Gaspar. Hermann Bloch e o “Nouveau Roman”. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 06 mar. 1965, n. 27569, p. 3.
• ROSENFELD, Anatol. Uma história de literatura alemã. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 13 mar. 1965, n. 27575, p. 1.
• FLUSSER, Vilém. Do funcionário. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 01 maio 1965, n. 27616, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. Burocracia e ficção. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 01 maio 1965, n. 27616, p. 2.
• CARPEAUX, Otto Maria. Interpretações dostoievskianas. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 26 jun. 1965, n. 27664, p. 6.

• SALLES, Francisco Luiz de Almeida. Enfim, os checos. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 03 jul. 1965, n. 27671, p. 3.
• CARPEAUX, Otto Maria. O artigo sobre os prefácios. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 28 ago. 1965, n. 27718, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. Este mundo e os outros mundos. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 05 fev. 1966, n. 27853, p. 4.
• ANDRADE, Carlos Drummond de. K. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 12 mar. 1966, n. 27882, p. 1.
• SCHWARZ, Roberto (Trad. e com.). “A tribulação de um pai de família”. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 12 mar. 1966, n. 27882, p. 4.
• CARPEAUX, Otto Maria. O mundo de Morel. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 26 mar. 1966, n. 27894, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. Canais e coroas. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 11 jun. 1966, n. 27959, p. 4.
• BARBOSA, João Alexandre. Tríplice desafio. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 25 jun. 1966, n. 27971, p. 1.
• ROSENFELD, Anatol. Correspondências de Thomas Mann. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 25 jun. 1966, n. 27971, p. 1.
• SCHAIDERMAN, Boris. A tímida sereia e o critico desconfiado. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 30 jul. 1966, n. 28001, p. 1.
• COELHO, Nelly Novaes. Os dragões e ... I. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 6 ago. 1966.
• COELHO, Nelly Novaes. Os dragões e ... II. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 13 ago. 1966.
• CARPEAUX, Otto Maria. Os moinhos de Deus. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 19 nov. 1966, n. 28096, p. 1.
• MARTINS, Wilson. Crítica como leitura I. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 4 fev. 1967.
• THEODOR, Erwin. Tendências e critica alemã. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 18 fev. 1967, n. 28173, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. Romance negro. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 24 jun. 1967, n. 28280, p. 6.

• FLUSSER, Vilém. Aberturas. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 24 jun. 1967, n. 28280, p. 6.
• FLUSSER, Vilém. Ensaaios. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 19 ago. 1967, n. 28328, p. 5.
• ROSENFELD, Anatol. O mito de M. Buber. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 09 set. 1967, n. 28346, p. 6.
• MOISES, Leyla Perrone. Duplicidade do romance e dubiedade da crítica. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 02 jan. 1968, n. 28459, p. 1.
• ROSENFELD, Anatol. Psicologia profunda e crítica. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 21 set. 1968, n. 28666, p. 1.
• HECKER FILHO, Paulo. O romance justificado. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 21 set. 1968, n. 28666, p. 6.
• ROSENFELD, Anatol. Dois falecimentos. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 18 jan. 1969, n. 28766, p. 1.
• THEODOR, Erwin. O parágrafo inicial dos modernos romances. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 15 mar. 1969, n. 28813, p. 1.
• THEODOR, Erwin. O romance reflete um novo universo. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 03 maio 1969, n. 28853, p. 1.
• MOISES, Leyla Perrone. As máscaras verbais. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 24 maio 1969, n. 28871, p. 1.
• CARPEAUX, Otto Maria. Ernest Fischer e a sociologia da música. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 07 jun. 1969, n. 2883, p. 5.
• LINHARES, Temístocles. Privilégio da crítica. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 28 jun. 1969, n. 28901, p. 4.
• BERRETTINI, Célia. Beckett dramaturgo e a condição humana. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 06 dez. 1969, n. 29039, p. 1.

Década de 70

• GIACOMELLI, Eloah. F. A arte mimética de Jane Austen. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 15 ago. 1970, n. 29250, p. 6.
• MARTINS, Wilson. Encontros e desencontros. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 14 nov. 1970, n. 29328, p. 4.
• HECKER FILHO, Paulo. A lucidez sobre o terror. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 28 fev. 1971, n. 29416, p. 6.
• LEWIN, Willy. De excentricidades e extravagâncias. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 26 set. 1971, n. 29594, p. 1.
• HECKER FILHO, Paulo. E o romance torna a nascer. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 04 jun. 1972, n. 29808, p. 4.
• DRUMOND, Décio. Macbeth. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 24 dez. 1972, n. 29980, p. 3.
• HECKER FILHO, Paulo. Esquema do conto. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 31 dez. 1972, n. 29986, p. 6.
• RONÁI, Paulo. Ao leste do homem. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 22 abr. 1973, n. 30081, p. 2.
• COELHO, Nelly Novaes. A literatura de transgressão. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 29 jul. 1973, n. 30164, p. 6.
• FERNANDEZ, Dominique. Comerciante de Trieste. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 23 set. 1973, n. 30212, p. 1.
• MOTTA, Dantas. Arnaldo Pedroso D'Horta. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 10 fev. 1974, n. 30329, p. 5.
• COELHO, Nelly Novaes. "Qadós". <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 24 mar. 1974, n. 30365, p. 6.
• (?) El mundo de José Luis Cuevas. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 28 abr. 1974, n. 30394, p. 1.
• CARONE, Modesto. Os doze estudos. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 28 abr. 1974, n. 30394, p. 5.
• NASCIMENTO, Esdras do. Avalovara. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 12 maio 1974, n. 30405, p. 1.
• VIEIRA, José Geraldo. Um livro experimental. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 14 jul. 1974, n. 30459, p. 1.
• SILVEIRA, Alcântara. Diário íntimo. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 18 ago. 1974, n. 30489, p. 6.
• MOTA FILHO, Candido. Os contos. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 06 out. 1974, n. 30531, p. 3.

• SILVEIRA, Alcântara. Bilhete a L. M. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 27 out. 1974, n. 30549, p. 5.
• VIZIOLI, Paulo. Alan Sillito. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 10 nov. 1974, n. 30560, p. 5.
• GONÇALVES, Delmiro. Dos alienados e do seu tempo. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 09 mar. 1975, n. 30660, p. 24.
• CHACON, Vamireh. Em Lubeck, a origem de uma arte universal. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Literário. 08 jun. 1975, p. 32.
• (?) O arquivo, um misto de Dickens e Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 13 jun. 1975, n. 30766, p. 20.
• LAPOUGE, Gilles. Revive com Bergman, 50 anos depois, o pesadelo de Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 09 maio 1976, n. 31020, p. 16.
• MERQUIOR, José Guilherme. A caracterização do moderno. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Cultural. 24 out. 1976, n. 31164, p.4.
• MERQUIOR, José Guilherme. O estilo moderno. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Cultural. 31 out. 1976, n. 31170, p. 6-7.
• THEODOR, Erwin. Alfred Döblin. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Cultural. 22 out. 1978, n. 31781, p. 6.
• (?) Os livros de Carpeaux agora são de todos. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 26 abr. 1979, n. 31936, p. 18.
• MARTINS, Luis. Pirandello ou Kafka? <i>O Estado de S. Paulo</i>. 26 jul. 1979, n. 32013, p. 24.
• DANTAS, Macedo. Ensaio e erudição. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Cultural. 09 set. 1979, n. 32052, p. 10.

Década de 80

• ROCHA, Hilton. Livros da semana. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Cultural. 27 jul. 1980, p. 11-13.
• (?) Bráulio Pedroso, contos e teatro numa só edição. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 13 out. 1981, n. 32696, p. 18.
• MARGULIES, Marcos. Canetti, além do tempo e do espaço. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Cultura. 08 nov. 1981, n. 32719, p. 8-9.
• MENGOZZI, Frederico. Peter Weiss: morre um ser político. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 12 mar. 1982, n. 32873, p. 22.
• CLEMENS, Anita; SABOIA, Napoleão. “A literatura é a única memória possível nos países onde domina o terror intelectual.” <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Cultura. 11 abr. 1982, n. 32847, p. 2-5.

• OTONDO, Tereza Monteiro; SCALZO, Nilo; GUINSBURG, Jacó. “Deveríamos estar juntos, porque juntos sofremos e o sofrimento deveria unir-nos”. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Cultura. 03 out. 1982, n. 3997, p. 2-4.
• CICCACIO, Ana Maria. Canetti, refletindo sobre o poder. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 15 mar. 1983, n. 33186, p. 38.
• (?) No Goethe, um painel sobre a obra de Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 26 ago. 1983, n. 33274, p. 19.
• (?) Da estréia de Puig aos encontros com Kafka. <i>O Estado de S. Paulo</i>. 09 set. 1983, n. 33286, p. 15.
• KAZIN, Alfred. Hannah Arendt: o amor e a solidão. <i>O Estado de S. Paulo</i>. Suplemento Cultura, 11 set. 1983, n. 33288, p. 12-14.

Folha de S. Paulo

Década de 40

• ANDRADE, Carlos Drummond de. Vinte livros na ilha deserta. <i>Folha da Manhã</i>. 08 out. 1942, p. 6.
• CANDIDO, Antônio. A quadragésima porta. <i>Folha da Manhã</i>. 1º caderno. 23 jan. 1944, n. 6095, p. 5.
• KOPKE, Carlos Burlamaqui. Teoria do conto moderno. <i>Folha da Manhã</i>. 15 jun. 1944, n. 6211, p. 7.
• SILVEIRA, Alcântara. Frente única. <i>Folha da Manhã</i>. 1º caderno. 10 jun. 1945, n. 6506, p. 5
• BASTIDE, Roger. Novas tendências do romance I. <i>Folha da Manhã</i>. 3º Caderno. 20 jan. 1946, n. 6692, p. 31.
• BASTIDE, Roger. Novas tendências do romance II. <i>Folha da Manhã</i>. 3º caderno. 27 jan. 1946, n. 6697, p. 31.
• (?) Semana literária. Notícias sobre Sartre e o existencialismo. <i>Folha da Manhã</i>. 3º Caderno. 26 out. 1947. n. 7229, p. 2.
• LINS, Álvaro. Os novos. <i>Folha da Manhã</i>. 1º caderno. 02 abr. 1948, n. 7361, p. 6.

Década de 50

• (?) Binário. <i>Folha da Manhã</i>. Atualidades e comentários. 13 jun. 1954, n. 9269, p. 2.

• MENEZES, Raimundo. Sérgio Milliet começou a escrever aos 15 anos, para impressionar a namorada. <i>Folha da Manhã</i>. Atualidades e comentários. 09 out. 1955, n. 9678, p. 59.
• TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Movimento literário. <i>Folha da Manhã</i>. Assuntos gerais. 29 out. 1955, n. 9685, p. 4.
• VIERA, José Geraldo. Apuros de um piloto de prova. <i>Folha da Manhã</i>. Atualidades e comentários. 30 set 1956, n. 9948, p. 63
• VIERA, José Geraldo. Conceito moderno do romance. <i>Folha da Manhã</i>. Atualidades e comentários. 11 nov. 1956, n. 9984, p. 4.
• VIEIRA, José Geraldo. Os Guimarães Rosa estrangeiros. <i>Folha da Manhã</i>. Atualidades e comentários. 07 abr. 1957, n. 10107, p. 66.
• VIEIRA, José Geraldo. Jean Sclumberg. <i>Folha da Manhã</i>. Atualidades e comentários. 07 jul. 1957, n. 10183, p. 2.
• VIEIRA, José Geraldo. Hermann Bloch. <i>Folha da Manhã</i>. Atualidades e comentários. 14 jul. 1957, n. 10189, p. 2.
• VIEIRA, José Geraldo. Literatura alemã recente. <i>Folha da Manhã</i>. Atualidades e comentários. 23 jun. 1957, n. 10171, p. 2.
• ATAIDE, Tristão de. Prefácio a um romance inédito. <i>Folha da Manhã</i>. Assuntos gerais. 18 ago. 1957, n. 10219, p. 6.
• VIEIRA, José Geraldo. O marginal. <i>Folha da Manhã</i>. Atualidades e comentários. 01 set. 1957, n. 10231, p. 3.
• VIEIRA, José Geraldo. Colin Wilson. <i>Folha da Manhã</i>. Atualidades e comentários. 03 nov. 1957, n. 10284, p. 3.
• VIEIRA, José Geraldo. Georg Trakl. <i>Folha da Manhã</i>. Assuntos culturais. 29 dez. 1957, n. 10331, p. 3.
• VIEIRA, José Geraldo. O moderno romance italiano. <i>Folha da Manhã</i>. Assuntos culturais. 22 dez. 1957, n. 10326, p. 3.
• (?) Binário. <i>Folha da Manhã</i>. Assuntos culturais. 12 jan. 1958, n. 10342, p. 2.
• VIEIRA, José Geraldo. O anti-romance. <i>Folha da Manhã</i>. Assuntos culturais. 12 jan. 1958, n. 10342, p. 3.
• (?) Letras estrangeiras. <i>Folha da Manhã</i>. Assuntos culturais. 16 fev. 1958, n. 10372, p. 2.
• ATAIDE, Tristão de. Satã nas letras I. <i>Folha da Manhã</i>. Assuntos culturais. 09 mar. 1958, n. 10389, p. 4.
• VIEIRA, José Geraldo. “Os mitos de Homero”. <i>Folha da Manhã</i>. Atualidades e comentários. 15 mar. 1965, n. 10089, p. 66.
• (?) Fatos e autores. <i>Folha da Manhã</i>. Atualidades e comentários. 20 dez. 1959, n. 10941, p. 4.

Década de 60

• ARROYO, Leonardo. Literatura e cristianismo. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 14 fev 1962, n. 11931, p. 3.
• SCHMIDT, Augusto Frederico. Impressões da Tchecoslováquia. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 10 out. 1962, n. 12169, p. 2.
• ARROYO, Leonardo. Livros e autores. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 11 jul. 1963, n. 12443, p. 5.
• ARROYO, Leonardo. Livros e autores-ficção científica. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 13 set. 1963, n. 12507, p. 3.
• ARROYO, Leonardo. Livros e autores: três novelas. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 26 set. 1963, n. 12520, p. 5.
• ARROYO, Leonardo. Face trágica da literatura. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 03 maio 1964, n. 12740, p. 2.
• ARROYO, Leonardo. Livros e autores. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 15 set. 1964, n. 12875, p. 6.
• ARROYO, Leonardo. Livros e autores. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 23 set. 1964, n. 12883, p. 6.
• ARROYO, Leonardo. Livros e autores. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 29 set. 1964, n. 12889, p. 3.
• ARROYO, Leonardo. Livros e autores. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 06 out. 1964, n. 12896, p. 2.
• ARROYO, Leonardo. Livros e autores. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 28 out. 1964, n. 12919, p. 3.
• ARROYO, Leonardo. Livros e autores. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 17 nov. 1964, n. 12938, p. 2.
• VIEIRA, José Geraldo. TS Eliot. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 10 jan. 1965, n. 12992, p. 2.
• MOUTINHO, Nogueira. Em memória de Augusto Frederico Schmidt. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 14 fev. 1965, n. 13027, p. 2.
• MOUTINHO, Nogueira. O romance (teoria e crítica). <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 28 mar. 1965. n. 13069, p. 2
• MOUTINHO, Nogueira. Sobre Bocage. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 26 set. 1965, n. 13251, p. 2.

• MOUTINHO, Nogueira. “A sereia e o desconfiado”. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 03 out. 1965, n. 13258, p. 2.
• MOUTINHO, Nogueira. Nos limites da ficção I. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 21 ago. 1966, n. 13580, p. 2.
• MOUTINHO, Nogueira. Nos limites da ficção III. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 04 set. 1966, n. 13594, p. 2.
• ATAIDE, Tristão de. O romance perene. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 06 nov. 1966, n. 13652, p. 2.
• (?) Judeus mostram livros de seu povo. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 13 dez. 1966, n. 13694, p. 1.
• (?) Teatro alemão com “espectros”. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 21 fev. 1967, n. 13764, p. 4.
• (?) Teatro alemão com “espectros”. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 03 mar. 1967, n. 13774, p. 5.
• (?) Bráulio volta com Kafka. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 17 mar. 1967, n. 13788, p. 5.
• MENDONÇA, Paulo. “O processo”. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 19 mar. 1967, n. 13790, p. 5.
• (?) O bravo soldado. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 27 set. 1967, n. 13982, p. 5.
• (?) Cinema. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 29 fev. 1968, n. 14137, p. 3.
• (?) Orson Welles: o gênio que não cresceu. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 02 mar. 1968, n. 14139, p. 3.
• MOUTINHO, Nogueira. O Lobo, Demian, Sidarta. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 20 abr. 1968, n. 14190, p. 3.
• MOUTINHO, Nogueira. “Memória de setembro” e “O viaduto”. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ciência e cultura. 05 jan. 1969, n. 14448, p. 46.
• MOUTINHO, Nogueira. O crepúsculo tcheco. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 07 fev. 1969, n. 14481, p. 19.
• MOUTINHO, Nogueira. Livros. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 10 abr. 1969, n. 14543, p. 31.
• (?) Expressionismo alemão em palestras e filmes. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 26 abr. 1969, n. 14559, p. 25

• MOUTINHO, Nogueira. Os profetas do mundo moderno. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 04 maio 1969, n. 14567, p. 52.
• MOUTINHO, Nogueira. Hermann Hesse I. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 06 jul. 1969, n. 14630, p. 54
• (?) Prêmio Nobel de literatura hospitalizado. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 11 jul. 1969, n. 14635, p. 17
• (?) Teste. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 18 set. 1969, n. 14704, p. 36.
• SILVA, Alcione T. Livro tem seu clube há 27 anos. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 18 set. 1969, n. 14704, p. 36.
• MOUTINHO, Nogueira. “Cem anos de solidão”. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 05 out. 1969, n. 14722, p. 60.
• (?) Autor de “Esperando Godot” ganhou nobel de literatura. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 24 out. 1969, n. 14740, p. 17.
• MOUTINHO, Nogueira. Esperando Beckett. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 16 nov. 1969, n. 14763, p. 70.

Década de 70

• (?) Teste. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 21 fev. 1970, n. 14860, p. 20.
• (?) Braulio e Marilda à procura de coisas novas na TV. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 05 mar. 1970, n. 14871, p. 21.
• MOUTINHO, Nogueira. Borges, original, inquieto, misterioso. <i>Folha de S. Paulo</i>. Caderno Especial. 07 jun. 1970, n. 14966, p. 36-37.
• MOUTINHO, Nogueira. Três ensaístas. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 30 ago. 1970, n. 15050, p. 36.
• MOUTINHO, Nogueira. Prosa de ficção IV. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 24 jan. 1971, n. 15197, p. 58.
• MOUTINHO, Nogueira. Dois memorialistas. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 21 fev. 1971, n. 15225, p. 28.
• MOUTINHO, Nogueira. “Convergência” II. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 28 mar. 1971, n. 15260, p. 52.
• MOUTINHO, Nogueira. Cortazar/ Octavio Paz/ Lezama Lima. <i>Folha de S. Paulo</i>. 3º Caderno. 02 maio 1971, n. 15295, p. 60.
• MOUTINHO, Nogueira. “Cem anos de solidão” versus “A procura do absoluto”. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 23 jun. 1971, n. 15347, p. 19.
• MOUTINHO, Nogueira. Proust no Brasil. <i>Folha de S. Paulo</i>.

Ilustrada. 10 jul. 1971, n. 15364, p. 23.
• (?) Roteiro das artes. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 27 jul. 1971, n. 15381, p. 29.
• MOUTINHO, Nogueira. O ano literário internacional em 1971. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 11 jan. 1972, n. 15549, p. 33.
• MOUTINHO, Nogueira. Buzzati Não verá mais “O deserto” na tela. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 23 fev. 1972, n. 15592, p. 27.
• MOUTINHO, Nogueira. Dickens, um mestre de muitos escritores. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 09 mar. 1972, n. 15607, p. 39.
• MOUTINHO, Nogueira. O estranho “Diário da guerra do porco”. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 12 nov. 1972, n. 15854, p. 70.
• (?) Os heróis invencíveis III. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 04 jan. 1973, n. 15907, p. 25.
• MOUTINHO, Nogueira. História social da literatura e da arte. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 01 abr. 1973, n. 15992, p. 56.
• (?) Borges, um escritor que não quer ser lembrado. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 16 maio 1973, n. 16037, p. 40.
• MOUTINHO, Nogueira. Livros. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 19 jun. 1973, n. 16071, p. 31.
• MOUTINHO, Nogueira. Uma contista e sua estréia. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 28 ago. 1973, n. 16141, p. 31.
• MOUTINHO, Nogueira. Anatol Rosenfeld. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 13 dez. 1973, n. 16247, p. 64.
• MOUTINHO, Nogueira. Paulo Duarte: “As raízes profundas”. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 28 fev. 1975, n. 16789, p. 35.
• MOUTINHO, Nogueira. “As mais que brancas”. <i>Folha de S. Paulo</i> . Caderno de Domingo. 20 abr. 1975, n. 16840, p. 37.
• MOUTINHO, Nogueira. Teoria literária e psicanálise existencial. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 06 jul. 1975, n. 16917, p. 59.
• MOUTINHO, Nogueira. Em memória de Hannah Arendt. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 14 dez. 1975, n. 17078, p. 78.
• FRANCIS, Paulo. Quando escritores fazem fila. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 26 jun. 1976, n. 17270, p. 29.
• AMANCIO, Moacir. Um processo à brasileira. <i>Folha de S. Paulo</i> . Ilustrada. 07 fev. 1977, n. 17476, p. 26.
• MAFFEI, Eduardo. Hemingway, dos pássaros aos tiros. <i>Folha de S. Paulo</i> . Caderno de Domingo. 10 jul. 1977, n. 17630, p. 65.
• FRANCIS, Paulo. Receita de Literatura: de Francis a Gullar. <i>Folha de</i>

<i>S. Paulo. Ilustrada. 02 set. 1977, n. 17684, p. 33.</i>
• MIGUEZ, Cristina. A morte de Clarice Lispector. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 10 dez. 1977, n. 17783, p. 29.</i>
• OLIVEIRA, Franklin. Otto Maria Carpeaux. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 04 fev. 1978, n. 17839, p. 30.</i>
• (?) Lembranças de Otto Maria Carpeaux. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 06 fev. 1978, n. 17841, p. 21.</i>
• DEL RIOS, Jéferson. Ensinando a pensar o teatro de nosso tempo. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 15 abr. 1978, n. 17909, p. 31.</i>
• MOUTINHO, Nogueira. O Rimbaud eslavo. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 06 maio 1978, n. 17930, p. 31.</i>
• MOUTINHO, Nogueira. Um escritor e dois romances. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 02 jul. 1978, n. 17987, p. 57.</i>
• FACIOLLI, Valentin. Um grande romancista no Brasil. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 18 mar. 1979, n. 18246, p. 69.</i>
• COSTA, Flávio Moreira. Prêmio Nobel para Dyonélio Machado. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 29 mar. 1979, n. 18257, p. 43.</i>
• CORTÁZAR, Júlio. O pescador de esponjas. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 27 maio 1979, n. 18316, p. 49.</i>
• FRANCIS, Paulo. Literatura. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 07 jun. 1979, n. 18357, p. 26.</i>
• VERÍSSIMO, Luiz Fernando. A metamorfose. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 20 jun 1979, n. 18340, p. 32.</i>
• MOUTINHO, Nogueira. Borges, 80 anos de literatura. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 24 ago. 1979, n. 18405, p. 35.</i>
• SQUEFF, Enio. Maldição burocrática também ataca a cultura. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 14 set. 1979, n. 18426, p. 37.</i>

Década de 80

• LOUZADA FILHO, O. C. O Brasil na obra de Thomas Mann. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 11 jan. 1980, n. 18545, p. 33</i>
• FRANCIS, Paulo. Sartre, o último romancista. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 17 abr. 1980, n. 18642, p. 35.</i>
• MOUTINHO, Nogueira. Sartre, mestre do romance contemporâneo. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 18 abr. 1980, n. 18643, p. 37.</i>
• (?) Livros. <i>Folha de S. Paulo. Ilustrada. 11 maio 1980, n. 18666, p. 51.</i>

• (?) Carone, o contista da outra realidade. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 18 jun. 1980, n. 18074, p. 29.
• LOUZADA FILHO, O. C. Ficção como recurso do desvendamento. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 15 set. 1980, n. 18793, p. 21.
• LOUZADA FILHO, O. C. O realismo equívoco do contista Carone. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 31 ago. 1980, n. 18778, p. 45.
• MOUTINHO, Nogueira. Há 120 anos o fim da realidade de Schopenhauer. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 21 set. 1980, n. 18799, p. 41.
• CUNHA, Maria Carneiro da. Lawrence, ainda um escritor polêmico. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 06 jan. 1981, n. 18906, p. 31.
• AMANCIO, Moacir. Três autores e os caminhos do romance. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 03 mar. 1981, n. 18962, p. 19.
• MOUTINHO, Nogueira. Hermann Bloch, a literatura como interrogação. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 30 maio 1981, n. 19050, p. 25.
• GOMES, Álvaro Cardoso. A fantasia dos homens nas mãos de Jorge Luis Borges. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 16 ago. 1981, n. 19128, p. 47
• TAIAR, Cida. Bráulio Pedroso entre Kafka e a esperança. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 11 out. 1981, n. 19184, p. 37. (crítica literária)
• OLIVEIRA, Franklin de. Canetti e a casa ocupada. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 18 out. 1981, n. 19191, p. 49.
• COELHO, Marcelo Penteado. Flaubert, quase kafkiano em seu livro inacabado. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 08 nov. 1981, n. 19212, p. 55.
• MERQUIOR, José Guilherme. Livro, mundo e poder. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 13 dez. 1981, n. 19247, p. 73.
• MOUTINHO, Nogueira. Cem anos de um revolucionário. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 02 fev. 1982, n. 19298, p. 33.
• COSTA, Caio Túlio. Viagem pelos incêndios da loucura. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 14 mar. 1982, n. 19338, p. 61.
• RONCARI, Luiz. Teoria da experiência. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 14 mar. 1982, n. 19338, p. 61.
• AUGUSTO, Sérgio. Parágrafos que agarram o leitor pelo colarinho. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 14 mar. 1982, n. 19338, p. 62.

• MOUTINHO, Nogueira. August Strindberg, gênio desconhecido. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 08 ago. 1982, n. 19485, p. 51.
• FRANCIS, Paulo. John, Updike, um talentoso escritor sem nenhum caráter. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 16 out 1982, n. 19554, p. 33.
• MOUTINHO, Nogueira. Contos do jovem Mann. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 24 out. 1982, n. 19562, p. 63.
• SANCHES, Ligia. Novos livros de Loyola, ao sol de outra realidade. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 10 nov. 1982, n. 19579, p. 33.
• MOUTINHO, Nogueira. Chega finalmente ao Brasil a mais pura voz do inferno. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 26 dez. 1982, n. 19625, p. 39.
• OLIVEIRA, Marli de. Muito alem da linguagem. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 26 dez. 1982, n. 19625, p. 39.
• (?) “São Paulo não merece o destino que está tendo”. <i>Folha de S. Paulo</i>. 1º caderno. 31 jan. 1983, n. 19661, p. 7.
• MOUTINHO, Nogueira. Duas obras gigantescas em resumo bem orquestrado. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 27 fev. 1983, n. 19688, p. 47.
• MOUTINHO, Nogueira. Poemas para ler em 2079. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 06 mar. 1983, n. 19695, p. 49.
• COSTA, Caio Túlio. Canetti e os limites do homem. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 22 maio 1983, n. 19772, p. 69.
• KAFKA, Franz. Uma mensagem imperial. <i>Folha de S. Paulo</i>. <i>Folhetim</i>. 03 jul. 1983, n. 19814, p. 2.
• KAFKA, Franz. Um golpe na porta do solar. <i>Folha de S. Paulo</i>. <i>Folhetim</i>. 03 jul. 1983, n. 19814, p. 3.
• KAFKA, Franz. A partida. <i>Folha de S. Paulo</i>. <i>Folhetim</i>. 03 jul. 1983, n. 19814, p. 5.
• KAFKA, Franz. Comunidade. <i>Folha de S. Paulo</i>. <i>Folhetim</i>. 03 jul. 1983, n. 19814, p. 5.
• KAFKA, Franz. Desista! <i>Folha de S. Paulo</i>. <i>Folhetim</i>. 03 jul. 1983, n. 19814, p. 5.
• KAFKA, Franz. O abutre. <i>Folha de S. Paulo</i>. <i>Folhetim</i>. 03 jul. 1983, n. 19814, p. 5.
• KAFKA, Franz. O passageiro. <i>Folha de S. Paulo</i>. <i>Folhetim</i>. 03 jul. 1983, n. 19814, p. 5.

• KAFKA, Franz. Pequena fábula. <i>Folha de S. Paulo</i>. Folhetim. 03 jul. 1983, n. 5.
• KAFKA, Franz. Diante da lei. <i>Folha de S. Paulo</i>. Folhetim. 03 jul. 1983, n. 19814, p. 12.
• CASTRO, Paulo de. Conflitos e enigmas de Walter Benjamin. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 17 jul. 1983, n. 19828, p. 74.
• (?) Uma quinzena com a cultura alemã. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 19 ago. 1983, n. 19861, p. 29.
• AUGUSTO, Sérgio. O expressionismo entre os cariocas. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 06 nov. 1983, n. 19940, p. 62.
• ESCOBAR, Pepe. Miller, a voz da razão ardente. <i>Folha de S. Paulo</i>. Ilustrada. 25 dez 1983, n. 19989, p. 41.